



**Edição facsimilada**  
com  
**Estudo Introdutório**  
por Manuel Ferro

**PREÇO 300 RÉIS**

IMP. LIBANIO DA SILVA · LISBOA





PREÇO 300 RÉIS

IMP. LIBANIO DA SILVA LISBOA



## Estudo Introdutório

por Manuel Ferro

PREÇO 300 RÉIS

IMP. LIBANIO DA SILVA LISBOA



# Estudo Introdutório

por Manuel Ferro

PREÇO 300 RÉIS

---

IMP. LIBANIO DA SILVA-LISBOA

# A implantação da República Portuguesa sob o olhar acutilante da paródia: *Republicaníadas*, de Marco António (António Correia Pinto de Almeida)<sup>1</sup>

Manuel Ferro  
Universidade de  
Coimbra

## Resumo:

Compreende-se que as celebrações do centenário da República portuguesa possam conduzir a uma exaltação incondicional do regime, fazendo esquecer momentos de crise vividos e consequentes manifestações de desagrado e desencanto. No entanto, ainda se vivia a euforia da sua instauração, já as primeiras vozes críticas se faziam sentir na imprensa através da caricatura ou de composições como o poema herói-cómico, de que *Republicaníadas*, de Marco António, pseudónimo de António Correia Pinto de Almeida, é um bom exemplo.

Numa dialéctica que segue uma lógica multidireccional de índole interdisciplinar e num desafio constante que a reescrita de textos heróicos representa, este género poético torna-se, assim, um espaço ideal de pesquisa, a fim de nele se analisar a contaminação da História e Teoria Literária com a análise textual imanente, num jogo de continuidades e rupturas, em que a subjectividade e a tradição continuamente se articulam. Será neste sentido que um poema como *Republicaníadas* deve ser encarado, na medida em que, privilegiando os modelos clássicos de referência, muito particularmente *Os Lusíadas*, visa a sua constante actualização, transformando-se numa chistosa 'charge' a diversas figuras dos primeiros anos do regime republicano e a acontecimentos imediatamente posteriores à revolução do 5 de Outubro. Destacam-se, sobremaneira, os protagonistas desse processo revolucionário, figuras tão populares como Teófilo Braga, Faustino da Fonseca, Brito Camacho, Gen.<sup>al</sup> Correia Barreto, Afonso Costa, António José d'Almeida, Bernardino Machado, Ferreira do Amaral, entre outros, numa abordagem, em determinados aspectos, verdadeiramente demolidora.

**Palavras-chave:** República; Paródia camoniana; Poema herói-cómico.

*Republicaníadas*, de Marco António, pseudónimo de António Correia Pinto de Almeida<sup>2</sup>, é um poema herói-cómico que supera a dimensão da literariedade. É o testemunho vivo de uma época, que, a par do discurso

<sup>1</sup> Marco António [Pseud. de António Correia Pinto de Almeida], *Republicaníadas*, Lisboa, Editado por Jayme Marques, Composto e Impresso na C. do Cabra, 7, 1913.

<sup>2</sup> António Correia Pinto de Almeida, segundo parecer de José M. Martins (<http://100anosrepublicaff.blogspot.com/2009/10/o-sr-bernardino-machado.html>), era natural da Figueira da Foz, cidade onde vem a desenvolver parte da sua actividade de jornalista. No entanto, Adriano da Guerra Andrade (*Dicionário de Pseudónimos e Iniciais de Escritores Portugueses*, Lisboa, Biblioteca Nacional, 1999, p. 294) levanta a hipótese de ele ter nascido em Lisboa, em data incerta, tendo também aí falecido em 13.05.1933.

Impressão: Offsetarte, Artes Gráficas, Lda.  
Figueira da Foz  
Tiragem: 500 exemplares



Câmara Municipal da Figueira da Foz  
Divisão de Cultura, Museu, Biblioteca e Arquivos



**FCT**

Fundação para a Ciência e a Tecnologia

historiográfico, reconstitui os acontecimentos do processo de instauração e consolidação da República em Portugal. Privilegia os primeiros anos do regime e, naturalmente, os que precederam o 5 de Outubro de 1910, fase preliminar da gesta republicana, apresentada num jogo de anacronias, perfeitamente adequado aos códigos que presidem à composição do género em causa.

Logo durante o período de gestação, foi este poema divulgado no jornal *Os Ridículos*, a partir do n.º 729, de 18 de Setembro de 1912, ostentando o título de *Paródia, sem pretensões aos «Luziadas», do nosso falecido collega e illustre thalassa, cidadão Luiz de Camões*, onde cada excerto era ansiosamente aguardado à medida que o poema ia sendo publicado. Não passou, por isso, despercebido do grande público leitor da imprensa quotidiana e, por conseguinte, logo em 1913, foi editado em livro com cuidadosa apresentação gráfica, acrescido de um *Dicionário mythológico dos vocabulos insertos no poema*<sup>3</sup>. O mesmo jornal — *Os Ridículos* — fez depois imprimir um número especial em formato reduzido, como reclame a este volume, em que incluía um desenho do caricaturista Silva Monteiro<sup>4</sup>, conseguida paródia ao quadro de Metrass<sup>5</sup>, acompanhado da esclarecedora legenda: “Camões lendo os «Lusíadas» a D. Sebastião (Quadro histórico), ou seja vicivamente... O nosso Marco António a ler as «Republicanfadas» ao Dr. Manuel d’Arriaga”. Sugestivo paralelismo!

Gozando de semelhante popularidade, não admira que Henrique de Campos Ferreira Lima o inclua no elenco das paródias a *Os Lusíadas*, na obra *As Paródias na Literatura Portuguesa. Ensaio bibliográfico*<sup>6</sup>, distinguindo e caracterizando aí as diferentes edições do poema. Mas, mais do que uma paródia<sup>7</sup>, *Republicanfadas* ostenta todos os atributos do poema herói-cómico

enquanto género e orienta-se pelos respectivos códigos, que a tradição literária ao longo dos séculos ajudou a consolidar.

Ora o poema herói-cómico<sup>8</sup>, por vezes olhado com preconceito e considerado um género menor, certamente em virtude da componente jocosa, irónica, satírica, cómica ou mesmo grotesca que lhe é inerente, deve ser visto também como o resultado de um conseguido processo de desconstrução<sup>9</sup> do paradigma épico mais canónico. Naturalmente que esse acto de desconstrução deve ser entendido enquanto estratégia de reflexão, de lançamento de hipóteses, de distanciamento e, ao mesmo tempo, de identificação ou associação com ideias ou modelos, numa contínua questionação dos códigos consagrados pela épica, de modo especial de matriz homérica e virgiliana, mas também camoniana, no contexto lusitano. E muito particularmente, numa dialéctica que segue uma lógica multidireccional de índole interdisciplinar e num desafio constante que a reescrita de textos heróicos representa, ao privilegiar matérias humildes. Torna-se, assim, um espaço ideal de pesquisa, a fim de se analisar a contaminação da História e Teoria literária com a análise textual imanente, num jogo de continuidades e rupturas, em que a subjectividade e a tradição se interrelacionam. É neste sentido que

<sup>3</sup> Marco António, *Republicanfadas*, loc. cit., pp. 83-96.

<sup>4</sup> Silva Monteiro foi um dos mais eminentes caricaturistas do período da instauração da República, pertencendo ao corpo redactorial do jornal *Os Ridículos*, bissemanário humorístico, a par de Alonso (Santos Silva), Stuart e Carvalhais, Colaço, Natalino Melquiades e José Pargana, no desenho humorístico e na caricatura política, enquanto os textos eram assegurados por Magalhães (Xavier de Magalhães), Sousa Pinto, Aníbal Nazaré, Nelson de Barros, Borges de Antão, Casimiro Godinho, entre outros, responsáveis por uma contínua e inspirada crítica à classe política da época.

<sup>5</sup> Francisco Augusto Metrass (Lisboa, 07.02.1825 – Funchal, 14.02.1861) entra para a Academia das Belas-Artes de Lisboa aos onze anos de idade, partindo em 1844 para Roma e, de seguida, para a Alemanha, onde contacta com o Grupo dos Nazarenos. Regressa a Portugal e dedica-se à pintura, mas como não era devidamente apreciado, abandonou esta actividade. Só numa segunda fase, depois de voltar a Paris, em 1854, ingressa como professor da Academia de Belas-Artes e os seus quadros de pendor romântico despertam o interesse do público, muito particularmente *Camões na gruta de Macau*, o *Juízo de Salomão*, o *Enterro de Cristo* e *Só Deus!*. Morre precocemente, vítima de tuberculose.

<sup>6</sup> Henrique de Campos Ferreira Lima, *As Paródias na Literatura Portuguesa. Ensaio bibliográfico*, Lisboa, Solução Editora, 1931, pp. 39-40.

<sup>7</sup> Sobre o conceito de ‘paródia’, vejam-se, entre outros títulos e autores, Fred. W. Householder, Jr., “ΠΑΡΩΔΙΑ”, in *Classical Philology*, Vol. XXXIX, N.º 1, 1944, pp. 1-9; F. J. Lelièvre, “The basis of ancient parody”, in *Greece & Rome*, 2nd Series, 1, 1954, pp. 66-81; Hermann Koller, “Die Parodie”, in *Glotta. Zeitschrift für griechische & lateinische Sprache*, XXXV. Band, 1/2. Heft, 1956, pp. 17-30; J. G. Riewald, “Parody as criticism”, in *Neophilologus*, Vol. 1, N.º 1, Groningen, J. B. Wolters, 1966, pp. 125-148; Sanda Golopentia-Eretescu, “Grammaire de la parodie”, in *Cahiers de*

*linguistique theorique et appliquee*, 6, 1969, pp. 167-181; Egert Pöhlmann, “ΠΑΡΩΔΙΑ”, in *Glotta. Zeitschrift für griechische & lateinische Sprache*, L. Band, 1972, pp. 144-156; Olga M. Freidenberg, “The origin of parody”, in *Semiotics and Structuralism. Readings from the Soviet Union*, White Plains (New York), International Arts and Sciences Press, 1975-1975, pp. 269-283; Nella Gianetto, “Rassegna sulla parodia in letteratura”, in *Lettere Italiane*, XXIX, 4, 1977, pp. 46-66; António Gomez-Moriana, “Intertextualité, interdiscursivité et parodie: pour une sémalyse du roman picaresque”, in *Canadian Journal of Research in Tematics*, 8, 1980-1981, pp. 15-32; Gérard Genette, *Palimpsestes. La Littérature au Second Degré*, Paris, Éditions du Seuil, 1982, pp. 157-164; Linda Hutcheon, *Uma teoria da paródia*, Lisboa, Edições 70, 1985; Sílvia Longhi, “Propagata Voluptas: Henri Estienne et la Parodie”, in *Bibliothèque d’Humanisme et Renaissance*, Tome XLVII, n.º 3, 1985, pp. 595-608; Reinhold F. Gleis, “Die Parodie als Schlüssel zur Vermittlung von ‘Kulturgut’”, in Dulce Estefanía y María Teresa Amado, editoras, *Las literaturas griega y latina en su contexto cultural y lingüístico. Colloquium didacticum classicum*, Santiago de Compostela, Xunta de Galicia, Consellería de Educación, 1995, pp. 71-80; Paulo Sérgio Margarido Ferreira, *Os elementos paródicos no ‘Satyricon’ de Petrónio e o seu significado*, Lisboa, Edições Colibri, 2000; *Idem*, “A paródia e as suas implicações didácticas”, in *III Colóquio Clássico. Actas*, Aveiro, Departamento de Línguas e Culturas da Universidade, 1999, pp. 113-137; *Idem*, “O tempo na paródia: anulação e efeitos derivados”, in *Euphrosine*, 28, 2000, pp. 177-186; *Idem*, “O significado de paródia na *Apocolocyntosis* de Séneca”, in *De Augusto a Adriano. Actas do Colóquio de Literatura Latina*, Lisboa, Universidade de Lisboa, 2000, pp. 361-369; *Idem*, “Paródia ou paródias?”, in Carlos de Miguel Mora (Coord.), *Sátira, paródia e caricatura: da Antiguidade aos nossos dias*, Aveiro, Universidade de Aveiro, 2003, pp. 279-300.

<sup>8</sup> Sobre os códigos do poema herói-cómico, consulte-se Gérard Genette, *op. cit.*, pp. 147-157, bem como o nosso ensaio sobre esta matéria e a bibliografia nele indicada (Manuel Ferro, “Transitoriedade e caducidade dos géneros literários: o caso do poema herói-cómico”, in *Volume de Homenagem a Maria Manuela Nobre Gouveia Delille*, Coimbra, Faculdade de Letras da Universidade, 2010).

<sup>9</sup> Sobre este conceito, remeto, a título de exemplo, para os esclarecedores contributos de Vítor Manuel de Aguiar e Silva, “A Teoria da Desconstrução, a Hermêutica Literária e a Ética da Literatura”, in *O Escritor. Revista da Associação Portuguesa de Escritores*, n.º 1, 1993, pp. 74-79, e David E. Wellbery, *Neo-Retórica e Desconstrução*, Rio de Janeiro, EdUERJ, 1998.

*Republicaniadas* deve ser abordado: por um lado, privilegiando um modelo clássico de referência seguido — *Os Lusíadas*, um poema de exaltação nacional; por outro, visando a sua constante desconstrução e actualização, de acordo com a nova matéria tratada e o contexto em que surgiu.

Além deste poema, conhece-se do seu autor um outro título de carácter polémico — *O Sr. Bernardino Machado existiu e existe (refutação científica das erróneas doutrinas expendidas pelo ímpio Crispim no seu folheto «O Sr. Bernardino Machado nunca existiu»*<sup>10</sup>. Crispim era, pois, o pseudónimo de Eugénio Severim Azevedo, escritor e jornalista monárquico, que foi redactor da *Nação* e director do jornal de caricaturas *O Talassa*, tendo redigido provocatoriamente, na altura, o opúsculo *O Sr. Bernardino Machado nunca existiu*<sup>11</sup>, que veio incendiar as hostes republicanas.

Em resposta a esse opúsculo de Crispim, insurge-se o poeta e autor dramático republicano, António Correia Pinto de Almeida, que assinava, como sabemos, com o pseudónimo de 'Marco António', mas também com o de 'António Amargo'. Circulando em paralelo no mundo na imprensa diária, foi director da *Gazeta da Figueira*, do n.º 2348, de 24/10/1914 ao n.º 2356, de 21/11/1914, e publicou, entre outras, as peças de teatro — *O Degredado*<sup>12</sup>, *Polícia Amador*<sup>13</sup> e *Os Conspiradores*<sup>14</sup> —, além de dois volumes de poesias intitulados *Alcofinhas. Cantares*<sup>15</sup>, de 1922, e *Vozes do Silêncio*<sup>16</sup>, entre muitos outros títulos.

Se estes dados não fossem conhecidos, poderia supor-se que uma análise tão acutilante do regime republicano, como a que é apresentada em *Republicaniadas*, pudesse ser obra de um monárquico. Todavia, ao longo do poema, pelas alusões que o autor vai tecendo sobre a sua pessoa, cedo ficamos a conhecer em que quadrante político milita, em que facção se insere, quais as suas ideias sobre as questões afloradas e até as alternativas que considera preferíveis para a resolução dos problemas e da crise vivida.

Com o fim de deixar até as suas críticas bem explícitas, o dito volume abre-se com um triplo prefácio dirigido “Aos críticos”<sup>17</sup>, “Aos políticos”<sup>18</sup> e “Ao público”<sup>19</sup>. É o primeiro destes textos de apresentação que mais significativo se torna para definir a atitude irónica do autor quanto ao devir da poesia contemporânea, quando afirma:

“Agora que a poesia tende a tornar-se n’um género tão delgado, subtil e simples, que às vezes mal se compreende através da diaphaneidade da

sua contextura, estas maciças oitavas à moda dos tempos do pai Adão devem ferir bem rudemente os delicadíssimos tympanos modernos.”<sup>20</sup>

Consciente de que não se tratará de um tipo de poesia muito adequado aos padrões da época, espera ainda assim o autor que este poema, mesmo não passando de “sediças velharias”, no suposto entender dos poetas e críticos da actualidade, acabe por ser devidamente apreciado. Sem se importar com opiniões alheias, a obra é, pois, o resultado do capricho que lhe deu de “versejar à antiga”<sup>21</sup>.

“Apeteceu-me parodiar Camões, como me poderia ter dado para parodiar Guerra Junqueiro ou Afonso Lopes Vieira.

E visto que todas as liberdades são agora moeda corrente n’este liberalíssimo país, livre fica a crítica de me zurzir à vontadinha.”<sup>22</sup>

Mas, além dessa aparente displicência perante a intelectualidade contemporânea, no campo da política, professa a sua fidelidade à República, mais especificamente à ideia de República tal como é concebida pelo sector da opinião pública simpatizante com o ideário de António José de Almeida<sup>23</sup>, em cujos meios o autor deambula, a par de Vasconcelos e Sá<sup>24</sup>, Egas Moniz<sup>25</sup>, o “risonho compadre Celorico”<sup>26</sup>, ou Pimenta de Castro<sup>27</sup>, entre outros:

<sup>20</sup> *Idem*, “Aos críticos”, in *idem, ibidem*, p. 7.

<sup>21</sup> *Idem, ibidem*, p. 7.

<sup>22</sup> *Idem, ibidem*, p. 8.

<sup>23</sup> António José de Almeida (Vale da Vinha, Penacova, 1866 – Lisboa, 03.10.1929), formado em Medicina, iniciou-se na vida política em 1904, depois de regressar de S. Tomé, tornando-se um ídolo das classes populares, graças ao domínio exemplar da palavra e pela sua afabilidade. Em 1912, depois da desagregação do Partido Republicano Português, fundou o que era considerado mais moderado dos novos três partidos de inspiração republicana. Desempenhou o cargo de Ministro do Interior no Governo Provisório, Chefe do Governo em 1916 e 1917, Presidente da República entre 06.08.1919 e 05.10.1923, sendo o único até 1926 a ocupar o cargo até ao fim.

<sup>24</sup> Alexandre José Botelho de Vasconcelos e Sá (Porto, 28.11.1872 – 01.10.1929), seguidor de Sidónio Pais, desempenhou os cargos de Secretário de Estado das Colónias no governo liderado por aquele político, de 15 de Maio a 23 de Dezembro de 1918, e de Ministro da Agricultura, no governo nacionalista de Ginestal Machado, de 15 de Novembro a 17 de Dezembro de 1923. Vasconcelos e Sá foi igualmente deputado, eleito pelo distrito de Portalegre, em 1918, no acto levado a cabo para legitimar o regime saído do golpe liderado por Sidónio no ano anterior, a denominada “República Nova”.

<sup>25</sup> António Caetano de Abreu Freire Egas Moniz (Avança, Estarreja, 29.11.1874 – Lisboa, 13.12.1955) formou-se em Medicina pela Universidade de Coimbra, em 1900, e foi nomeado Professor dois anos depois. Frequentou ainda as clínicas neurológicas de Paris e Bordéus. Em 1911, ficou encarregado da leccionação da cadeira de Neurologia, na Universidade de Lisboa. Notabilizou-se como médico neurologista e neurocirurgião, tendo visto a sua carreira reconhecida com o Prémio Nobel da Medicina, em 1949. Enquanto escritor, foi memorialista e interessou-se pelas biografias de vultos eminentes do mundo das letras e das artes plásticas.

<sup>26</sup> António Caetano Celorico Gil (Cacela, Castro Marim, 1878 – S. Marcos da Ataboeira, 10.09.1930) formou-se em Direito na Universidade de Coimbra. Estabeleceu-se como advogado em Silves e, depois, ingressou na vida política, acompanhando o percurso de António José de Almeida. Foi deputado às Constituintes e,

<sup>10</sup> Marco António [Pseud. de António Correia Pinto de Almeida], *O Sr. Bernardino Machado existiu e existe* [...], Figueira da Foz, Imprensa Lusitana, 1914.

<sup>11</sup> Crispim [Pseud. de Eugénio Severim Azevedo], *O Sr. Bernardino Machado nunca existiu*, Lisboa, Tip. da Modesta, 1914.

<sup>12</sup> António Amargo [Pseud. de António Correia Pinto de Almeida], *O Degredado: Grand-Guignol em 1 acto* [...], Figueira da Foz, Arnaldo Sobral e José Gaspar, [1925?].

<sup>13</sup> *Idem, Polícia Amador*, Figueira da Foz, s. d..

<sup>14</sup> *Idem, Os Conspiradores*, Figueira da Foz, s. d..

<sup>15</sup> Marco António [Pseud. de António Correia Pinto de Almeida], *Alcofinhas. Cantares*, Figueira da Foz, 1922.

<sup>16</sup> António Correia Pinto de Almeida, *Vozes do Silêncio: Sonetos*, Figueira da Foz, A. C. P. d'Almeida, [190-?].

<sup>17</sup> Marco António, “Aos críticos”, in Marco António, *Republicaniadas*, loc. cit., pp. 7-8.

<sup>18</sup> *Idem*, “Aos Políticos”, in *idem, ibidem*, pp. 9-10.

<sup>19</sup> *Idem*, “Ao público”, in *idem, ibidem*, p. 11.

“E eu também, se calado me não fico,  
Às vezes por lá meto o meu nariz,  
Temos um chefe que é muito simpático,  
E só tem um defeito: — ser lunático.” (II, XVII, 5-8)<sup>28</sup>

Mais adiante, quando relata o combate de Chaves, afirma abertamente que “a vitória se inclina para os nostros” (III, XL, 8; sublinhado nosso), numa clara identificação do seu posicionamento ideológico e político. E mais: não se incluía no número daqueles que se viram rapidamente promovidos com a nova situação, porque não tem pudor em declarar quanto lhe vinha a calhar um reconhecimento que se traduzisse em numerário:

#### “XLIV

Este foi da Rotunda o grande feito,  
Que rendeu promoções por distinção  
Feitas um pouco a torto e a direito,  
E que trouxe ao Machado uma pensão  
Que para mim calhava agora a jeito.  
D’onde se vê que a mais formosa acção  
N’este século vil, interesseiro,  
Tem como prémio um pouco de dinheiro!” (II, XLIV)<sup>29</sup>

No fim do poema, reforça a mesma ideia, quando reconhece que o seu contributo para a regeneração da República talvez não passe de uns palpites sem fundamento, opiniões que cada um se julga no direito de proferir, muito embora tal atitude não impeça de exprimir o cansaço que o acomete, à boa maneira de encerrar o canto épico em cada Canto, segundo os modelos canónicos e, deste modo, interromper o discurso. Contudo, se a recompensa acaba por não se traduzir nos meios pecuniários a que alude, já não considera tudo perdido se o reconhecimento poético alguma vez vier a ter lugar:

#### “XLVI

Mas basta de sermão e de conselhos,  
Que eu cá nem padre sou, nem conselheiro  
É mania que vem dos tempos velhos  
Toda a gente palrar do seu poleiro  
Homens, mulheres, velhos e fedelhos;

em diferentes legislaturas, eleito sempre pelo distrito de Faro. Ainda esteve na Guiné a exercer advocacia. Regressado a Lisboa, fundou e dirigiu o *Diário Popular*.

<sup>27</sup> José Joaquim Pereira Pimenta de Castro (Pias, Monção, 05.11.1846 – Lisboa, 14.05.1918) formou-se em Matemática pela Universidade de Coimbra; depois, enveredou pela carreira militar, chegando a General, e desempenhou as funções de Comandante da Região Militar do Porto. Foi Ministro da Guerra (1911) e Presidente do Ministério (1915) num governo formado com o apoio do Partido Republicano Evolucionista, da União Republicana e de facções militares conservadoras.

<sup>28</sup> Marco António, *Republicaniadas*, loc. cit., p. 35. Para o caso específico deste poema, em cada citação que, de futuro, será feita, será indicado o número do canto, seguido do número da estância, em caracteres romanos, e, se for o caso, no final, o número dos versos transcritos, em numeração árabe.

<sup>29</sup> *Idem, ibidem*, p. 42.

Que não há português bem verdadeiro  
Que não julgue que tem dentro do peito  
O germen d’um talento de respeito.

#### XLVII

Mas já me vai cansando a inspiração  
Do voo tão seguido e demorado;  
Só me resta pedir a protecção  
Do patriarca das letras encartado;  
— Oh! Teófilo Braga, oh! Sabichão  
Abre o teu guarda-chuva celebrado  
Sobre a minha cabeça e, complacente,  
Deita a bênção ao pobre irreverente!

#### XLVIII

— Tu, que já és das musas conhecido  
E do cantante Apolo comensal,  
Tu, que és tão respeitado e tão querido  
Por todo o florescente Portugal,  
Conduz-me ao Olimpo esclarecido  
No teu *Carro do Povo* triunfal,  
E diz ao mundo em épico arremesso  
Que eu sou novo Camões... feito de gesso.” (IV, XLVI-XLVIII)<sup>30</sup>

Sob o patrocínio e a fecunda sabedoria de Teófilo Braga<sup>31</sup>, já homem de letras consagrado ao tempo, tornar-se-ia mais fácil que o seu estro poético fosse admirado, apesar de irreverente, e se tornasse o Camões dos tempos modernos. Talvez por isso, sobreponha aos heróis do passado os protagonistas da política do tempo. Assim, ironicamente, a matéria poética em nada parece desmerecer do estilo em que se vê imortalizada e os notáveis da nova era bem poderiam rivalizar com os antigos. A proposição apresenta, de modo sintético, a acção e os respectivos agentes, de acordo com os códigos poéticos

<sup>30</sup> *Idem, ibidem*, pp. 80-81.

<sup>31</sup> Joaquim Teófilo Fernandes Braga (Ponta Delgada, 24.02.18 – Lisboa, 28.01.1924) foi político, militando nas fileiras republicanas, escritor e ensaísta português. Estreia-se na literatura em 1859, com *Folhas Verdes*. Licenciado em Direito pela Universidade de Coimbra, fixa-se em Lisboa em 1872, onde lecciona literatura no Curso Superior de Letras. Da sua carreira literária, contam-se obras de história literária, etnografia (com especial destaque para as recolhas de contos e canções tradicionais), poesia, ficção e filosofia. Em 1910, presidiu ao Governo Provisório e, em 1915, foi durante algum tempo Presidente da República. Em termos de crítica literária, foi um dos principais representantes do Positivismo em Portugal. Como poeta, publicou *A Visão dos Tempos* (1864), *Tempestades Sonoras* (1864), *Torrentes* (1869) e *Miragens Seculares* (1884). Na qualidade de folclorista, *Contos tradicionais do povo português* (1883), *O povo português nos seus costumes, crenças e tradições* (1885) e *História da poesia popular portuguesa* (1902-1905). Enquanto pensador positivista, publicou *Traços gerais da filosofia positivista* (1877). No âmbito dos estudos literários, a *História da Literatura Portuguesa* (1909-1918) e *História do Teatro Português* (1870-1871). Entre outros estudos, ainda publicou uma monumental *História da Universidade de Coimbra* (1892-1902), em 4 volumes.

reconhecidos e aceitos<sup>32</sup>, muito embora agora com uma nova carga jocosa, o que simultaneamente deslumbra e distancia o leitor:

I

As armas e os varões verde-encarnados,  
Que em certa noite foram p'ra a Rotunda  
E combateram como endiabrados  
P'ra implantar a Republica fecunda,  
E que foram depois recompensados  
No parlamento «Hotel da barafunda»  
Com chorudas pensões e gordas postas,  
Entre foguetes bons de três respostas;

II

E também os terríveis carbonários  
Que se entretinham bombas fabricando  
Para na hora final dos sustos vários  
As irem pelas ruas atirando;  
E os caudilhos audazes, temerários,  
Que trataram de se ir mas foi raspando,  
Cantando espalharei por toda a parte,  
Se a tanto me ajudar pachorra e arte.

III

Cesse d'antigos lusos a bravura,  
Quando em frágeis batéis, audaciosos,  
Iam por esses mares à ventura;  
Calem-se os velhos feitos gloriosos,  
Rasgue-se a nossa História pobre e escura,  
Abram d'espanto a boca os mais famosos,  
Que eu canto moderníssimas façanhas  
Que farão ficar todos às aranhas.” (I, I-III)<sup>33</sup>

Como se torna evidente, o jogo de intertextualidade estabelecido com o modelo camonianiano dá mais relevo às fraquezas e ao oportunismo marcantes da classe política ascendente, à cobardia dos comandantes da antiga ordem, à violência gratuita dos carbonários e ao terror por eles gerado, do que aos feitos que seria de esperar ver cantados num poema em oitava rima. E, pelo tom sarcástico assumido, o leitor fica preparado para testemunhar a desconstrução do paradigma épico tradicional! Até porque no lugar dos modelos fantasiosos rejeitados por Camões, para afirmar uma nova geração de figuras, são agora referidos os gigantes de outrora, os grandes obreiros da empresa das descobertas, fazendo com que os recentes artífices da gesta republicana

<sup>32</sup> Sobre a proposição camonianiana, que serve de modelo e base da paródia, consulte-se o comentário tecido por Manuel de Faria e Sousa em Luís de Camões, *Lusíadas*, Lisboa, Tomo I, Madrid, por Ivan Sanches, 1639, col. 139-157; Hernâni Cidade, *Luís de Camões. O Épico*, Lisboa, Editorial Presença, 1985 (1.ª ed.: 1950), pp. 41-45; ou José Filgueira Valverde, *Camões*, Coimbra, Livraria Almedina, 1982, pp. 229-249 (1.ª ed.: Madrid, Editora Nacional, 1972).

<sup>33</sup> Marco António, *Republicantadas*, loc. cit., p. 13.

cantados de modo burlesco sejam o reflexo sintomático da decadência da raça e da história do povo que somos. No mesmo sentido se orienta a montagem da invocação<sup>34</sup>:

IV

E vós, oh musas minhas, se me achais  
Com piada bastante p'ra o poema  
Em que se hão-de narrar proezas tais,  
Dai-me dez réis d'inspiração suprema,  
Derramai sobre mim rios caudais  
D'espírito e valor, que eu nada tema,  
E se mordam d'inveja os mais pintados  
Ao lerem versos tão bem acabados.

V

Dai-me uma rima fácil e fluente,  
Um estilo humorístico e feliz,  
E um dicionário bom, constantemente,  
Por debaixo da ponta do nariz;  
Um estro à Tolentino, irreverente,  
Para realçar dos feitos o matiz,  
Que eu prometo fazer um canto belo  
Que meta o de Camões em um chinelo.” (I, IV-V)<sup>35</sup>

Os termos em que o pedido é formulado, a pretender “piada”, “dez réis d'inspiração”, a capacidade de despertar a inveja nos restantes poetas; em termos estilísticos, “uma rima fácil e fluente”, “um estilo humorístico e feliz”, um vocabulário prolixo, mais próximo da veia sarcástica de Nicolau Tolentino de Almeida, a ponto de, de alguma forma, superar o de Camões, parecem conduzir, não só à desconstrução da epopeia, como à composição de um poema, cuja concepção se situe nos seus antípodas. Em suma, Marco António pretende recriar o género, pela senda do burlesco, infundindo-lhe uma nova vitalidade com elementos da sátira.

Já na dedicatória<sup>36</sup>, além de se dirigir a Manuel da Arriaga<sup>37</sup>, exaltando a sua bondade natural e complacência, assim como a nobreza de carácter assente no peso do sangue de famílias da velha aristocracia, qual D. Sebastião dos novos tempos, cujo paralelismo se evidencia - o que o torna uma figura

<sup>34</sup> Acerca da invocação de *Os Lusíadas*, sejam de ter em mente igualmente os comentários tecidos por Manuel de Faria e Sousa, *op. cit.*, col. 157-166, e José Filgueira Valverde, *op. cit.*, pp. 229-249.

<sup>35</sup> Marco António, *Republicantadas*, loc. cit., p. 14.

<sup>36</sup> Também quanto à dedicatória camonianiana, sejam de ter em conta os comentários apontados anteriormente: o de Manuel de Faria e Sousa, *op. cit.*, col. 166-188, e José Filgueira Valverde, *op. cit.*, pp. 229-249.

<sup>37</sup> Manuel José de Arriaga Brum da Silveira e Peyrelongue (Horta, 08.07.1840 – Lisboa, 05.03.1917), Licenciado em Direito pela Universidade de Coimbra, em 1865, foi o primeiro Presidente da República constitucional, de 1911 a 1915, depois de um breve mandato como reitor da referida Universidade. Deputado eleito em 1882, fogaoso orador, veio a pertencer ao Directório Republicano por ocasião da revolta de 31 de Janeiro de 1891. Enquanto Presidente, preocupou-se em estabelecer a harmonia social e publicou algumas obras em verso e em prosa, de pendor pósromântico.



perfeitamente descontextualizada no ambiente republicano em que se insere, “[...] enquanto esta gatinha barafusta / N’uma ambição de mando desmedido” (I, IX, 3-4) -, enumera, em contraponto, a nova pléiade de “heróis” que posteriormente tenciona exaltar:

#### “VI

E vós, oh bem nascido Presidente  
Da lusitana, sã democracia,  
E não menos certíssimo parente  
Da mais antiga e boa fidalguia,  
Vós, velhinho bondoso e complacente,  
Metido não sei como na folia,  
Entrando da República nos actos  
Como no Credo tem d’entrar Pilatos.” (I, VI)<sup>38</sup>

Os méritos do supremo magistrado da nação, na realidade, bem o poderiam, pois, equiparar a um monarca; nessa ordem de ideias, mais dignidade alcança por se dignar, mesmo assim, suportar as rixas entre as diferentes facções (“almeidistas, britistas ou dramáticos”, I, VIII, 8) dentro do Partido Republicano, no poder:

#### “X

Vereis piada grossa, mas não feita  
Por talassice ou coisa semelhante,  
Mas para ver se a Pátria se endireita  
Ou se me dão emprego puchavante  
De que possa auferir boa receita;  
E dir-me-eis no final deste descante  
Qual vale mais a pena realmente  
Se termos cá um rei se um presidente.

#### XI

E não cuideis que vou forjar patranhas  
Para espantar as gerações futuras;  
Contarei só autênticas façanhas  
Que deixam as antigas às escuras;  
As actuais, verdadeiras, são tamanhas  
Que excedem as que vemos em pinturas,  
Que excedem João Franco e Zé Luciano  
No pequenino espaço d’um só ano.” (I, X-XI)<sup>39</sup>

Apesar da profissão de fé em respeitar a veracidade dos factos – até porque nem se torna necessário inventar outros, tal o carácter excepcional da verdade! -, o poeta tem a certeza de superar os actos da última geração de políticos monárquicos, cujos representantes são João Franco<sup>40</sup> e José

<sup>38</sup> Marco António, *Republicaniadas*, loc. cit., p. 14.

<sup>39</sup> *Idem*, *ibidem*, p. 15.

<sup>40</sup> João Ferreira Franco Pinto Castelo-Branco (Alcaide, Fundão, 14.02.1855 – Lisboa, 1929), Formado em Direito pela Universidade de Coimbra, foi deputado pelo Partido Regenerador, Ministro da Fazenda (1890), Ministro das Obras Públicas (1891-1892) e

Luciano<sup>41</sup>, que, por sua vez, pelo paralelo tecido com *Os Lusíadas*, emparceiram com os heróis da Antiguidade Clássica, que Camões pretende ver superados pelos Portugueses. E os heróis dos novos tempos incluem nomes como Afonso Costa<sup>42</sup>, António José de Almeida, Brito Camacho<sup>43</sup>, Sidónio Pais<sup>44</sup> (“com os seus orçamentos contradições / Que são mesmo

---

Ministro do Reino (1893-1897). Abandonando o Partido em que militara, funda o Centro Regenerador Liberal, em 1903. Chefe do Governo a partir de 19.05.1906, cria um estilo próprio de governação, o franquismo, baseado numa forma de governação firme, descentralização administrativa e reformas em todos os domínios, dispensando a colaboração das cortes. Criando à sua volta um ambiente generalizado de descontentamento, quer entre as fileiras monárquicas, quer republicanas, que se aliaram numa frente oposicionista, primeiro, com o regicídio, depois, levaram-no a abandonar a vida política.

<sup>41</sup> José Luciano de Castro Pereira Corte-Real (Oliveirinha, 1834 – Anadia, 1914), Licenciado em Direito pela Universidade de Coimbra, exerceu a advocacia e foi jornalista. Foi eleito Deputado pelo Partido Progressista, que chefiou depois de 1885, chegou a Ministro da Justiça, Ministro de Estado e Presidente do Conselho de Ministros por três vezes (16.02.1886 – 14.01.1890; 05.02.1897 – 26.07.1900 e 20.10.1904 – 19.03.1906). Defendeu a instauração do bipartidarismo na Câmara. Intransigente defensor dos territórios ultramarinos, muito particularmente no momento do Ultimato, avisa o rei da iminente derrocada da monarquia. Por isso, estabelece um pacto com João Franco, visando a reforma eleitoral, a lei da responsabilidade ministerial e a reforma da Contabilidade Pública.

<sup>42</sup> Afonso Augusto da Costa (Seia, 06.03.1871 – Paris, 11.05.1937), Jurista e Político, formou-se em Direito, obtendo o grau de Doutor com a tese *A Igreja e a Questão Social*. Professora o ideário socialista. Ascende a Lente substituto em 04.01.1896. Em 1911, começa a reger a cadeira de Economia Política, na Escola Politécnica de Lisboa. Em 1913, torna-se o primeiro Director da Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa, recém-criada. Deputado republicano em 1900, foi um dos principais obreiros da implantação da República e uma das figuras dominantes da Primeira República. Ministro da Justiça do Governo Provisório, fez publicar a Lei da Separação da Igreja e do Estado, entre outras de teor anticatólico. Tornou-se depois o chefe incontestado do Partido Republicano Democrático. Desempenhou ainda o cargo de Chefe do Governo e Ministro das Finanças (1913-1914 e 1915-1916). Promoveu a intervenção de Portugal na I Guerra Mundial. Exilou-se em França, em 1918. Mesmo assim, ainda presidiu à delegação portuguesa na Conferência de Paz, em 1919, e foi chefe da representação portuguesa na Sociedade das Nações, até 1926.

<sup>43</sup> Manuel de Brito Camacho (Monte das Mesas, 12.02.1862 — Lisboa, 19.09.1934) foi médico militar, escritor, publicista e político, que, entre outros cargos de relevo, exerceu as funções de Ministro do Momento (1910-1911) do Governo Provisório e de Alto Comissário da República em Moçambique (1921 a 1923). A partir de 1893, militou nas hostes republicanas. Desempenhou as funções de deputado, tendo sido eleito em 1908. Deu um contributo decisivo para a implantação da República. Fundou e liderou o Partido Unionista, depois da cisão do Partido Republicano Português. Foi fundador e director do jornal *A Luta*, órgão oficioso do Partido Unionista.

<sup>44</sup> Sidónio Bernardino Cardoso da Silva Pais (Caminha, 01.05.1872 – Lisboa, 14.12.1918), depois de concluído o curso de Artilharia na Escola do Exército, formou-se em Matemática, na Universidade de Coimbra, onde se tornou Professor Catedrático de Cálculo Diferencial e Integral. Assumiu as pastas de Ministro do Fomento, em 1911, e a das Finanças, no mesmo ano; foi Ministro de Portugal em Berlim, em 1916. Em 1917, chefiou um golpe que instaurou a República Nova, de índole presidencialista, que legitimou através do sufrágio realizado no ano seguinte, tornando-se Presidente da República. Procurou desenvolver uma política de saneamento económico, restabelecer as relações com a Santa Sé, a assistência aos indigentes e vítimas do tifo. Foi morto a tiro por um fanático na estação do Rossio, em 1918.

levados do demónio.” (I,XIII, 3-4)), José Relvas<sup>45</sup>, Guerra Junqueiro<sup>46</sup>, Pinheiro Chagas<sup>47</sup>, Eusébio Leão<sup>48</sup>...

“Hei-de mostrar-vos n’este pandemónio,  
Que a República, fértil e fecunda,  
Em homens de valor superabunda.” (I, XIII, 6-8)<sup>49</sup>

Organizada a acção épica de acordo com os códigos da epopeia mais canónica<sup>50</sup>, resume-se nas quatro oitavas que introduzem o argumento dos quatro cantos constituintes do poema<sup>51</sup>:

<sup>45</sup> José Mascarenhas Relvas (Golegã, 05.03.1858 – Alpiarça, 31.10.1929), formou-se em História, no Curso Superior de Letras, com a tese *O Direito Feudal*. Membro do Directório político do Partido Republicano Português em 1910, foi ele quem proclamou a instauração da República em 05.10.1910. Foi Ministro das Finanças do Governo Provisório, Ministro de Portugal em Madrid, de 1911 a 1914, e Chefe do Governo em 1919.

<sup>46</sup> Abílio Manuel Guerra Junqueiro (Freixo de Espada à Cinta, 17.09.1850 – Lisboa, 07.07.1923) foi bacharel formado em Direito pela Universidade de Coimbra, alto funcionário administrativo, político, deputado, jornalista, escritor e poeta. Foi o autor mais popular da sua época e o mais típico representante da chamada “Escola Nova”. Poeta panfletário, a sua poesia ajudou a criar o ambiente revolucionário que conduziu à implantação da República. Deputado de 1878 a 1891, pelo Partido Progressista, aderiu de seguida ao partido Republicano. Depois da implantação da República, foi Ministro de Portugal na Suíça, entre 1911 e 1914. Iniciado nas lides literárias precocemente, foi com *A Morte de D. João* (1874) que se notabilizou junto do grande público. *A Velhice do Padre Eterno* (1885), *Os Simples* (1892), *Finis Patriae* (1890) e *Pátria* (1896) são dos títulos mais conhecidos e em que o poeta traduz não só uma sátira anticlerical, como um panteísmo e um humanitarismo de certo modo inconsistentes, um ataque à dinastia de Bragança e um certo pessimismo combativo.

<sup>47</sup> João Pinheiro Chagas (Rio de Janeiro, 01.09.1863 – Estoril, 28.05.1925), jornalista e político, estudou em Lisboa, mas depois mudou-se para o Porto, onde veio a ser redactor de diferentes jornais. Foi fundador de *A República Portuguesa* e director de *O País*, em 1898. Após o Ultimato, torna-se um republicano acirrado e desenvolve pela pena um ataque demolidor às instituições monárquicas. Após a implantação da República, chefiou o I Governo Constitucional e, de seguida, torna-se Ministro de Portugal em Paris, onde se manteve até 1923. Legou-nos um fiel retrato da época nas obras: *Cartas Políticas 1908-1910*, em 5 volumes; *Diário de João Chagas*, em 4 volumes; *Correspondência Literária e Política com João Chagas*, em 3 volumes.

<sup>48</sup> Eusébio Leão (Degracias, Gavião, 1864 – Lisboa, 1926), médico e político, foi o secretário do Directório Político do Partido Republicano Português em 1910. Aderira às hostes republicanas e foi um dos fundadores do jornal *A Pátria*. Concluído o curso na Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa, estagiou em Paris e Berlim. No 5 de Outubro de 1910, hasteou a bandeira da República na Câmara Municipal de Lisboa e leu a proclamação do novo regime. Desempenhou o cargo de Governador Civil, depois, deputado nas Constituintes e, por fim, o de Ministro de Portugal junto do Quirinal.

<sup>49</sup> Marco António, *Republicaníadas*, loc. cit., p. 16.

<sup>50</sup> De modo breve e sistemático são enunciados os códigos que presidem à composição do poema épico no verbete de nossa autoria, para cuja bibliografia remetemos: Manuel Ferro, “Epopeia”, in José Augusto Cardoso Bernardes et al., *Biblos. Enciclopédia Verbo das Literaturas de Língua Portuguesa, Enciclopédia Verbo das Literaturas de Língua Portuguesa*, Vol. II, Lisboa, Editorial Verbo, 1997, col. 342-347.

<sup>51</sup> Sobre os aspectos histórico-políticos que servem de fundo à acção épica, relacionados com a implantação da República em Portugal, múltipla e variada é a bibliografia existente. No entanto, como o poema aflora apenas alguns dos momentos mais significativos, foi nossa opção remeter para alguns títulos esclarecedores que esboçam

## “Argumento do Canto I

Invoca-se das Musas o favor  
P’ra inspirar este canto sublimado.  
Reúne-se o conselho superior  
Dos deuses, que decorre algo agitado.  
Couceiro arma dos lusos em terror,  
Mas é ingloriamente destroçado.  
Chega a Lisboa um pândego qualquer  
Que as glórias lusitanas saber quer.”<sup>52</sup>

## “Argumento do Canto II

Começa o pai Faustino a narração:  
Do António Zé d’Almeida e Afonso Costa  
Conta a já muito antiga escamação.  
Narra o 5 d’Outubro e a mesa posta  
Onde vai saciar-se o tubarão.  
De novo mata Inês, de quem não gosta.  
De vários vultos traça a fiel imagem,  
E outros sucessos conta em chã linguagem.”<sup>53</sup>

## “Argumento do Canto III

Prece a Baco. De novo o pai Faustino

um panorama geral do processo revolucionário e dos primeiros tempos do regime: A. H. de Oliveira Marques, *A Primeira República Portuguesa*, Lisboa, Livros Horizonte, 1972; David Ferreira, *História Política da Primeira República Portuguesa*, 2 Vol., Lisboa, Livros Horizonte, 1973; António Reis, “A Primeira República”, in José Hermano Saraiva (Dir.), *História de Portugal*, Vol. 6, Lisboa, Publicações Alfa, 1983, pp. 117-133; Hipólito de la Torre (org.), *Contra-Revolução: Documentos para a História da primeira República Portuguesa*, Lisboa, Perspectivas e Realidades, 1985; Raul Rêgo, “A Proclamação da República”, in *História da República*, Vol. II: *A Transição da Monarquia para a República*, Lisboa, Círculo de Leitores, 1986, pp. 116-193; Joaquim Veríssimo Serrão, “História Política, Religiosa e Militar”, in *História de Portugal*, Vol. XI: *A Primeira República (1910-1926)*, Lisboa, Verbo, 1989, pp. 13-342; João Medina, “Oh! A República!...”: *Estudos sobre o Republicanismo e a primeira República Portuguesa*, Lisboa, Inst. Nac. de Invest. Científica, 1990; João Bonifácio Serra, “Do 5 de Outubro ao 28 de Maio: a instabilidade permanente”, in António Reis (Dir.), *Portugal Contemporâneo*, Vol. 3: *1910-1926*, Lisboa, Publicações Alfa, 1990, pp. 13-84; Fernando de Castro Brandão, *A Primeira República Portuguesa: uma Cronologia*, Lisboa, Livros Horizonte, 1991; Rui Ramos, “A República. A Estranha Morte da Monarquia Constitucional”, in José Mattoso (Dir.), *História de Portugal, Sexto Volume: A Segunda Fundação (1896-1926)*, Lisboa, Círculo de Leitores, 1994, pp. 335-399; Vasco Pulido Valente, *A República Velha: 1910-1917*, Lisboa, Gradiva, 1997; Joaquim Vieira, *Portugal Século XX. Crónica em Imagens 1910-1920*, Lisboa, Círculo de Leitores, 1999; Nuno Severiano Teixeira e António Costa Pinto (Org.), *A Primeira República Portuguesa: entre o liberalismo e o autoritarismo*, Lisboa, Colibri, 2000; Fernando Rosas et al. (Coord.), *História da Primeira República Portuguesa*, Lisboa, Tinta-da-China, 2009.

<sup>52</sup> Marco António, *Republicaníadas*, loc. cit., p. 12.

<sup>53</sup> *Idem*, *ibidem*, p. 30.

Segue a palestra em tom mais caloroso.  
Cristo aparece ao velho Bernardino  
E prediz-lhe um futuro glorioso.  
Conta o feito de Chaves peregrino  
E do clarim-Magriço portentoso,  
Até que um novo Adamastor-papão  
Põe termo do Faustino à narração.”<sup>54</sup>

“Argumento do Canto IV

Baco os republicanos aconselha  
A que esqueçam promessas, que fizeram,  
E a que tratem mas é com segurelha  
De pagar-se do muito, que sofreram.  
Um sermão de quaresma à moda velha  
Sobre o rumo, que as coisas escolheram.  
E ao Teófilo se pede por favor  
Que abençoe do poema o pobre autor.”<sup>55</sup>

Entrecortada a linha da acção histórica com o plano do maravilhoso de inspiração camonianiana, ali não faltam figuras como o Adamastor, Baco e as ninfas, ou episódios tão célebres como o de Inês de Castro, o do novo Magriço dos Doze de Inglaterra ou o da ilha dos Amores. E tudo começa *in medias res*,

“XIX

Há muito que em república já estavam  
Deslizando os destinos desta gente;  
As coisas lindamente caminhavam,  
Dirigidas por eles sabiamente;  
Leis umas após outras despontavam  
Trazendo o povo lépido e contente  
Em contínuos foguetes e vivório  
Aos membros do Governo Provisório.” (I, XIX)

O concílio dos deuses<sup>56</sup> actualiza-se agora mediante uma assembleia reunida no Café do Martinho da Arcada, na qual Afonso Costa, qual novo Júpiter, ao dirigir-se à “afonsista panelinha” (I, XXIII, 5), declara:

“XXIV

Históricos amigos, camaradas:  
Marcou-nos o destino glorioso  
Para sermos as guardas avançadas  
Do progresso do mundo glorioso!  
Deveis de saber que as meigas fadas  
Têm por nós um fraco carinhoso,  
E querem que, por nós, se perca a fama

<sup>54</sup> *Idem, ibidem*, p. 52.

<sup>55</sup> *Idem, ibidem*, p. 68.

<sup>56</sup> A propósito deste episódio, sirvam de suporte os comentários Manuel de Faria e Sousa, *op. cit.*, col. 191-291, e o de Hernâni Cidade, *op. cit.*, pp. 101-103.

De todas as nações que a História aclama.” (I, XXIV)<sup>57</sup>

“XXVII

[...] Agora vedes bem que, arremessados,  
De repente ao fastígio do poder,  
Não nos mostrámos nada atrapalhados  
E fizemos reformas a valer;  
Mas há 'inda negócios descurados  
Que é forçoso de pronto resolver:  
Por isso convoquei esta sessão  
Para ouvir vossa douta opinião.” (I, XXVII)<sup>58</sup>

“XXIX

[...] Acho que é justa e sã compensação  
Dividirmos a torto e a direito  
As postas que tiverem algum jeito.” (I, XXIX, 6-8)<sup>59</sup>

“XXXII

Nunca ninguém pensara em duvidar  
Que, na distribuição das honrarias,  
Lhe coubesse o mais cómodo lugar;  
Foi para isso que expôs os caros dias.  
Teme agora que o vão p'ra ali deixar  
Do esquecimento nas masmorras frias  
Se a repartir as postas se começa  
Por qualquer adesivo que apareça.” (I, XXXII)<sup>60</sup>

A fruição do poder é sempre encarado como uma oportunidade única, uma festa que urge aproveitar e apenas partilhar entre os amigos. Quem lhe responde é o “astuto Palla”<sup>61</sup>, moderno Aquiles republicano que explica e

<sup>57</sup> Marco António, *Republicantadas*, *loc. cit.*, p. 19.

<sup>58</sup> *Idem, ibidem*, p. 19.

<sup>59</sup> *Idem, ibidem*, p. 20.

<sup>60</sup> *Idem, ibidem*, p. 21.

<sup>61</sup> Major José Afonso Palla (Malhada Sorda / Almeida, 21.02.1861 – Mongua / Angola, 08.09.1915) assentou praça como recrutado, a 26 de Março de 1883, sendo incorporado no Regimento de Infantaria 12. Em 10 de Janeiro de 1890, foi promovido a 2.º Tenente para a Arma de Artilharia e colocado no Regimento n.º 3. Foi promovido dois anos mais tarde a 1.º Tenente do mesmo Regimento. Em 21 de Janeiro de 1893 passou ao Estado-Maior de Artilharia, e, em Outubro do mesmo ano, a Adjunto à Fábrica de Pólvora do Comando Geral de Artilharia. Após ter regressado ao Regimento de Artilharia n.º 3, em 30 de Junho de 1897, passou à inactividade temporária por ter sido julgado incapaz para o serviço pela Junta Hospitalar de Inspecção. No entanto, logo em 23 de Dezembro de 1897, voltou ao activo e, em 11 de Setembro de 1899, passou a Tenente. Promovido a Capitão por Decreto em 29 de Dezembro de 1906, tornou-se em 18 de Outubro de 1908 Director da Escola do Grupo. Em 15 de Dezembro de 1910, foi louvado pela patriótica dedicação, coragem, fé, inteligência e entusiasmo com que colaborou para a implantação da República Portuguesa, apesar de ter pertencido ao grupo dos revoltosos da Rotunda, que, não tendo ouvido o sinal de três tiros de canhão que deveria ser o aviso para civis e militares avançarem, resolveram regressar a casa descansados. Contudo, fora decisivo o seu contributo, pois, com a ajuda de alguns sargentos, havia introduzido alguns civis no regimento de Artilharia 1, que tomaram a secretaria,

justifica o estigma que o acompanha, o da estratégica retirada (leia-se “fuga”) militar de alguns sectores, com a desculpa de ir procurar mais reforços, e se opõe à atribuição da designação de “Heróis do mar” aos combatentes da Rotunda, alegando:

“XXXIV

Quem fez com que aos Braganças desse um ar  
E fez cair a monarquia imunda,  
Conseguindo a República implantar,  
Foram todos aqueles que comigo  
Fugiram no momento do perigo.” (I, XXXIV, 4-8)<sup>62</sup>

Tal parecer aparece mesmo secundado por uma segunda voz, o ditoso França<sup>63</sup>, qual Marte furibundo que, antes de falar, “sua nobre estatura levantava / A barba negra com furor cofia, E fazendo em redor três piruetas, / Afinca no nariz bem as lunetas. // A viseira carrega em ar sombrio” (I, XXXVI-XXXVII)<sup>64</sup> e descarrega um forte murro sobre a mesa, para denunciar a situação, embora de modo igualmente deturpado, e reforça a necessidade de acabar com as benesses que até então tinham sido lautamente distribuídas só a alguns:

“XXXIX

Pois chega mesmo a ser uma vergonha  
O Machado dizer que se bateu  
Para apanhar a posta com que sonha;  
Se na lusa chefia estivesse eu,  
Acabava de vez com tanta ronha;  
Quem na Rotunda esteve já comeu:  
É necessária a recompensa agora

---

prendendo os oficiais que se recusavam a aderir. Comandou uma das duas colunas que avançaram para a Rotunda, onde se entrincheiraram cerca das 5 horas da manhã, depois de alguns confrontos com a polícia e civis. O capitão Afonso Palla contava-se, pois, entre os 9 oficiais no comando das forças estacionadas na Rotunda. Integrou uma comissão para o estudo da Bandeira e do Hino Nacionais, nomeada pelo Governo a 15 de Outubro de 1910. Dela fazem parte eminentes personalidades da vida nacional: o pintor Columbano Bordalo Pinheiro, o escritor Abel Botelho, o jornalista João Chagas e dois destacados combatentes do 5 de Outubro, o Tenente Ladislau Pereira e o Capitão Afonso Palla.

<sup>62</sup> Marco António, *Republicançadas*, loc. cit., p. 21.

<sup>63</sup> Pelas poucas alusões feitas a esta personagem, somos levados a crer que se trata de António França Borges (Sobral de Monte Agraço, 10.01.1871 – Davos Platz (Suíça, 05.11.1915). Jornalista republicano, colaborou em vários periódicos, como o *Neófito*, *O Novo Escolar*, *A Defesa*, o *Universal* ou o *Jornal de Notícias*. Por razões de estabilidade económica, foi aspirante de finanças. Preso por motivos políticos, foi de seguida transferido para Vila Real de Santo António e, pouco tempo depois, para Lisboa. No jornal *Vanguarda*, lança uma violenta campanha contra o regime monárquico, vendo-se consequentemente obrigado a pedir a demissão de funcionário público. Lança então o panfleto *O Combate* e, depois, participa na fundação de *O País*, a *Lanterna*, a *Pátria* e o *Mundo*. À sua volta, gerou-se uma verdadeira escola de jornalismo, baluarte de propaganda revolucionária. Eleito deputado em 1910, sempre manifestou um notável senso político no Parlamento.

<sup>64</sup> Marco António, *Republicançadas*, loc. cit., p. 22.

Aos que andaram lutando cá por fora. (I, XXXIX)<sup>65</sup>

E no fim, acaba Afonso Costa por concordar com a opinião generalizada. E tudo se encerra com o beneplácito, quase clerical, de Bernardino Machado<sup>66</sup> (o que não deixa igualmente de ser caricato!), regressando depois cada um ao seu destino:

O “compadre Bernardino,  
[...] a todos deitou deitou benção paternal  
Com um sorriso angélico e divino.” (I, XLI, 4-5)

Concluído o episódio inicial, a atenção do leitor é, seguidamente, orientada para a facção do adversário, o exército realista, comandado por Paiva Couceiro<sup>67</sup>, que faz incursões na fronteira de Trás-os-Montes, com o intento de reinstaurar a monarquia<sup>68</sup>. O ensejo é aproveitado para se caracterizar o general, que, como seria de esperar para um monárquico, e ainda por mais designado de “charlatão”, é visto de modo disfórico, muito embora, nas entrelinhas, se vislumbre por parte do poeta alguns rasgos de admiração pelo seu carácter e fidelidade aos ideais que o norteiam:

“XLII

Enquanto isto se passa em Lisbia amada,  
Onde é tudo festa e brincadeira  
À provisória gente consagrada,  
Paiva Couceiro gira na fronteira

---

<sup>65</sup> *Idem, ibidem*, p. 22.

<sup>66</sup> Bernardino Luís Machado Guimarães (Rio de Janeiro, 28.03.1851 — Fmalicão, 28.04.1944) foi o terceiro e o oitavo Presidente eleito da República Portuguesa, respectivamente entre 1915 e 1917, quando Sidónio Pais, à frente de uma junta militar, dissolve o Congresso e o destitui, obrigando-o a abandonar o país; e, entre 1925 e 1926, quando volta a ser destituído pela revolução militar de 28 de Maio de 1926, que institui a Ditadura Militar e abre caminho à instauração do Estado Novo. Durante a monarquia, Bernardino Machado havia sido deputado pelo Partido Regenerador (1882), par do Reino (1890) e ministro das Obras Públicas, Comércio e Indústria (1893). Aderiu ao Partido Republicano em 1903. Com o advento da República, foi ministro dos Negócios Estrangeiros e o primeiro embaixador de Portugal no Brasil (1913). Estudou Filosofia e Matemática na Universidade de Coimbra. Teve um importante percurso como dirigente da maçonaria (na Loja “Perseverança” do Grande Oriente Lusitano).

<sup>67</sup> Henrique de Paiva Couceiro (Lisboa, 30.12.1861 – *ib.* 11-02-1944) foi Oficial de Cavalaria. Notabilizou-se nas campanhas de África, vindo a ser Comissário Régio em Moçambique e Governador de Angola, em 1907-1909. Bateu-se pela monarquia em 4 e 5 de Outubro de 1905, comandou a incursão monárquica de 1911, participou na de 1912 e proclamou a efémera Monarquia do Norte, de 1919. Legou-nos uma vasta obra sobre política ultramarina, assuntos militares em África, antropologia africana e relatos de viagens de exploração.

<sup>68</sup> Sobre esta matéria veja-se igualmente: Raul Rêgo, “Conspirações e Incursionistas – A República à Prova”, in *História da República*, Vol. III: *O Firmar do Regime*, Lisboa, Círculo de Leitores, 1986, pp. 125-168; Joaquim Veríssimo Serrão, “A incursão monárquica de 1911” e “A segunda incursão monárquica (1912)”, in *História de Portugal*, Vol. XI: *A Primeira República (1910-1926)*, loc. cit., pp. 89-93 e 117-119, respectivamente; Rui Ramos, “A República. As Guerras da República (1911-1917)”, in José Mattoso (Dir.), *História de Portugal, Sexto Volume: A Segunda Fundação (1896-1926)*, loc. cit., pp. 435-527.

Querendo restaurar a infrene pagodeira,  
E colocar no trono o rei Manuel  
Ou, quanto mais não seja, o D. Miguel.” (I, XLII)<sup>69</sup>

“XLIV

Paiva Couceiro, antigo capitão,  
Que a tamanhas empresas se abalança,  
Não passa d’um valente charlatão  
Em quem a monarquia pôs a esp’rança  
De próxima e feliz restauração;  
E por lá vai andando em contradança  
Co’ as boas graças da vizinha Espanha,  
A ver se leva a cabo essa façanha.

XLV

Já formou corriqueira companhia  
Co’ os descontentes, que se vão raspando  
Por sentirem a pança já vazia,  
E com aqueles qu’inda estão sonhando  
Que, uma vez restaurada a monarquia  
No regime do ‘posso, quero e mando’,  
Tornaremos à pândega rasgada  
Dos tempos da ‘ominosa’ celebrada. (I, XLIV-XLV)<sup>70</sup>

Já as tropas recrutadas, “os paivantes”, são objectivamente apresentados como “gente divertida”, “Fiados no bom cheiro e no engodo / Das libras que por lá andam a rodo.” (I, XLVI, 1 e 7-8)<sup>71</sup>. No entanto, a imagem que mais toca o leitor é a da opulência das fardas e do armamento ‘de fazer de conta’, bem como o garbo com que se apresentam. Semelhantes a soldadinhos de opereta, ocupam-se em jogos de escondidas e passam o tempo a fazer negaças aos Carbonários de província. E considerando que nenhum ideal os alimenta, é a satisfação da esganada voracidade que os leva a alistarem-se nas fileiras de Couceiro:

“XLVII

De belo fardamento andam fardados  
— Azul e branco, cores dominantes —;  
No cinturão vistoso, pendurados,  
De papelão terríficos montantes;  
Ao ombro bacamartes empalmados  
N’algun museu antigo; e por penantes,  
Barretes de papel, tendo na frente  
A imagem de Maria omnipotente.

XLVIII

E assim andam de lá, fazendo acenos  
Co’ a mão fechada aos feros carbonários

<sup>69</sup> Marco António, *Republicançadas*, loc. cit., p. 23.

<sup>70</sup> *Idem, ibidem*, p. 24.

<sup>71</sup> *Idem, ibidem*, p. 24.

Que, sem se perturbar, sempre serenos,  
Os convidam à valsa, temerários;  
Mas eles, que são homens de somenos,  
No valor e coragem muito vários,  
Contentam-se em brincar aos soldadinhos,  
Enquanto andarem nédios e gordinhos.

XLIX

Aos que chegam de novo, aliciados,  
Para darem amostra de grandeza,  
Logo servem manjares delicados  
N’uma profusa e bem provida mesa;  
Nos copos deitaminhos desusados  
E enquanto os outros comem com viveza,  
Perguntando-lhes vão por Portugal,  
Se os negócios vão bem ou se vão mal.” (I, XLVII-XLIX)<sup>72</sup>

Ridicularizadas deste modo, as forças realistas, a caracterização dos soldados assim recrutados tanto oscila como se de crianças inconscientes se tratassem, como de brinquedos, mais concretamente, soldadinhos de chumbo, com que se entretêm, uns e outros sem a noção do dever dos acontecimentos e da História. Depois, de acordo com as convenções que presidem à composição do poema, esperar-se-á que se apontem os comandantes da facção contrária, das tropas realistas, segundo a técnica seguida no catálogo das naus, de homérica memória, ou, n’ *Os Lusíadas*, quando se enumeram os heróis da nação, no discurso de Paulo da Gama (*Os Lusíadas*, VIII, I-XLIII)<sup>73</sup>:

“LI

O Coutinho comanda os cruzadores,  
E o Sepúlveda quatro couraçados;  
Almeida é coronel de caçadores;  
Homem Cristo e Camacho combinados  
Mandam a artilharia e os infantes;  
O Paiva os cavaleiros triunfantes.” (I, LI, 3-8)<sup>74</sup>

O encarecimento destas figuras tem como objectivo, afinal, enaltecer depois ainda mais a vitória dos republicanos. Azevedo Coutinho<sup>75</sup>, Leite

<sup>72</sup> *Idem, ibidem*, pp. 24-25.

<sup>73</sup> Cf., sobre este episódio, o comentário de Manuel de Faria e Sousa, *op. cit.*, Tomo III, col. 371-446.

<sup>74</sup> Marco António, *Republicançadas*, loc. cit., p. 25.

<sup>75</sup> João António de Azevedo Coutinho Fragoso Sequeira (Alter do Chão, 03.02.1865 – 1944) assentou praça, em 1880, como Oficial de Cavalaria. Estudou na Escola Politécnica, passando, de seguida, para África como Guarda-Marinha, no comando de diferentes tipos de embarcações. Participa em campanhas de pacificação, comandando mais de vinte acções militares em Moçambique, pelo que foi depois indigitado Governador da Zambézia. Em 1904, foi nomeado Governador-Geral de Moçambique e vogal da Junta Consultiva do Ultramar. Eleito deputado em 1906, pelo distrito de Portalegre, volta mais tarde a idênticas funções, na qualidade de deputado monárquico, em 1925-1926. Após o assassinio de D. Carlos, torna-se Governador Civil de Lisboa e, em 1909, é Ministro da Marinha, até 1910. Com a queda da monarquia, decidiu afastar-

Sepúlveda<sup>76</sup>, o Coronel João de Almeida<sup>77</sup>, Homem Cristo<sup>78</sup>, Veloso Camacho<sup>79</sup> eram nomes mais do que conhecidos para a época, e todos sob o comando de Paiva Couceiro. Não obstante estas figuras de reconhecido mérito militar, a corrosiva veia poética de António Correia Pinto de Almeida aponta também como estas hostes são levadas a confiarem na vitória, até porque ainda podem contar, para o restauro da monarquia, com “a ajuda de potências estrangeiras [...], o santíssimo nome de Maria [...], [e] dos jesuítas toda a

se do paço. Pertenceu ao número dos conspiradores que pretendiam derrubar a república. Foi lugar-tenente de D. Manuel II. Ressurge após a morte de Sidónio Pais, em 1919, sendo de imediato feito prisioneiro. Depois do falecimento de D. Manuel II, torna-se lugar-tenente de D. Duarte Nuno. Publicou diferentes estudos de natureza colonial, geográfica e militar, bem como as suas memórias.

<sup>76</sup> O Tenente Vítor Leite Sepúlveda (n. a 15.12.1867) foi Oficial da Armada e fez carreira neste ramo das Forças Armadas desde 10.10.1886, data em que assentou praça. Desempenhou os cargos de Adjunto da Direcção das Construções Navais e de Ajudante-Instrutor da Escola Naval. Enquanto 2.º Tenente, integrou o Corpo de Oficiais da corveta “Rainha D. Amélia”, em Lourenço Marques, onde desbloqueou o cerco infringido à cidade por forças nativas rebeldes. Foi Comandante da canhoneira “Xefina”; realizou igualmente o reconhecimento do Incomati. Delimitou fronteiras em Quionga, entre o território alemão e o português, assim como ao longo do lago Niassa, para submeter os régulos locais. Agraciado com condecorações várias, foi, depois Oficial às ordens honorário de D. Manuel II.

<sup>77</sup> O Coronel João de Almeida, depois General (Vila Gracia, Guarda, 05.10.1873 – Lisboa, 05.05.1953) era Licenciado em Engenharia e tirou igualmente o Curso de Infantaria da Escola do Exército. Em 1903, embarcou para Angola; participou nas operações de Cuamato, em 1907 e, no mesmo ano, comandou as operações contra os Dembos rebeldes. Foi Governador de Huíla por duas vezes, comandando depois várias operações de pacificação nesta Colónia. Abatido aos efectivos do Exército em 1910-1912, por ausência ilegítima, apresenta-se em 1918, sendo demitido por motivos políticos logo em 1919. Serve depois como Director-interino das Obras Públicas de Cabo Verde e, de seguida, é indigitado Governador desta Colónia, sendo de imediato nomeado Ministro das Colónias. Em 1936, ainda desempenhou o cargo de Director da Escola Central de Oficiais.

<sup>78</sup> Francisco Manuel Homem Cristo Filho (Lisboa, 1892 – Itália, 12.06.1928) aos quinze anos, já desenvolve a actividade de jornalista no *Povo de Aveiro* e no *País*. Matricula-se na Universidade de Coimbra e aí logo recusa proferir uma invocação religiosa, que era obrigatória na altura, levando-a a ser revogada. Depois de uma viagem ao Brasil, em 1909, ao regressar, depois da implantação da República, passa-se para as falanges realistas, vendo-se obrigado a emigrar. Regressa em 1914. Funda o jornal *A Restauração* e, depois, *A Ideia Nacional*, ambos de índole monárquica. Novamente refugiado na capital francesa, é nomeado por Sidónio Pais Director dos Serviços de Informação de Portugal nos Países Amigos e Aliados. Após ter dado ao prelo publicações de índole vária que lhe valeram uma homenagem em Paris, foi um entusiasta apoiante do Fascismo e regressa a Portugal em 1926. Quando se deslocava a Roma, com o fim de preparar a organização de um congresso pan-latino em 1929, morre num acidente de viação.

<sup>79</sup> Jorge Perestrelo Pestana Veloso Camacho (n. em 23.05.1870), Oficial do Exército, fez uma carreira militar brilhante a partir de 1886, quando assentou praça em Infantaria. Participou em expedições na região do lago Niassa e em acções de pacificação, como a de Matanculo, no Barué, e nos combates de Macequece e de Serué. Depois de regressar ao Continente, publica um estudo sobre a organização militar do Ultramar. Em 1910, emigrou na companhia de Paiva Couceiro, que o nomeou Chefe de Estado-Maior das forças monárquicas, que operavam no Norte de Portugal, em 1911. Em 1919, aquando do movimento monárquico da Traulitânia, foi preso em Serpa, trazido para Lisboa, onde foi morto a tiros de revólver, no Terreiro do Paço.

companhia” (I, LII)<sup>80</sup>. Na sequência da forte propaganda republicana, a Igreja e, muito particularmente, os Jesuítas aparecem muito estreitamente relacionados, denunciando o forte clericalismo do antigo regime. Por isso, não admira que, por maior contradição que pareça, apesar dos costumes rudes e da fraca formação cívica, os soldados realistas preservem hábitos de culto e devoção, aspectos que são tomados como motivo de sátira:

“Confessam-se e comungam com ternura,  
E põem no peito o tal escapulário  
Que os livra do punhal do carbonário. (I, LIV, 6-8)<sup>81</sup>

E na guerrilha que desenvolvem, uns abrigam-se nos povoados, outros preparam acometidas pela serra, na sequência dos costumados exercícios (Cf. I, LV, 4-6)<sup>82</sup>, enquanto, ao tempo, o rei deposto diz-se gozar no exílio os prazeres de uma vida descontraída e se alia aos sectores mais conservadores da monarquia - a linha absolutista, da descendência de D. Miguel. Na capital, porém, a vida voltara à rotina do quotidiano e ninguém se preocupava já com os adversários da República. A placidez da natureza, alheia aos sobressaltos da acção dos homens, traduzia-se no modo como a tranquila serenidade do luar se projecta nas brandas águas do Tejo, até porque a Carbonária se mantinha vigilante e servia de garante de toda a segurança da nova ordem instituída:

#### “LVII

D. Manuel passeia no entretanto,  
Gozando os rendimentos de Bragança,  
Todo entregue às belezas e ao encanto  
Da formosa Gaby, exímia em dança.  
Em Dover faz um pacto sacrossanto  
C’o primo D. Miguel, ambos na esp’rança  
D’hastear o pendão branco e azul  
De novo em Portugal de norte a sul.

#### LVIII

la a serena noite em mais de meio...  
O Tejo parecia um mar de prata,  
A lua reflectindo no seu seio...  
Em Lisboa ninguém já se precata,  
Tudo dorme em sossego, sem receio  
De que haja sarrafusca ou zaragata...  
Tudo confia na esperteza certa  
Da Carbonária, que anda sempre alerta.” (I, LVII-LVIII)<sup>83</sup>

Por conseguinte, é sem surpresa que a imagem que a imprensa transmite seja a de um país pacificado em que as guerras existentes apenas sejam as que se traçam nos gabinetes, nas páginas de papel, e esgrimidas com as lâminas

<sup>80</sup> Marco António, *Republicaniadas*, loc. cit., p. 26.

<sup>81</sup> *Idem, ibidem*, p. 26.

<sup>82</sup> *Idem, ibidem*, p. 26.

<sup>83</sup> *Idem, ibidem*, p. 27.

dos aparos de caneta. Deste modo bucólico, se bem que em paisagem nocturna, mas serena, encerra-se o primeiro Canto do poema:

“LX

[...] Em *batalhas campais* de vária sorte,  
O jornalismo esgota o seu talento  
A proclamar que *aquilo* não é nada,  
Que reina em Portugal a paz doirada. (I, LX, 5-8)

LXI

[...] As gazetas vão sempre repetindo  
Que *aquilo* é brincadeira, é reinação,  
Que é Couceiro que se anda divertindo,  
Que em toda a parte há santa quietação.  
E o Governo, coitado, anda às aranhas,  
Impingindo ao povinho essas patranhas.” (I, LXI, 3-8)<sup>84</sup>

A ligação com o Canto seguinte tem então lugar graças à entrada em cena de uma nova personagem: um emissário das potências europeias, para se informar *in loco* das ocorrências que entretanto tinham tido lugar, a fim de poder ajuizar de qual das imagens difundidas, afinal, mais corresponderia à realidade dos factos. Para tal, torna-se igualmente necessário nomear um fiel comentador da situação.

“LXIII

E quer que um Português de saber vário  
Lhe conte as nossas glórias do passado,  
Que Camões esqueceu. É necessário  
Que pelo mundo todo andem cantadas  
Da República as glórias ignoradas.” (I, LXIII)<sup>85</sup>

O Governo considera que a figura mais adequada para essa função, a de orador, seja o “*pai* Faustino, / Das nossas bibliotecas director, / Homem de muita lábia e muito tino” (I, LXIV, 3-5)<sup>86</sup> e autor de romances consagrados. Faustino da Fonseca<sup>87</sup> notabilizou-se como jornalista, historiador e escritor.

<sup>84</sup> *Idem, ibidem*, p. 28.

<sup>85</sup> *Idem, ibidem*, p. 28.

<sup>86</sup> *Idem, ibidem*, p. 29.

<sup>87</sup> Natural da Ilha Terceira, Açores, Faustino da Fonseca nasceu em 1871. Distinguiu-se como escritor e jornalista, além de tradutor, colaborando em jornais, não só da Ilha Terceira, como depois do Continente. Além de *Inês de Castro*, contam-se, de sua autoria, títulos como *Lyra da Mocidade: Primeiros versos* (1892); *Alma nova* (1895); *Três meses no Limoeiro* (1896); *Regresso ao lar* (romance, 1896); *Na vanguarda: diário republicano da manhã* (1896); *Os mártires da revolta* (romance histórico); *O descobrimento do caminho marítimo para a Índia; A descoberta da Índia* (drama histórico, 1898); *O escândalo dos dramas do concurso do centenário da Índia* (1898); *A descoberta do Brasil* (1900); *Pedro Álvares Cabral* (1900); *Escravos* (romance, 1901); *A Padeira de Aljubarrota* (romance histórico, 1901); *As mulheres portuguesas na restauração de Portugal* (1902); *Alma Portuguesa: a restauração de Portugal* (romance histórico, 1903); *Sina de um Minhoto e de um Paulista* (1904); *El-Rei D. Miguel* (1905); *Os filhos de Inês de Castro* (1905); *Anedotas de reis, príncipes e outras*

Eleito para deputado da Assembleia Constituinte em 1911, pertenceu depois ao Senado Republicano, do qual era membro convicto. De 1911 à data da sua morte, ocorrida em 1918, ainda foi Director da Biblioteca Nacional. A par de Pinheiro Chagas<sup>88</sup>, Campos Júnior<sup>89</sup> e Alberto Pimentel<sup>90</sup>, foi um dos mentores do romance histórico em Portugal e tornou-se particularmente popular entre o público leitor, graças à publicação de *Inês de Castro*<sup>91</sup>, vastíssima obra de mais de um milhar de páginas.

Deste modo, a partir do Canto II, conta-se com o discurso encaixado de Faustino, que primeiro esboça o ambiente político e social contemporâneo, caracterizando as figuras típicas da época. No entanto, de acordo com as prescrições da epopeia, urge invocar de novo as musas<sup>92</sup>, visto que outro canto em *mise en abîme*<sup>93</sup> se introduz:

“I

Fazei agora, oh musas, o favor  
De descerdes do Olimpo consagrado  
P’ra virdes inspirar com novo ardor  
O meu engenho pobre e já cansado.

*personagens portuguesas e estrangeiras* (1906); *A arraia miúda* (1906); *Os bravos do Mindelo* (1906); *Beijos por lágrimas* (1906); *Viagem maravilhosa* (romance histórico, 1907); *Carta de D. Afonso IV ao Papa Clemente VI: importância do recuo da época das descobertas* (1916); *História dos descobrimentos portugueses* (1917). Vem a falecer em 1918.

<sup>88</sup> Manuel Joaquim Pinheiro Chagas (Lisboa, 13.11.1842 – *ib.*, 08.04.1895) notabilizou-se como escritor, jornalista e político. No campo das letras, destacou-se como romancista, historiador e dramaturgo. A ele se devem numerosos romances históricos e peças de teatro. Foi director de diferentes publicações periódicas de Lisboa. Ainda exerceu os cargos de deputado e par do reino, assim como Ministro da Marinha e Ultramar, na altura crítica da partilha de África pelas grandes potências europeias. Foi ainda um dos fundadores da Sociedade de Geografia de Lisboa.

<sup>89</sup> António Maria de Campos Júnior (Angra do Heroísmo, 13.04.1850 – Marinha Grande, 08.09.1917), aos oito de idade veio para o Continente, indo viver para Leiria, onde igualmente faz a sua formação escolar e cumpre o serviço militar. Impôs-se como jornalista, dramaturgo e prolífico romancista, sobremaneira de romances históricos, contando títulos tão conhecidos como *A Rainha Madrastra*, *Ala dos Namorados*, *Luis de Camões*, *Guerreiro e Monge*, *A Filha do Polaco*, *Pedras que Falam*, *Marquês de Pombal* ou *A Estrela de Nagasaki*.

<sup>90</sup> Alberto Augusto de Almeida Pimentel (Cedofeita, 1849 – Queluz, 1925) foi um notável escritor e jornalista português, que se notabilizou enquanto autor de numerosos romances, biografias, peças de teatro, poesia, obras de natureza política, historiográfica e ensaios, relatos de viagens, além de textos de etnografia e tradições populares, bem como colaborações em publicações periódicas e traduções.

<sup>91</sup> Faustino da Fonseca, *Inês de Castro*, Lisboa, Fronteira do Caos Editores, 2007 (1.ª ed.: Lisboa, Typographia Editora de Arthur Brandão, 1900, e Lisboa, Livraria Bertrand, 1901).

<sup>92</sup> Do mesmo modo actua Camões: para além da invocação inicial às Tágides (*Os Lusíadas*, I, IV-V), surge uma invocação a Calíope, no Canto III, I-II, outra às Ninfas do Tejo e do Mondego, no Canto VII, LXXVIII-LXXXVII, e, por fim, uma segunda invocação dirigida a Calíope, no Canto X, VIII-IX. Cf. O comentário de Manuel de Faria e Sousa aos passos correspondentes, *op. cit.*, respectivamente no Tomo I, col. 157-166; Tomo II, col. 1-5; Tomo III, col. 346-368; e Tomo IV, col. 311-317.

<sup>93</sup> Sobre o conceito de *mise en abîme*, veja-se a obra de Lucien Dällenbach, *Le récit spéculaire. La technique de ‘mise en abîme’*, Paris, Éditions du Seuil, 1977.

Infundi-me mais bélico vigor  
Para que eu cante o nunca assaz cantado  
Valor da forte gente lusitana  
Filiada na grei republicana.

## II

Baixai todas do céu, trazei nas mãos  
De vossos dons a farta cornucópia.  
À larga a entornai; não serão vãos  
Se em riqueza tornarem minha inópia.  
Eu quero, p'ra cantar tais cidadãos,  
Que me deis de talento magna cópia;  
Senão direi que tendes certo medo  
Que eu projecte Camões para o degredo.” (II, I-II)<sup>94</sup>

Assim inspirado, e tendo sempre Camões na mira (que, mesmo consciente das suas limitações, pretende superar, quanto mais não seja no momento), propõe-se o poeta exaltar o vigor e ousadia dos republicanos, que, além de lusitanos, são animados por um ideal inovador e transportam o sonho de reconstruir a Pátria. Ao compor um claro panorama social do tempo, apontam-se, então, os “adesivos”, parasitas e vira-casacas do período, que tanto deitavam loas à monarquia, como depois à república, procurando escapar e viver à custa de ambas. Apesar da clara visão da realidade, o autor acaba por admitir que até se colhem vantagens com semelhante tipo de actuação e correspondentes atitudes:

## “VIII

Co'os adesivos foi outro cantar:  
Qual nuvem de vorazes gafanhotos  
Que um campo inteiro acabam d' assolar  
Roendo até os mais pequenos côtos,  
E que, ao verem a mesa a levantar,  
Levantam vô pelos ar's ignotos  
Para irem abater em outra estância  
Onde haja de comer em abundância;

## IX

Tal foi dos adesivos o papel,  
Depois de haverem 'stado repimpados  
Na lauta mesa do seu rei Manuel,  
Ao verem os seus cálculos falhados,  
Acorreram velozes ao tropel  
À mesa da República, esfaimados,  
Não lhes fosse minguar a gorda pança  
Co'uns dias de jejum e temperança.

## X

Muitos viram depois recompensada  
A falta de carácter que mostraram,

E hoje andam de viseira alevantada,  
Rindo dos que fiéis se conservaram,  
Rindo até dos que a vida atribulada  
Sempre a novo regime devotaram.  
Que é bem certo que o mundo desgraçado,  
Pertence sempre ao mais desavergonhado!” (II, VIII-X)<sup>95</sup>

O sábio Faustino centra, de seguida, o discurso na eterna rivalidade entre Afonso Costa e António José de Almeida, que, segundo as suas palavras, “se os deixassem aos dois, sós e tranquilos, / Comiam-se um ao outro como os grilos” (II, XII, 7-8)<sup>96</sup>. E, para melhor fazer compreender o ambiente em que se enquadram, delinea com mestria e em tom de gracejo as tendências, melhor dizendo, as facções que disputam entre si a primazia no seio das hostes republicanas:

## “XIII

Cada um d' eles tem o seu partido:  
O António Zé d' Almeida evolucionista:  
O Afonso Costa, fero e destemido,  
Impera dos dramáticos na zona;  
Enquanto o Brito, fino e mais sabido,  
E os unionistas andam n'uma fona,  
Ora apoiando os *loiros* almeidistas,  
Ora a *nervosa* grei dos afonsistas.

## XIV

Cada qual tem também sua gazeta,  
Seu órgão de combate e propaganda:  
Do Afonso o *Mundo* e toda a sua treta,  
Do outro lado a *República*, mais branda  
Nos seus meios d' ataque e mais correcta.  
E assim toda a gentinha às turras anda  
Girando entre estes pólos d' atracção  
Conforme as simpatias e a razão.

## XV

Têm também seus Centros p'ra o cavaco,  
Onde se joga a bisca, ou o bilhar,  
Para onde os orador's de pouco caco  
Os discursos subtis vão ensaiar  
Em fraternal convívio co' o deus Baco,  
Discursos que hão-de a pátria vir salvar.  
Ali se junta a fina flor política  
P'ra um pouco de má língua e boa crítica.” (II, XIII-XV)<sup>97</sup>

Cada um comanda os seus sequazes, possui um meio difusor e de propaganda das suas ideias, um órgão da imprensa conhecido, e até as suas

<sup>95</sup> *Idem, ibidem*, p. 33.

<sup>96</sup> *Idem, ibidem*, p. 34.

<sup>97</sup> *Idem, ibidem*, p. 34.

<sup>94</sup> Marco António, *Republicaniadas, loc. cit.*, p. 31.



sedes de debate e sociabilidade, em que a discussão se animava com um jogo de bisca e uns copos, “em fraternal convívio co’o deus Baco”. Mas, apesar das diferenças, reconhece-se que ambos se notabilizaram como prolixos legisladores do governo precedente, o Provisório, muito embora se denuncie o descarado nepotismo com que Afonso Costa beneficiou toda a sua parentela.

“XVIII

Ambos foram ministros provisórios  
Afonso, na *Justiça* fera e tesa  
Desfez-se em leis, decretos, relatórios,  
P’ra do vasto saber nos dar certeza.  
Para evitar futuros peditórios  
Assentou do orçamento logo à mesa  
Tios, tias, cunhados e cunhadas  
Os manos, as irmãs... mesmo as criadas.

XIX

Tendo assim garantido o mantimento,  
De toda a comilona parentela,  
Deitou-se a legislar como um portento.  
Lei da família — dos menor’s tutela —  
Divórcio, inquilinato, enfim um cento  
De geniais decretos. Mas a estrela,  
A coroa de toda a sua vida,  
Foi a separação. Quem o duvida?!” (II, XVIII-XIX)<sup>98</sup>

A separação, claro está, do Estado e da Igreja! Em contrapartida, a acção legislativa de António José de Almeida projecta-se noutros sentidos: forja uma nova lei eleitoral, decreta o descanso semanal, aumentos salariais, de modo particular do corpo docente, entre outras medidas de efeito prático imediato. E nessa liça, a imprensa desempenha um papel determinante, ocupada com jogos olímpicos, a alimentar ódios na classe política, enquanto o povo assiste indiferente ao espectáculo nacional...

O terceiro ponto do discurso de Faustino incide depois na preparação do 5 de Outubro, “o momento psicológico / em que o novo regime foi gerado. É um bonito estudo sociológico!” (II, XXVII)<sup>99</sup>, uma analepse que recupera o espaço de tempo anterior ao que é relatado com maior detalhe. Não admira que a emoção domine o orador e este se veja na obrigação de recobrar o fôlego, bem como as forças para continuar a missão:

“XXV

Aqui Faustino um pouco mudo fica,  
Recolhe ao bucho o membro falador.  
Escorre-lhe da testa o suor em bica;  
Do bolso puxa um lenço multicolor  
E a limpar o suor se prontifica.  
Depois, pede um refresco ao servidor,  
Leva-o à boca, bebe-o de um só hausto,

<sup>98</sup> *Idem, ibidem*, p. 35.

<sup>99</sup> *Idem, ibidem*, p. 37

Dá um ‘stalo co’ a língua e queda exausto.

XXVI

Porém, nem um minuto era passado,  
E já de novo a força lhe voltava;  
De senador n’um gesto ponderado  
(A quanto obriga a natureza brava!)  
Desdobra um outro lenço variegado  
E as profundezas do nariz escava.  
Depois, sacode o pó, cospe p’ra a rua,  
Ajeita-se no banco, e continua.” (II, XXV-XXVI)<sup>100</sup>

À gesta republicana da Rotunda, seguem-se, depois, episódios sugestivos: a entrada dos militares vitoriosos na cidade apoiados por uma multidão de oportunistas, que desejam colher os louros sem nada terem arriscado; um excuro em que o orador fala de si próprio, das suas funções na Biblioteca Nacional, bem como do seu romance sobre Inês de Castro – o que dá azo e abre caminho a uma conseguida paródia do excerto camoniano correspondente; e, de seguida, a enumeração detalhada dos feitos de cada um dos heróis da República.

No que se relaciona com o primeiro dos pontos atrás enumerados, a gesta da Rotunda, o relato impõe-se, recorrendo a algumas hipérboles, em tom caricatural, ao mesmo tempo que o poeta, em aberta denúncia, enumera os vários factores que contribuíram para a queda da monarquia: as fraquezas e inexperiência do jovem monarca, a cobardia dos monárquicos – os “talassas”, nome derivado da publicação da época anteriormente referida, de matriz realista e conservadora – e a falta de fidelidade geral de uma população apática face à instituição monárquica.

“XXVIII

Deu signal o canhão no Tejo amado  
Quando a noite ia já em mais de meio.  
Ouviu-o Portugal de lado a lado,  
Pintando em muitos rostos o receio;  
Ouviu-o D. Manoel e, de assustado,  
A carinha escondeu da mãe no seio;  
E os thalassas, que o som aperceberam,  
Bem debaixo das camas se meteram.

XXIX

Então é que se viu a valentia  
De todos os monárquicos fiéis!...” (II, XXVIII-XXIX)<sup>101</sup>

Os factores mais disfóricos que justificam o comportamento das diferentes classes são assim apontados: a hipocrisia dominante conduz à traição ao monarca, permitindo, de certo modo, que o oportunismo norteie as atitudes assumidas num profundo e generalizado desnorre, com o objectivo primário de cada um salvar a pele como pode na ocasião:

<sup>100</sup> *Idem, ibidem*, p. 37.

<sup>101</sup> *Idem, ibidem*, p. 38.

“XXX

[...] Uns tratam da defeza da barriga,  
E os outros que se acham em atrazo,  
Luctam p’ra encher também a pança amiga.[...]” (II, XXX, 3-5)<sup>102</sup>

Devido a esta capitulação global do regime, não admira que aquele reduzido número de insurrectos possa actuar como se de um escol de heróis de outras dimensões se tratasse. Por conseguinte, Bernardim Machado assume o comando das tropas da Rotunda, de dragonas emplumadas, como a dignidade o exigiria, a todos dando alento e inspirando coragem e sangue-frio. A população recolhe a casa, sibilam balas, a metralha voa e soa o rebentamento de granadas, mas as vítimas... são sete cavalos! A enfrentar os revoltosos, não aparece ninguém.

“XXXII

A tão temida guarda *mancipal*,  
Tão prompta em dar ao povo desarmado,  
Fugindo nem de si deixa signal.  
Muitos esquecem glórias do passado,  
Juramentos, a crença num Ideal  
Que para elles deveria ser sagrado.  
A maior parte foge ingloriamente,  
Abandonando o rei cobardemente.” (II, XXXII)<sup>103</sup>

Interrompendo a narração, justifica-se, por conseguinte, a invectiva que se segue, de Faustino da Fonseca, mas enquanto porta-voz do poeta, entenda-se, de teor dantesco, a apelar para o merecido castigo infernal que muitos certamente estarão a suportar, apenas aliviado pela notícia de que numerosos foram os traidores, na ocasião<sup>104</sup>. Retomando a seguir o fio da acção, refere a construção das barricadas, a audácia do comandante, que “decide ou morrer com honra e glória / Ou alcançar os louros da vitória” (II, XXXV, 7-8)<sup>105</sup>.

Em contraponto, enquanto as chefias militares realistas, na generalidade, assumem uma postura de indiferença, preferindo aguardar, para ver o desenlace da situação, apenas Paiva Couceiro, indignado, se atreve a sair em campo e enfrentar as tropas republicanas da Rotunda.

“XL

Paiva Couceiro manda uma granada  
Que causa na Rotunda reboço.  
O Machado co’a calça arregaçada,  
Manda ao demo o ter sido atrevidiço  
E vê a morte alli, em pé, alçada,  
Prompta a cumprir o seu fatal serviço.  
Mas avança com mente decidida  
Como quem pouco apreço liga à vida.

<sup>102</sup> *Idem, ibidem*, p. 38.

<sup>103</sup> *Idem, ibidem*, p. 39.

<sup>104</sup> Cf. *idem, ibidem*, p. 39.

<sup>105</sup> *Idem, ibidem*, p. 39.

XLI

Dos seus soldados o arrojado troço,  
Que cuidam ver do Inferno a porta aberta,  
Rezam por despedida um padre-nosso  
Vendo dos de Queluz a mão tão certa  
Que entre elles vem fazer grande destroço.  
Do tiroteio nada os acoberta:  
E se o Couceiro traz mais munições  
Dava um ar da Rotunda aos figurões.” (II, XL-XLI)<sup>106</sup>

Não avaliando adequadamente a inferioridade das forças republicanas, Paiva Couceiro retira-se de campo, desalentado, por se ver isolado a cumprir o seu dever. Pela facilidade da vitória alcançada, a facção oposta celebra a vitória e a República é, então, proclamada:

“XLIII

O campo deixa, e logo n’esse instante  
Proclama-se o Machado vencedor  
E a República implanta triumphante.  
Soa alegre o clarim, rufa o tambor  
Celebrando a victoria retumbante;  
E na *Câmara* um digno vereador  
Entre as aclamações, entre o vivorio,  
Nomeia os do Governo Provisório.” (II, XLIII)<sup>107</sup>

Esta é a gesta militar da proclamação da República, que, no entanto, se vê completada por outros pormenores, que, de algum modo, vêm redimensionar os feitos praticados. Deste modo, fica o leitor a saber que, por triunfo tão fácil de alcançar, foi Bernardim Machado recompensado posteriormente com uma pensão - que o poeta necessariamente inveja, muito embora a voz do discurso seja sempre a de Faustino da Fonseca. Mas como o mais comum dos mortais, fica o chefe militar amuado por não ver o desenrolar dos acontecimentos com a orientação que esperava, nem sendo a sua opinião tida em consideração para assuntos, como a formação do Governo Provisório, pelo que passa, depois, a ser visto como uma verdadeira ameaça. Ao abandonar o campo da Rotunda, tem lugar um episódio que bem caracteriza a atitude generalizada da população em semelhantes situações e que o poeta faz questão de incluir na narração:

“ XLVI

[...] Da Rotunda o pequeno pelotão  
Quando chegou a meio da Avenida  
Formava já compacta multidão.  
A gente que até alli fôra escondida  
Apparecia agora por milhares  
Com vivas atroando os claros ares.

<sup>106</sup> *Idem, ibidem*, p. 41.

<sup>107</sup> *Idem, ibidem*, p. 41.

[...] XLVIII

Pois sucedeu que os poucos da Rotunda,  
Que lá ficaram firmes e teimosos,  
Cahiram n'uma terra tão fecunda  
Que em breve se tornaram numerosos  
Como os peixes da Bíblia. E hoje abunda  
Tanto heroe, todos nédios e garbosos,  
Como d'areias há no mar ingente,  
Como estrelas no céu resplandecente.” (II, XLVI e XLVIII)<sup>108</sup>

E não é só o testemunho de anónimos, que em nada contribuíram para o desenlace vitorioso da República, a quererem fazer de conta que desde o primeiro instante tinham participado na gesta, que é denunciado, como também o oportunismo de muitos outros que se prepararam de imediato para tirar dividendos da situação e ganhos em proveito próprio:

“L

[...] Posta logo a meza  
Co'os restos que deixara a monarchia  
Começa a repartir-se com presteza  
A magra e pouca febra qu'inda havia.  
Os abutres abatem sobre a presa  
Com tal voracidade que fazia  
Pena ver Portugal já tão magrinho  
Ser inda até aos ossos chuchadinho.” (II, L)<sup>109</sup>

Neste contexto, nomeiam-se até alguns nomes a título exemplificativo, já que se torna inviável indicá-los todos, pela abundância dos que desse modo actuaram. O ensejo é então aproveitado para que o Director da Biblioteca Nacional ouse deixar transparecer, pondo mesmo a claro, a sua real situação perante o regime, não sem se indignar por não ver devidamente reconhecido o seu valor:

“LIII

Dizem que eu também sou um tubarão!  
Mentem; não passo apenas de faneca  
Aqui preso á perpétua escravidão  
De reles Director da Bibliotheca.  
Mais ganho trez escudos por sessão  
Como alto senador. Ínfima teca,  
Que não chega sequer para pagar  
O que há nesta cabeça a borbulhar!

LIV

Eu que já reformei o Nacional  
De sociedade co'o Affonso Gaio;  
Que escrevi já romances sem rival,  
Que no Senado sou um papagaio

<sup>108</sup> *Idem, ibidem*, pp. 42-43.

<sup>109</sup> *Idem, ibidem*, p. 43.

Mais palrador que o Matta original;  
Que compuz dramas em que brilha o raio  
Do génio de Rostand; e que outra vez  
Matei de nova morte a morta Ignez...” (II, LIII-LIV)<sup>110</sup>

E tal oportunidade não podia deixar de ser aproveitada para se introduzir no poema uma felicíssima paródia ao episódio de Inês de Castro<sup>111</sup>. Na realidade, o longo romance de Faustino da Fonseca sobre esta heróina do Amor, se vinha ao encontro do gosto dominante pelos grandes dramas de amor e de índole histórica, teria igualmente sido objecto de crítica pela sua extensão - motivo que vem agora proporcionar um dos momentos de maior requinte literário no poema, pelo inspirado jogo de intertextualidade em que assenta e que qualquer leitor de imediato identifica.

“LV

Estava a pobre Ignez, a Ignez tão linda  
Dormindo no convento de Alcobaça [...]

LVII

Mas cá mestre Faustino, que engallinha  
Com tudo o que cheirar a realeza,  
Quando soube que Ignez fora rainha  
Mesmo depois de a morte a levar presa,  
De se portar com ella muito á teza,  
De ir buscal-a outra vez á sepultura  
E matal-a de novo com tortura.” (II, LV e LVII)<sup>112</sup>

E assim acontece: o escritor levanta a tampa do caixão, retira-a para fora e... é nesse momento que ela lhe dirige a palavra, num compungido discurso,

<sup>110</sup> *Idem, ibidem*, p. 44.

<sup>111</sup> Sobre o episódio camoniano de Inês de Castro, é vasta a bibliografia existente. Pelo facto, sejam de consultar as obras que a recolhem e apresentam de forma sistemática, como é o caso de Maria Leonor Machado de Sousa, *Inês de Castro. Um Tema Português na Europa*, Lisboa, ACD Editores, 2004; Maria Leonor Machado de Sousa (Org.), *Catálogo Bibliográfico. Inês de Castro 1355-2005*, Lisboa, Biblioteca Nacional, 2005, e José P. Costa, *Inês de Castro (1320?-1355) Musa de tantas paixões. Bibliografia anotada*, Lisboa, Prefácio, 2009. Distingam-se, no entanto, os estudos e comentários ao poema de Camões a seguir apontados: Luís de Camões, *Lusíadas* comentadas por Manuel de Faria e Sousa, Lisboa, Tomo II, Madrid, por Ivan Sanches, 1639, col. 173-215; António de Vasconcelos, *Lenda e História de Inês de Castro*, Coimbra/Castelo Branco, Alma Azul, 2004 (1ª ed.: Porto, Marques Abreu, 1928), pp. 5-9 e ss; Salvador Dias Arnaut, “O episódio de Inês de Castro à luz da História”, in: XLVIII Curso de Férias da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, *Ciclo de lições comemorativas do IV Centenário da Publicação d' "Os Lusíadas"*, Lisboa, Comissão Executiva do IV Centenário da Publicação de “Os Lusíadas”, 1972, pp. 97-111; José Filgueira Valverde, *op. cit.*, pp. 241-255; João Gouveia Monteiro, Aníbal Pinto de Castro, Pedro Dias, *O Reencontro de D. Pedro e D. Inês*. Introdução de Manuel Viegas Abreu, Coimbra, Associação para o Desenvolvimento do Turismo da Região Centro, 1999; Patrizia Botta (Org.), *Inês de Castro. Studi. Estudos. Estudos*, Ravenna, Longo Editore, 1999; e Maria Leonor Machado de Sousa (Org.), *Colóquio “Inês de Castro”*. Actas. 15 de Janeiro de 2005, Lisboa, Academia Portuguesa de História, 2005.

<sup>112</sup> Marco António, *Republicaníadas*, loc. cit., pp. 44-45.

a pedir piedade uma vez mais, não já aos algozes, mas ao próprio escritor, imprecando:

“LIX

Se tens d’humano ser o gesto e o peito  
E não de bruta fera ou d’animal,  
Trata com mais cautella e com mais geito  
A pobre Ignez, que nunca te fez mal.  
Sou digna de piedade e de respeito;  
Pois não achas bastante afinal  
As vezes que me teem assassinado  
Na História, nos theatros e no fado?

LX

Torna a atirar-me para a campã fria,  
Deixa em socego a triste Ignez chorosa,  
Pois queres com tua penna luzidia  
Macular n’uma vil, indigna prosa  
Contra uma mulher fraca e sem valia?  
Parece-me uma acção indecorosa.  
Deixa-te d’isso, sim, meu bom careca,  
Meu querido Faustino da Fonseca?!” (II, LIX-LX)<sup>113</sup>

O discurso, em que abundam sintagmas camonianas a par de outras partes em que predomina um estilo menos elevado e mais chistoso, traduz de modo transparente uma conseguida crítica ao gosto da época pelo romance histórico, como referimos, em que as cenas dramáticas se arrastam e dominam a narrativa. Como os tempos tinham mudado: os algozes dos tempos modernos são, pois, os escritores, que reconstituem os dramas intensos do passado, prolongando as agonias...<sup>114</sup>

...E Inês chora, desta vez porque o romance é comparado a uns rabiscos sem concerto “com bombásticos termos, frases cheias / de palavras subteis, mas sem ideias” (II, LXI, 7-8)<sup>115</sup>. Ignorando toda essa imprecação, sem que considere até qualquer viabilidade de atendê-la, Faustino opta por seguir, em contrapartida, o seu estro poético:

“LXII

Tal eu, Faustino, fero matador,  
Pegando no papel e na caneta,  
Comecei a escrever, e com vigor  
Sentindo em mim a veia de poeta,  
De novo a triste Ignez matei sem dor!  
Depois fiz publicar toda essa treta,

Sem já temer que o *cru* Pedro primeiro  
Quisesse outra vez ser o justiceiro.

LXIII

Sou eu esse Faustino glorioso  
A quem d’esta República os mandões  
Atiraram um osso vergonhoso,  
Emquanto elles, os grandes figurões,  
Vão comendo o que inda há de saboroso,  
N’este paiz de sol e de melões,  
D’esses vou nomear os principaes  
Para que de gingeira os conheçais.” (II, LXII-LXIII)<sup>116</sup>

E assim se encerra o episódio de Inês de Castro! Justapõe-se-lhe de imediato o catálogo das figuras eminentes do regime republicano, numa espécie de ladainha laica, seguindo uma estratégia em que a caricatura se põe ao serviço da paródia, invocando-se, para cada figura pública, um número reduzido, mas pertinente, de traços sugestivos, para que o leitor não só identifique com facilidade as personagens em causa, como acerca delas possa esboçar um leve sorriso, graças à ironia corrosiva com que os respectivos retratos são lavrados. Desmonta-se, desta forma, a imagem intocável a que os heróis da República haviam sido arvorados. Do elenco, actualização dos heróis do discurso de Paulo da Gama, de matriz camoniana, constam Bernardino Machado, Afonso Costa, Brito Camacho, António José de Almeida, Eusébio Leão, António Maria da Silva<sup>117</sup>, Augusto de Vasconcelos Correia<sup>118</sup>, Sidónio Pais, Duarte Leite<sup>119</sup>, Nunes da Mata<sup>120</sup>, todos eles

<sup>116</sup> *Idem, ibidem*, p. 46.

<sup>117</sup> António Maria da Silva (Lisboa, 1872 – ib. 14.10.1950), Engenheiro de Minas pela Escola do Exército, desempenhou funções no Ministério das Obras Públicas. Foi um dos chefes da Carbonária, que se empenhou em derrubar a monarquia. Foi administrador-geral dos Correios e Telégrafos, deputado, Ministro do Fomento (1913-1914; 1915-1916), Ministro do Trabalho (1916-1917) e Chefe do Governo (1820; 1922-1923; 1925-1926). Chefiou o Partido Democrático depois de Afonso Costa se ter radicado em Paris.

<sup>118</sup> Augusto César de Almeida de Vasconcelos Correia (Lisboa, 25.09.1867 – Lisboa, 27.09.1951) foi médico e professor catedrático da Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa, onde se tinha licenciado em 1891. Foi Ministro dos Negócios Estrangeiros (1911), Presidente do Ministério, em acumulação com o cargo de Ministro dos Negócios Estrangeiros (1912), voltando a assegurar somente a pasta dos Negócios Estrangeiros, em 1913. Depois enveredou pela diplomacia, desempenhando o cargo de Embaixador de Portugal em Madrid, em 1913-1914, em Londres, de 1914 a 1919. Presidiu à delegação portuguesa na Conferência de Paz de Paris (1919), passando de seguida para a Sociedade das Nações, onde foi delegado português em 1934-1935. Nessa altura, presidiu à Assembleia Geral, contribuindo para a resolução da Guerra do Chão, entre a Bolívia e o Paraguai.

<sup>119</sup> Duarte Leite (Porto, 11.08.1864 – ib. 29.09.1950), depois de se ter formado em Matemática pela Universidade de Coimbra, em 1885, tornou-se professor da Academia Politécnica do Porto, até 1911. Foi colaborador do jornal portuense *A Voz Pública* e, posteriormente, do diário *A Pátria*, chegando a Director deste último. Desempenhou os cargos de Ministro das Finanças (1911-1912), Chefe do Governo e Ministro do Interior (1912-1913) e Embaixador de Portugal no Brasil (1914-1931). Enquanto historiador, a ele se devem numerosos estudos, depois coligidos em dois volumes intitulados *História dos Descobrimentos*.

<sup>113</sup> *Idem, ibidem*, pp. 45-46.

<sup>114</sup> Por motivos semelhantes, de reacção contra a exploração exagerada de dramalhões passionais de tempos idos, se justifica igualmente a paródia da autoria de Eça de Queirós sobre o drama de Inês de Castro, em que abordagem das personagens e os efeitos alcançados não divergem muito das estratégias que Marco António também aqui utiliza.

<sup>115</sup> Marco António, *Republicaniadas*, loc. cit., p. 46.

envolvidos em situações assaz burlescas, pelo que o poeta é levado a concluir, aludindo ainda a muitos outros nomes de maneira assaz sumária:

“LXXVII

Mil outros poderia nomear  
De engenho luminoso e fulgurante,  
Mas para que vos hei-de massacrar?  
Quem não conhece a plêiade brilhante  
Que a República foi desenterrar  
Do esquecimento indigno e humilhante?  
Quem não conhece as glórias do regímen  
De que eu sou razoável espécimen?

LXXVIII

Quem não conhece o Relvas, Zé Barbosa,  
Nunes da Ponte, Coronel Silveira,  
Abel Botelho, mente poderosa,  
Jacintho Nunes, Chagas, o Cerveira,  
Do grão Barreto a pólvora famosa,  
O Menezes que em tudo toca e cheira  
Mas que inda não achou um bom momento  
De largar rédea solta ao seu talento?

LXXIX

Quem não conhece as barbas do Junqueiro,  
Do Estevam a vastíssima cultura,  
França, Alexandre, Quim Freitas Ribeiro,  
Do Celestino a magna envergadura,  
Magalhães, génio augusto e lisonjeiro,  
E mil outros que esquece a mente escura,  
E mil outros que deixo no segredo  
Senão não acabava isto tão cedo?” (II, LXXVII-LXXIX)<sup>121</sup>

E assim Faustino da Fonseca encerra o seu discurso e o Canto II chega ao fim.

No Canto III, retoma-se o discurso, após o poeta renovar a invocação, desta vez a Baco — sugestiva invocação! E o primeiro episódio deste Canto incide sobre a aparição de Cristo a Bernardino Machado, a augurar-lhe um

<sup>120</sup> O Almirante Nunes da Mata (Sertã, 02.01.1849 – Parede, Cascais, 19.01.1945) fez carreira na Marinha de Guerra e, em paralelo, na das Letras, enquanto escritor de reconhecido mérito. Particularmente interessado pela construção naval, foi nomeado professor auxiliar da Escola Naval, em 1881. Abraçando o ideário republicano desde a infância, tomou parte activa na propaganda dos seus ideais e colaborou nos jornais *Trasmontano*, *Partido do Povo*, *O Século*, *Debate* e *Vanguarda*, recorrendo por vezes a pseudónimos (“Júlio Graccho” e “Ignotus”). Amigo íntimo de Manuel de Arriaga e Manuel de Azevedo Gomes, constituiu com eles um triunvirato republicano dentro da Armada. Publicou numerosos títulos da sua especialidade, além de comédias e tragédias de pendor patriótico e histórico. Entre as actividades filantrópicas em que se empenhou, a ele se deve o incentivo para a construção de um sanatório na Parede, para tratamento de pessoas com tuberculose óssea.

<sup>121</sup> Marco António, *Republicaniadas*, loc. cit., p. 50.

futuro promissor e glorioso, apesar de acabar exilado em terras brasileiras; o segundo, aborda o combate de Chaves; o terceiro apresenta a actualização do Adamastor no momento histórico que se atravessa, remetendo para a imagem de que Canalejas, ministro ameaçador das Espanhas, usufrui em Portugal, visto que em nada facilita a vida aos republicanos portugueses, porque desenvolve abertamente uma política de protecção a Paiva Couceiro, contrária aos interesses da jovem república.

A nova invocação impõe-se, assim, para que o poeta ganhe alento para mais um lance da acção. A narração em que Faustino da Fonseca é o condutor do discurso interrompe-se, por conseguinte, uma vez mais, para dar lugar a um original e bem elaborado pedido de ajuda a Baco<sup>122</sup>, sob a forma de uma jaculatória burlesca. Recorre-se a argumentos, que, por mais convincentes e fundamentados que surjam, no que se refere aos hábitos e costumes do povo português, não deixam de cair na esfera da caricatura. Muito mais ainda, se tomarmos em consideração o contexto histórico, tempos de ateísmo dominante, pelo que, deste modo, esta invocação deixaria de ter cabimento, podendo apenas funcionar em termos genológicos, como cumprimento desajustado a um desgastado código poético. Em termos ideológicos, numa perspectiva religiosa, porque Baco, sendo um deus, enquanto tal, seria banido de vez dos esquemas mentais laicos contemporâneos; em termos estético-literários, porque há muito que a mitologia surgia como um anacronismo. Além do mais ainda, porque Baco, aqui, parece actuar segundo uma perfeita inversão de papéis, se considerada a sua aberta oposição aos portugueses n’*Os Lusíadas*: assim, já não são os homens que se vêem submetidos à vontade e deliberação dos deuses, mas são os deuses que ainda assim mais se preocupam com o destino dos homens. Em qualquer dos casos, a protecção de Baco ao povo português justifica-se, neste momento, porque este sempre lhe fora devoto, por mais inconsciente que o fosse de facto, já que, no ritual da mesa, o vinho jamais deixara de estar presente, sendo a terra lusitana também sempre privilegiada, entre as preferidas desta entidade:

“I

Bacco amigo! Se os deuses sempiternos  
Ligam dez réis d’estima e d’amizade  
Aos homens que os veneram sempre ternos  
E lhes tributam preto e lealdade;  
Se, mesmo n’estes séculos modernos,  
Em que é *chic* o ateísmo, a impiedade,  
Vocês ainda olham cá p’ra o fundo  
A ver o que se passa neste mundo;

II

Se vocês ainda attendem como d’antes  
A invocação d’um mísero mortal,  
Que vem a vós com gestos suplicantes  
Mendigar um favor especial,  
Lança Bacco os teus olhos chammejantes

<sup>122</sup> Tratando-se de uma paródia, admite-se, assim, que aqui a atitude que Baco partilha n’*Os Lusíadas* face aos portugueses se inverta. Sobrè este deus e modo de actuar no poema camoniano, veja-se Hernâni Cidade, *op. cit.*, pp. 112-113.

Sobre o teu predilecto Portugal,  
E escuta lá da olympica morada  
A minha voz sumida e fatigada.

### III

Tu sabes que esta terra, oh Bacco amigo,  
Te prestou sempre um culto dedicado;  
Que nenhum português é inimigo  
Do teu licor bendito e delicado;  
Que tens, e desde o tempo mais antigo,  
Em cada português um advogado  
Que apregoa no mundo as tuas prendas  
Nos jantares, nas ceias, nas merendas.” (III, I-III)<sup>123</sup>

A fundamentar essa dedicação dos portugueses a Baco<sup>124</sup>, evoca-se de modo alegórico o especial prazer que o deus tem em divertir-se em terras de Portugal, permitindo uma produção de néctares de primeira qualidade, como o do Porto e o da Madeira, já não mencionando o vinho de Colares, resultante do contributo que a este lhe dá Vénus, numa clara alusão aos passeios da burguesia lisboeta pelas várzeas em que se situam as vinhas que o produzem e às consequentes aventuras galantes e amorosas que nelas têm lugar.

### “IV

Tu bem sabes que, em noites de pagode,  
Quando no Olympo tudo é já sereno,  
Desces a terra cavalgando um bode  
Acompanhado só do teu Sileno.  
E por mais que este globo gire e rode  
Preferes sempre este torrão pequeno,  
Preferes sempre o Porto ou a Madeira  
Às mixórdias que vêm d’além-fronteira.

### V

Vi-te uma vez na Várzea de Collares;  
Vinhas com Vénus... vinham vocês ambos  
De braço dado, ella fitando os ares  
E tu monologando uns dithyrambos;  
Sileno mais atrás, fazendo esgares,  
Bêbado como um cacho, co’os pés cambos:  
E tu enaltecias mais e mais  
A excellencia dos vinhos nacionais.

<sup>123</sup> *Idem, ibidem*, p. 53.

<sup>124</sup> Recordo para o efeito outros poemas que assumem a forma e o discurso épicos, como a paródia a *Os Lusíadas*, de 1589, feita por quatro estudantes da Universidade de Évora, intitulado precisamente *Paródia ao primeiro canto dos Lusíadas de Camões por quatro estudantes de Évora em 1589* (Lisboa, na Typographia de G. M. Martins, 1880), em que a matéria do poema é a viagem de um rancho de bêbados de Alcochete, que procura alcançar os arredores de Évora, num ano de sequeiro, para saciarem a sede com os vinhos de S. José da Pêra Manca. Tal poema, que acabou por colher os favores do público, foi depois continuado por António de Magalhães e Meneses, Senhor de Ponte da Barca, em 1645.

### VI

Pois bem, amigo Bacco! Se o encanto  
D’este torrão vínícola te prende,  
Sobre mim do teu amplo e doce manto  
Algumas dobras com amor estende;  
Dá nova inspiração ao pobre canto  
D’um português que te ama e te comprehende.  
Que o Faustino, depois d’um bom jantar,  
Tem sempre outra maneira de fallar.” (III, IV-VI)<sup>125</sup>

Por todas as razões invocadas, fundadas, como acabamos de ver na estreita ligação dos portugueses a Baco e deste à paisagem de Portugal, espera o poeta alcançar a necessária inspiração, colhida na libação de alguns copos de vinho para que, com a ajuda de Baco, se disponha a novo lance poético. Atente-se, porém, no requintado quadro mitológico alusivo, reconstituindo uma cena que em nada desmerece dos episódios da mitologia greco-latina, em que aquela divindade passeia na companhia de Vénus, citando dithyrambos, género particularmente associado ao culto orgiástico; em Sileno, seguindo no seu séquito, por mais ébrio que se encontre; e, como aliás seria de esperar, num ambiente natural de *per se* embriagante. Deste modo, retoma também Faustino da Fonseca o fio da narração e é no fim da estância VI do Canto III que a acção se desencadeia, não sem que se criem as necessárias condições para que o orador cumpra a sua função. Aborda então a jornada do 5 de Outubro, que tinha sido longa, e trata de Bernardino Machado, que, conseqüentemente, se propunha repousar. Abre-se, então, espaço a novo episódio.

### “IX

«Mas mal tinha chegado satisfeito,  
Eis de repente a casa se illumina,  
Rasga-se o tecto e sobre o áureo leito  
Ouve-se um canto, música divina  
Feita toda d’amor e de respeito.  
Depois do céu se rompe uma cortina,  
E ao pobre Bernardino, que estremece,  
O Christo em roupas brancas aparece!

### X

Traz apenas vestido um penteador,  
Feito d’uma só peça, sem costura;  
Na cabeça um visível resplendor;  
E a loura cabelleira com fartura  
Cai-lhe em anneis; respira doce amor  
A sua nobre, cândida figura,  
E chegando-se ao pé do Bernardino  
Pousa-lhe no ombro a mão e diz ladino:»”(III, IX-X)<sup>126</sup>

<sup>125</sup> Marco António, *Republicaniadas*, *loc. cit.*, p. 54.

<sup>126</sup> *Idem, ibidem*, p. 55.

Como seria de esperar de um republicano convicto da época como é o poeta, a figura de Cristo é tratada com chiste e, por conseguinte, de modo a dessacralizá-la por completo, moldando-a com um discurso que mais parece de empregado de balcão. Em primeiro lugar e de maneira caricata, Jesus trata dos tecidos de que são feitos os fatos do futuro Presidente, a “gentil farpela [...] de cheviote” (III, XI, 2)<sup>127</sup>, uma verdadeira pechincha arranjada nos armazéns do Grandela<sup>128</sup>, florescente industrial republicano do tempo, que, pouco havia, abriu uns armazéns no Chiado, famosos pelas condições de trabalho oferecidas aos empregados e pela abundância na oferta dos produtos.

No entanto, a particularidade literária deste episódio, resulta do paralelo estabelecido entre a aparição de Cristo a D. Afonso Henriques<sup>129</sup>, n’ *Os Lusíadas*, e, aqui, a Bernardino Machado. Num caso, é o primeiro rei de Portugal, no outro, é um futuro Presidente da República, que vem a ocupar o cargo por duas vezes. Numa situação, trata-se da fundação da nação; na outra, da proclamação da República. De qualquer modo, trata-se sempre de uma segunda fundação da pátria e, nessa perspectiva, enriquece-se o poema com mais um caso em que o jogo de intertextualidade entre as duas obras se legitima. Na sequência das palavras que Cristo dirige a Bernardino Machado, revela-lhe o seu futuro em perfeita prolepse épica, além de se apresentar de acordo com a perspectiva com que a República difundia a Sua imagem, por adequação ideológica:

### “XIII

«Eu sou Christo, o primeiro socialista  
Que Deus deitou ao mundo em seus destinos;  
Que fiz milagres (coisa nunca vista!)  
E acariciava sempre aos pequeninos.  
Fui sempre um bom, fui sempre um altruísta,  
E por isso os espíritos malinos,  
Cuja careca à mostra sempre pus,  
Pregaram-me nos braços de uma cruz.” (III, XIII)<sup>130</sup>

Feita a Sua apresentação, torna-se desnecessário que Cristo aponte mais pormenores sobre a Sua Pessoa, aliás, neste sentido, uma história que seria um adensar de padecimentos, e avança de imediato para o objectivo da sua aparição: a revelação da profecia sobre o futuro glorioso de Bernardino Machado, já que as suas preces haviam chegado aos Céus e sido acolhidas com benevolência. Resulta daí o anúncio de uma carreira coroada de glória.

<sup>127</sup> *Idem, ibidem*, p. 55.

<sup>128</sup> Francisco Grandela (Aveiras de Cima, Azambuja, 1852 – Foz do Arelho, Caldas da Rainha, 20.09.1934), marçano em Lisboa desde os 11 anos, estabeleceu-se por conta própria aos 27. Fundou de seguida a Loja do Povo, o Centro Comercial, depois designado Novo Mundo, e, por fim, os Armazéns Grandela. Fundou igualmente fábricas de lanifícios, tecidos de algodão e fição, bem como de malhas, e mobiliário. Foi um dos fundadores do Teatro da Rua dos Condes e do Clube dos Makavenkos, cuja história e actividades registou no volume de *Memórias dos Makavenkos*. Foi ainda director de revistas ilustradas como *Passatempo* e *A Cidade e os Campos*.

<sup>129</sup> Sobre o episódio da aparição de Jesus Cristo a D. Afonso Henriques incluído na sequência da Batalha de Ourique, seja de considerar o comentário de Manuel de Faria e Sousa, *op. cit.*, Tomo II, Col. 91-87, e Hernâni Cidade, *op. cit.*, pp. 116-118.

<sup>130</sup> Marco António, *Republicaniadas, loc. cit.*, p. 56.

depois de implantada a República, salpicada de pequenas manchas, próprias da condição humana, e de alguns revezes, na fase final.

### “XV

Bernardino, vem perto já o dia  
Em que uma dúzia d’homens esforçados  
Hão-de empurrar de todo a monarquia  
P’ra fora do seu reino e seus estados.  
E n’essa hora de vívida alegria  
Os povos n’um momento convocados  
Hão-de acclamar-te em brados lisongeiros  
Ministro dos Negócios Estrangeiros.

### XVI

Serás ministro; e o mundo há-de pasmar  
Do teu génio subtil de diplomata!  
Toda a Europa suspensa há-de ficar  
Do teu fino sorrir de aristocrata;  
O mundo inteiro te há-de bajular  
E te há-de vir fazer *bichinha gata*.  
Serás enfim maior que Metternich  
E Bismarck, cujas famas vão a pique.

### [...] XVIII

Nomearás ministros para a estranja;  
Mas as potências não-de refilar,  
Dizendo que não bebem d’essa canja.  
E tanta carrapata há-de tramar  
Com sorte tão mofina e tão macanja,  
Que a História um dia te há-de relembrar  
Não como um diplomata superfino,  
Mas como um La Palisse ou um Calino.» (III, XV-XVIII)<sup>131</sup>

Assim, após lhe anunciar que ocupará o cargo de ministro provisório, depois apenas o de deputado da nação e, apesar das calinadas, será indigitado de seguida para candidato a Presidente da República. A campanha eleitoral decorrerá animada e prometedora:

### “XX

Divide-se em facções o Parlamento  
Referve acesa a luta e assim se anima  
Um pouco do país o esfriamento.  
Uns querem Arriaga, outros o Lima,  
Alguns vão arrancar do esquecimento  
O Bonança e empurram-no para cima,  
Outros querem Braamcamp, e os afonsistas  
Querem-te a ti do alto do poder nas cristas.

<sup>131</sup> *Idem, ibidem*, pp. 56-57.

## XXI

Andará esfusante e luminoso  
 Uma quinzena quase; e toda a gente  
 Dirá, ao ver-te esperto e gracioso:  
 Ali vai o futuro presidente!  
 E tu, ardendo em desusado gozo,  
 Repetirás, baixinho, alegremente:  
 És minha, és minha, és minha, oh presidência,  
 Doce filha da minha complacência!” (III, XX-XXI)<sup>132</sup>

Mas, no dia assinalado, as coisas correm mal e é com lágrimas que Bernardino Machado vê Manuel da Arriaga ser eleito Presidente da República. Todavia, “quem espera, sempre alcança” e, ao fim desse quadriênio, sorri-lhe finalmente a oportunidade, subindo “ao proscénio da República” (III, XXIII, 8)<sup>133</sup>. Entretanto, espera-o o exílio no Brasil<sup>134</sup>, onde deve, quieto e sossegado, aguardar o momento de intervir. Depois de tanto antever e anunciar, à despedida, Cristo, em tom jocoso, apenas recomenda a Bernardino Machado que não se esqueça de O recompensar, enviando-lhe para o Céu umas peças de cheviote, de modo a poder mandar confeccionar um fraque semelhante aos dele, e encarrega-o de transmitir a Grandela afáveis saudações, tudo na maior cordialidade republicana!

O episódio, que é uma aparição, mas simultaneamente um sonho<sup>135</sup>, deixa o futuro Presidente da República entre o temeroso, o abismado e o eufórico face à revelação das profecias. Considera mesmo pertinente convocar de imediato os amigos para lhes comunicar o sucedido, resumindo-se agora o seu discurso a duas estâncias:

## “XXVII

Logo chama os amigos a conclave.  
 - Amigos, veio ver-me o caro Cristo  
 Que me disse n’um tom áspero e grave  
 Que do poder geral sobre tudo isto  
 Hei-de um dia empunhar a rija trave,  
 Não digo mais, nem mesmo mais insisto.  
 Amigos, ‘inda um dia finalmente  
 Me havereis de ver eleito presidente!

## XXVIII

E nesse dia, oh nesse dia então,  
 Teremos a República ideal.  
 Teremos a República união  
 Suspensa do meu riso angelical!

Para os da grei, que grande reinação!  
 Mas para os inimigos, por seu mal,  
 A forca, a costa d’África, o diacho!  
 Ai pobre António Zé! Pobre Camacho!” (III, XXVIII-XXIX)<sup>136</sup>

Apesar de encerrado o episódio da aparição de Cristo a Bernardino Machado, entende Faustino da Fonseca não ter ainda cumprido de todo a sua função. Quase esgotada a reserva de informações a transmitir ao delegado das potências estrangeiras, a um episódio do plano do maravilhoso, faz seguir, como se compreende, outro, mas de natureza diferente, desta vez de carácter mais heróico, de matéria bélica – o combate de Chaves<sup>137</sup>.

[...] O combate de Chaves retumbante  
 Que pelos tempos fora há-de ecoar,  
 E fazer esquecer, por apoucados,  
 Os dois cercos de Diu tão cantados.” (III, XXIX, 5-8)<sup>138</sup>

Trata-se de um passo de deslumbramento heróico, mas sem que se atinja a dimensão épica dos restantes episódios, talvez devido à sua referencialidade. Contudo, muito embora Faustino da Fonseca manifeste explicitamente o cansaço sentido, ao que parece por insatisfação do emissário estrangeiro, novo episódio se associa. A curiosidade incide agora sobre a obra que a República tem entretanto levado a cabo. Contudo, alternadamente dispostos, cabe desta feita novo momento ao plano do maravilhoso. Já não se espera que se reconstituam tantas informações. É nesse preciso momento que uma negra aparição surge, a modo de actualização do episódio do Adamastor (*Os Lusíadas*, V, 37-60)<sup>139</sup>. De modo paralelo, “uma nuvem negra que aparece”

<sup>136</sup> Marco António, *Republicançadas*, loc. cit., pp. 59-60.

<sup>137</sup> Cf. *idem*, *ibidem*, est. XXIX-XLI, pp. 60-63. A propósito da matéria histórico relacionada com este combate, veja-se também Raul Rêgo, “A incursão de Chaves”, in *História da República*, Vol. III: *O Firmar do Regime*, loc. cit., pp. 162-167. O suporte épico para o tratamento deste episódio tanto pode ser o das batalhas d’*Os Lusíadas*, pelo que somos levados a remeter para o estudo de Hernâni Cidade sobre esta matéria (*Op. cit.*, pp. 116-125), ou, como o próprio autor refere explicitamente, para o tratamento épico dos dois cercos de Diu, nas epopeias que inspiraram: Jerónimo Corte-Real, *Sucesso do segundo cerco de Diu: Estando Dõ Ioham Mazcarenhas por Capitam da Fortaleza. Año de 1546*, Lisboa, por Antonio Gonçalves, 1574; e Francisco de Andrade, *O Primeiro Cerco que os Turcos puserão há fortaleza de Diu nas Partes da India, defendida pollos Portugueses*, Coimbra, [por João de Barreira], 1589.

<sup>138</sup> *Idem*, *ibidem*, p. 60.

<sup>139</sup> Acerca do episódio do Adamastor de *Os Lusíadas*, veja-se sobremaneira o comentário de Manuel de Faria e Sousa, *op. cit.*, Tomo II, col. 511-583; José Benoliel, *Episódio do Gigante Adamastor. Estudo crítico*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1898; José Maria Rodrigues, “Fontes dos Lusíadas”, in *O Instituto*, Vol. 52, 1905, pp. 633-634; Baltazar Osório, “Origens do episódio dos Lusíadas «O Gigante Adamastor»”, in *Boletim da Segunda Classe da Academia das Ciências de Lisboa*, Vol. IV, 1911, pp. 521-546; Hernâni Cidade, *op. cit.*, pp. 109-112; José Filgueira Valverde, *op. cit.*, pp. 265-275; Américo da Costa Ramalho, “Sobre o nome de Adamastor” e “Aspectos clássicos do Adamastor”, in *Estudos Camonianos*, Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica, 1980, pp. 27-34 e 35-44, respectivamente; Aníbal Pinto de Castro, “O episódio do Adamastor: seu lugar e significação na estrutura de «Os Lusíadas»”, in XLVIII Curso de Férias da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, *Ciclo de*

<sup>132</sup> *Idem*, *ibidem*, p. 58.

<sup>133</sup> *Idem*, *ibidem*, p. 58.

<sup>134</sup> Cf. *idem*, *ibidem*, p. 59: “Certo é que hás-de ir viver como ignorado / Na terra em que Pedro Álvares Cabral / Primeiro pôs o pé ligeiro e ousado” (III, XXIV, 1-3).

<sup>135</sup> Sobre o papel determinante do sonho enquanto estratégia literária recorrente na epopeia, para anunciar os feitos futuros dos heróis, veja-se o nosso ensaio “O sonho na épica quinhentista. Camões e Tasso em confronto”, in Rita Marnoto (Coord.), *Imaginação e Literatura*, Coimbra, Instituto de Estudos Italianos da Faculdade de Letras da Universidade, 2009 (Série Leonardo, 5), pp. 53-83.



(III, XLII, 8)<sup>140</sup> torna-se cada vez mais ameaçadora, ao mesmo tempo que “ouvia-se no espaço a voz aguda / Dos ventos açulados com furor” (III, XLIII, 3-4)<sup>141</sup>. Faustino da Fonseca, atemorizado com o aterrador temporal que, repentinamente, se tinha desencadeado, mais aterrorizado ficou com o semblante que vislumbra na escuridão:

“XLIV

Não acabava, quando uma figura  
Se lhe mostra no ar, alta e farfante,  
De grande, esquisitíssima estatura,  
Calva a cabeça, a vista vacilante,  
Ameaçadora e fera a catadura,  
A *pose* enfatuada e petulante,  
Rapada a barba, o queixo saliente,  
Nos lábios um sorriso impertinente.

XLV

Tão grande parecia, que o Faustino  
Julgou que era algum novo Adamastor,  
Ali vindo da parte do destino  
Para que ele tremesse de pavor.  
Mas era o Canalejas superfino,  
Que rompe n’uma voz em que o rancor  
Pelo novo regímen implantado  
Se adivinha no tom precipitado.” (III, XLIV-XLV)<sup>142</sup>

A arrogância implícita nas atitudes da nova personagem traduz-se logo na ordem imediata de mandar calar Faustino da Fonseca, a fim de poder expressar todo o rancor e conseqüente ameaça que representa para a nova República, concretizada muito mais pelos apoios com que favorece os conspiradores monárquicos, que procuram abrigo em Espanha<sup>143</sup>. Pronto a invadir Portugal, vingar Aljubarrota e provar quanto se engana Tomás Ribeiro<sup>144</sup>, no *D. Jaime*<sup>145</sup>, ele só é quanto basta para deitar por terra o novo

regime político português, como um novo D. Quixote, na empresa gloriosa de tomar e ocupar a capital – projecto que qualquer português associa, de imediato, às promessas de Filipe II de Espanha, quando pretendia tornar-se rei de Portugal. Aí, Faustino da Fonseca, a exemplo de Bartolomeu Dias n’*Os Lusíadas*, invectiva-o:

“LI

Mais ia por diante a fanfarrice,  
Quando o Faustino a vista arregalando  
E co’um tremor na voz, medroso disse:  
«Mas quem és tu, que estás p’ra aí pregando  
Tanta bazóvia e tanta parvoce?»  
A visão, mais o rosto carregando,  
Lhe retrucou com voz pesada e fera,  
Como a pergunta não espera.” (III, LI)<sup>146</sup>

E, à semelhança do discurso do Adamastor, a nova visão, depois de ameaçar quem agora põe em perigo os seus domínios, dá-se a conhecer e expõe os motivos da sua atitude. O novo Adamastor era, nem mais, nem menos que o poderoso ministro de Espanha:

“LII

«Eu sou aquele esplêndido ministro  
A quem chamais vós outros D. Pepito;  
Que sempre tem p’ra vós o olhar sinistro  
De inimigo mortal firme e convicto.  
Aqui, da Espanha toda eu administro  
O domínio vastíssimo e infinito,  
E ’inda espero mudar, se a ideia é boa,  
A minha capital para Lisboa.

LIII

Sou filho d’esta Espanha luminosa,  
Maior que Salmeron, que Castelar;  
Minha pessoa a fama justa goza  
De não ter n’este palco sublunar  
Rival em génio, em mente poderosa.  
Fui liberal; mas pus-me a matutar  
E decidi-me, vendo que era asneira,  
A desertar da liberal fileira.

LIV

O sonho acariciei de ver um dia  
Portugal dominado pela Espanha;  
Usando de subtil diplomacia  
Deixava à Inglaterra e à Alemanha

---

lições comemorativas do IV Centenário da Publicação d’ “Os Lusíadas”, loc. cit., pp. 61-78.

<sup>140</sup> Marco António, *Republicaniadas*, loc. cit., p. 63.

<sup>141</sup> *Idem*, *ibidem*, p. 63.

<sup>142</sup> *Idem*, *ibidem*, p. 64.

<sup>143</sup> Acerca das relações diplomáticas entre Portugal e a Espanha, neste período, atente-se no breve sumário da responsabilidade de Joaquim Veríssimo Serrão, “Relações com a Espanha”, in *História de Portugal*, Vol. XII: *A Primeira República (1910-1926)*, Lisboa, Verbo, 1990, pp. 55-59.

<sup>144</sup> Tomás António Ribeiro Ferreira (Parada de Gonda, Tondela, 01.07.1831 – Lisboa, 06.02.1901), mais conhecido apenas como Tomás Ribeiro, notabilizou-se como escritor e poeta ultra-romântico, além de político, jornalista e publicista. Licenciado em Direito pela Universidade de Coimbra, exerceu advocacia e cedo enveredou pela carreira política, como membro do Partido Regenerador, sendo Deputado, Par do Reino, Ministro da Marinha, Ministro das Obras Públicas, Governador Civil dos Distritos de Braga e do Porto. Ainda desempenhou os cargos de secretário-geral do governo da Índia Portuguesa e embaixador no Brasil. Reconhecidos os seus méritos, foi eleito sócio da Academia Real das Ciências de Lisboa e foi presidente da Classe de Letras.

---

<sup>145</sup> Tomás Ribeiro, *D. Jaime ou A Dominação de Castela*, Rio de Janeiro, Typ . da Sociedade Typographica Franco-Portuguesa, 1862. Neste poema, apelava o autor a ideais nacionalistas, contra o conceito da união ibérica, difundido e debatido ao tempo.

<sup>146</sup> Marco António, *Republicaniadas*, loc. cit., p. 65.

Para elas não fazerem gritaria  
Vossas vastas colónias; certa manha  
Para que me deixassem sossegado  
Conquistar Portugal de lado a lado.

LV

Como fosse impossível realizar  
Este plano grandioso, por vocês  
Mandarem os Braganças bugiar  
Implantando a República de vez,  
Pensei d'outra maneira em me vingar  
Assoalhando o nome português,  
E dando o apoio ao Paiva revoltado,  
Contra todó o direito consignado.” (III, LII-LV)<sup>147</sup>

Todavia, frustrados os seus portentosos planos, a visão tenebrosa requebra e revela a sua faceta humana, com as fraquezas, igualmente próprias da sua condição de mortal, e desaparece, como o Adamastor depois de este ter narrado a histórias dos amores frustrados por Thetis.

“LVII

Ouviu-se um choro grosso e magoado,  
Um soluçar plangente e lamentoso.  
Faustino alçou a vista, 'inda assustado:  
Nada viu! O colosso portentoso  
Já no éter se tinha evaporado.  
E Faustino só viu, já não medroso,  
No céu remoto as pálidas estrelas,  
Da casta Lua eternas sentinelas.” (III, LVII)<sup>148</sup>

Superados os maiores obstáculos, restava, pois, enfrentar a situação real do país com coragem e discernimento. Todo o Canto IV é moldado de acordo com o episódio da Ilha dos Amores (*Os Lusíadas*, IX, 18-95 – X, 1-143)<sup>149</sup>. Nele, procura-se evidenciar o esforço envidado no sentido do Progresso e de dar a reconhecida recompensa aos republicanos que dela são merecedores. No entanto, a vertente edificante do poema torna-se aqui também mais transparente do que em qualquer outra parte, traduzida nos conselhos que o poeta insere no discurso épico, segundo o modelo camoniano, quando Camões se dirige a D. Sebastião ou tece considerações, medita ou exorta o leitor sobre os males e fraquezas do seu tempo. Insiste-se na ideia de que os políticos republicanos deveriam deixar-se de promessas vãs, que em nada vêm

<sup>147</sup> *Idem, ibidem*, p. 66.

<sup>148</sup> *Idem, ibidem*, p. 67.

<sup>149</sup> Variada é a produção crítica sobre este episódio. Relevem-se, todavia, os seguintes títulos: Manuel de Faria e Sousa, *op. cit.*, Tomo IV, col. 16-581; Américo da Costa Ramalho, “A Ilha dos Amores e o Inferno Virgiliano”, in *op. cit.*, pp. 73-83; José Filgueira Valverde, *op. cit.*, pp. 289-296; Hernâni Cidade, *op. cit.*, 113-114; Vítor de Aguiar e Silva, “O significado do episódio da Ilha dos Amores na estrutura de «Os Lusíadas»”, in XLVIII Curso de Férias da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, *Ciclo de lições comemorativas do IV Centenário da Publicação d' «Os Lusíadas»*, loc. cit., pp. 79-96.

favorecer as condições de vida dos portugueses desiludidos e desencantados, e se regenerem, livres de parasitas e “espíritos vis e aventureiros” (IV, XLIV, 80)<sup>150</sup>, a fim de construir um futuro feliz, uma nação promissora, ... uma utopia!

O início do Canto segue de perto a viagem de regresso de Gama e seus navegadores à pátria. Só que o caminho agora é outro, metafórico, mais adequado à retórica da época, visando a aurora de uma nova fase da História nacional:

“I

Descoberto o caminho luminoso  
Para esta Pátria entrar em nova fase  
De progresso e de luz, paz e repouso,  
Bem firmado o regime em forte base,  
Removido o obstáculo teimoso  
D'esse Couceiro, hoje lendário quase,  
Tudo pensou que se ia finalmente  
Entrar na boa estrada ousadamente.” (IV, I)<sup>151</sup>

Marco António tem plena consciência de que nada era feito, muito embora as boas intenções dominassem os discursos dos comícios<sup>152</sup>. A situação económica depauperava-se a olhos vistos. “[...] Isto estava pior, que na Turquia!” (IV, IV, 8)<sup>153</sup> chega mesmo o poeta a afirmar. Recorde-se que, na altura, a Turquia era um império decadente, que acabava de sair vencido de uma guerra com a Itália, em disputa pela Tripolitânia. A lei da Separação do Estado e da Igreja não era suficiente para resolver a situação. Nessa atmosfera de descontentamento generalizado, o forte clericalismo anteriormente vigente era apontado como a causa de todos os males da presente conjuntura. Por isso, o antijesuitismo era a atitude dominante e a perseguição religiosa era um facto<sup>154</sup>, com o pretexto de que se “Esmagava a pérfida cabeça / dos filhos de Loyola” (IV, VI, 1-2)<sup>155</sup>. Tão odiados como eles, só mesmo a Casa Real e seus mais fiéis seguidores, mas esses estavam agora longe, no exílio<sup>156</sup>.

Nesse ambiente, em que o país se encontrava um pouco à deriva, o “amigo Baco” decide, então, conceder aos “gentis republicanos”, superadas as canseiras, desgostos e obstáculos, algum divertimento e como “[...] recompensa / dar-lhes um certo tempo de licença” (IV, IX, 7-8)<sup>157</sup>. O merecido repouso e as doces alegrias são preparados nas delícias de uma nova Ilha dos Amores, com encantos singulares, num transparente jogo de

<sup>150</sup> Marco António, *Republicaniadas*, loc. cit., p. 80.

<sup>151</sup> *Idem, ibidem*, p. 69.

<sup>152</sup> Cf. *Idem, ibidem*, p. 70: ““Faziam tão gentis prometimentos, / [...] ao] maravilhado, pobre Zé” (IV, V, 1-2).

<sup>153</sup> *Idem, ibidem*, p. 70.

<sup>154</sup> Para mais pormenores sobre estes aspectos, veja-se igualmente Rui Ramos, “A República. A Cultura Republicana”, in José Mattoso (Dir.), *História de Portugal, Sexto Volume. A Segunda Fundação (1896-1926)*, loc. cit., pp. 401-433.

<sup>155</sup> Marco António, *Republicaniadas*, loc. cit., p. 70.

<sup>156</sup> Cf. *idem, ibidem*, p. 70: “Enfim banidos / os infaustos reinantes brigantinos” (IV, VII, 1-2).

<sup>157</sup> *Idem, ibidem*, p. 71.

intertextualidade mais do que evidente com o passo correspondente do poema camoniano.

“XI

Iam os fortes nautas navegando  
Pelas tranquilas ondas sabiamente,  
Quando viram para eles vir andando  
Uma ilha formosa e resplandente  
Tocado pelo Zéfiro mais brando,  
E estacar quando esteve bem de frente.  
Mudam logo de rumo, amainam velas  
E aproam para a ilha as caravelas.

XII

A ilha era um conjunto de belezas  
Capazes de tentarem mesmo um santo!  
Sobre a praia estão postas algumas mesas  
Repletas de acepipes – um encanto! –,  
Com licores subtis, com sobremesas  
Convidando ao repasto sacrossanto.  
E mais além, dos bosques nas clareiras,  
Fugiam sombras rápidas, ligeiras.” (IV, XI-XII)<sup>158</sup>

A ideia da ilha forjada, empurrada de propósito ao encontro dos nautas, da preparação do banquete e das tentações que as sombras entrecortadas na folhagem do bosque representam, ou seja, a componente do prazer da mesa e da sensualidade, todos eles são aspectos comuns aos episódios paralelos dos dois poemas, muito embora aqui os respectivos encantos remetam igualmente para a metáfora da embriaguez que o poder proporciona, muito em particular a quem acaba de o alcançar e se deixa sucumbir ao seu fascínio. Face a essa denúncia, a imagem do austero republicano desagrega-se e cede face aos prazeres oferecidos na ilha. E, depois, enquanto uns abancam e devoram as iguarias, outros preferem satisfazer a curiosidade quanto às figuras que ora se lhes oferecem ao olhar, ora se escondem entre a espessura da mata:

“XV

Andavam pelos bosques espalhadas  
Conforme do deus Baco as ordens claras  
As ninfas mais formosas e prendadas  
E que eram de seus dons menos avaras.  
Baco as tinha também industriadas  
Para aos lusos fazerem boas caras  
Se alguns d’ eles, afoitos com mulheres,  
Lhes tentassem fazer seu pé d’ alferes.

XVI

Algumas pelos lagos se banhavam  
Nuas em pelo e sem nenhum disfarce,  
E ali aos quatro ventos patenteavam

<sup>158</sup> *Idem, ibidem*, pp. 71-72.

O que a natureza deu para mostrar-se.  
Outras com véus de gaze entreocultavam  
O que nunca devera sonegar-se  
À vista dos mortais, que o deus Cupido  
Co’as venenosas setas há ferido.

XVII

Umás à fresca sombra preguiçando  
Deitadas nos tapetes de verdura;  
Outras passeando, rindo e conversando  
Descuidosas dos bosques na espessura,  
Qual de gazelas tímidas um bando,  
Que o caçador não sentem, que as procura.  
Tais andavam as ninfas sublímadas  
Pelas diversas partes espalhadas.” (IV, XV-XVII)<sup>159</sup>

A sensualidade da ilha dos Amores, o *locus amoenus* como cenário do encontro amoroso, com as águas transparentes, o lago, os tapetes de verdura, o arvoredo frondoso dos bosques, tudo faz prometer uma fruição plena do prazer. O ambiente é idílico e paradisíaco como no texto de referência. Todavia, ao contrário de Camões, que ali colocou as ninfas industriadas por Vénus para despertar a paixão dos portugueses, aqui são adestradas pela divindade responsável pelo episódio, que é Baco, o que permite ao leitor entrever uma vivência de um hedonismo descontrolado, marcadamente de natureza erótico-sensual:

“XXI

Oh que pagode imenso na floresta!  
Que bacanal, que orgia, que prazer!  
Que afagos tão suaves! E que festa,  
Que a pena se recusa a descrever,  
Porque, afinal, contado isto não presta!  
Como Camões, limito-me a dizer:  
- Melhor é experimentá-lo que julgá-lo,  
Mas julgue-o quem não pode experimentá-lo.” (IV, XXI)<sup>160</sup>

Tal como n’*Os Lusíadas*, não são só os apetites do corpo que são saciados. A revelação do conhecimento torna-se um prémio para os novos ‘nautas’ e a imagem da “ilha angélica pintada” volta a ser retomada, valorizando a sua natureza metafórica. Depois, expõe-se de modo algo detalhado o significado de tudo quando antes havia sido exposto, a modo de recapitulação sumária, para que o leitor menos atento tenha agora acesso aos sentidos mais ocultos do texto e descodifique as alusões nele contidas:

“XXIV

Mas não julgueis que esta ilha dos Amores  
Tal como a apresentei é verdadeira;  
Que as ninfas que pintei com débeis cores,

<sup>159</sup> *Idem, ibidem*, pp. 72-73.

<sup>160</sup> *Idem, ibidem*, p. 74.

Como prémio de luta e de canseira,  
E que a mesa repleta de licores,  
Convitando ao festim, à bebedeira,  
Foram coisa real. Cálculo errado:  
Que eu falei em sentido figurado.

XXV

A ilha tão cantada é Portugal,  
As ninfas os empregos mais chorudos,  
A mesa o orçamento nacional,  
Os nautas os mandantes mais graúdos;  
E toda aquela infrene bacanal,  
Os gritos satisfeitos dos ventrudos,  
O clamor dos que ainda não jantaram,  
Os risos dos que já se saciaram.” (IV, XXIV-XXV)<sup>161</sup>

Não é sem alguma amargura que o poeta verifica o desnorre vivido nos primeiros anos do regime. A oportunidade é, pois, de denúncia, de que afinal os ideais se haviam desvirtuado e todos actuavam do mesmo modo que a classe política anteriormente instalada:

“XXVI

Cada qual n’essas horas de ventura  
P’lo fumo da vitória embriagado  
Tratou de contentar a gula impura  
Esquecendo o que havia reprovado  
Na imprensa e nos comícios com voz dura.  
Restauraram-se os tempos do passado;  
Não se mudou de norma; simplesmente  
Se variou de rótulo e de gente.

XXVII

Já não é o pachá dos navegantes  
Quem governa os destinos da nação;  
Mas lá temos ao leme três mandantes,  
Cuja rija, pesada, inábil mão  
Faz com que isto prossiga como d’antes.  
Melhoramentos sérios onde estão?  
Onde existe obra d’esses estadistas  
Que seja boa e não fogo de vistas?” (IV, XXVI-XXVII)<sup>162</sup>

Numa clara alusão ao anterior primeiro-ministro dos tempos da monarquia, José Luciano, “o pachá dos navegantes”, tudo ficara na mesma. Contrariamente ao esperado, a situação até parecia piorar, porque agora “temos ao leme três mandantes”, ainda por cima inábeis, quando, antes, era apenas um. Tal como Camões actua no epílogo do poema (*Os Lusíadas*, X, 145-156), também aqui o poeta aproveita a oportunidade para expor alguns conselhos, a fim de contribuir para a implementação de um governo mais

<sup>161</sup> *Idem, ibidem*, p. 75.

<sup>162</sup> *Idem, ibidem*, p. 75.

justo, exaltando os que na realidade merecem. E mais do que repreender a classe política, recorda em primeiro lugar, numa atitude moralista, as antigas promessas de campanha, usadas para alcançar o apoio da população:

“XXVIII

Ele era o bacalhau quase de graça,  
Os impostos banidos totalmente,  
Os cofres da nação cheios de massa,  
O povo administrado sabiamente.  
Não havia mais fome, nem desgraça,  
O *deficit* coberto finalmente,  
As dívidas saldadas n’um momento,  
Medidas de riqueza e de fomento;

XXIX

O povo desfrutando a *Liberdade*  
De opiniões, d’imprensa e religião;  
O país mergulhado na *Igualdade*  
Que nivela o ricoço e o pobretão;  
O reino da ideal *Fraternidade*  
Implantado de vez n’este torrão;  
O inculto Portugal tornado enfim  
No mais risonho e florido jardim.

XXX

E tudo isto às mancheias entornado  
Com tal profusão e tanto brilho,  
Que em pouco nós veríamos mudado  
N’um Portugal janota e peralvilho  
O velho Portugal esfarrapado.  
E destruído enfim todo o empecilho  
Entrávamos n’outra época melhor  
Toda feita de paz, trabalho e amor!” (IV, XXVIII-XXX)<sup>163</sup>

Era quase a visão da terra prometida, o reino da abundância, o país da Cucanha, um novo *El Dorado*, um modelo utópico, mágico até, a projecção da felicidade terrena que se revelava tanto mais distante da realidade, quanto de mais perto se confrontavam os factos e as condições de vida da generalidade da população. Tudo parecia correr, pois, de mal a pior, em flagrante contraste com a miragem que se havia tecido da nova ordem social e política a implementar:

“XXXI

Mas com que topa a vista curiosa  
Se se espraia por essas terras fora?  
O caos, a ruína pavorosa,  
O ódio, a confusão perturbadora,  
A vil perseguição religiosa,  
A emigração em massa assustadora,

<sup>163</sup> *Idem, ibidem*, p. 76.

O país todo imerso em convulsões,  
Atulhadas de presos as prisões;

XXXII

Os tubarões comendo à regalada,  
Os impostos terríveis aumentando,  
A vida cada vez mais carregada,  
O Parlamento inútil parolando,  
A dívida a subir à descarada,  
O país descontente murmurando  
(Mas em surdina, pois se a voz levanta  
O peixe-espada tapa-lhe a garganta!)” (IV, XXXI-XXXII)<sup>164</sup>

Por conseguinte, não era solução sonhar com um mundo de fantasia, em que se idealiza o melhor dos futuros possíveis. Urgia enfrentar a realidade imediata, ver o fracasso das medidas implementadas, as insuficiências dos órgãos governamentais, as carências, o descontentamento, o desencanto dominante. A má governação era uma realidade e os ideais de Progresso, Bonança e feliz Porvir, de que a ideia republicana anteriormente se apropriara, vislumbravam-se cada vez mais fora do alcance. Este ensejo tornava-se, pois, mais uma denúncia flagrante das dificuldades vividas e um grito lancinante para chamar à razão a classe política em exercício.

“XXXIV

Vê o povo já quase sem vintém,  
Dos mandões acudindo aos altos brados,  
Largar os magros cobres que inda tem  
Para comprar robustos couraçados,  
Dirigíveis e o mais que lhe convém  
Para os curtos trazerem enganados.  
Não pensando que o menos é comprá-los,  
O que custa depois é sustentá-los!

XXXV

Vê que por toda a parte a doce esp’rança  
De ver de novo a Pátria ressurgir  
Para o progresso são, para a bonança,  
Para um risonho e mais feliz porvir,  
Se vai tornando em triste desesp’rança.  
Vê pouco a pouco o lento derruir  
De tantas esp’ranças bem fundadas  
Mas tão ingloriamente caducadas.” (IV, XXXIV-XXXV)<sup>165</sup>

Por conseguinte, a estância que se segue vem lembrar no discurso poético a pureza da mensagem republicana, o ideal pelo qual os seus defensores haviam lutado até à proclamação do regime e que, agora, apenas em dois anos de governação, a prática tinha desvirtuado.

“XXXVI

E no entanto, República querida,  
Se tens seguido avante e sem tibieza  
O teu programa, de cabeça erguida,  
Pensando só da Pátria na grandeza,  
Eras hoje estimada, estremecida  
Pela grande família portuguesa!  
Eras mais que uma ideia, que um regímen,  
Eras o país todo sem descrimen!” (IV, XXXVI)<sup>166</sup>

Enumeram-se, então, os atributos dessa República ideal, traduzida na alegoria de uma “deusa nova e redemptora” (IV, XXXVII, 8)<sup>167</sup>, “digna e majestosa” (IV, XXXVIII, 5)<sup>168</sup>, como “a luz do sol radiante e pura” (IV, XXXVIII, 8)<sup>169</sup> que põe fim a uma noite escura de trevas, nada mais, nada menos que a “monarquia torpe e escandalosa / [que] a todos repugnava co’os seus erros, / dominada pela horda vergonhosa / de comilões famintos e de perros” (IV, XXXVIII, 1-4)<sup>170</sup>. Aquela imagem, quase uma visão etérea, encantadora e sobrenatural, deslumbrava um “povo retraído, apavorado, / e de desânimo cansado” (IV, XL, 2 e 4)<sup>171</sup>; e ainda possuía vitalidade suficiente para criar de novo a ilusão de poder concretizar a utopia num país retrógrado e a mãos com uma crise que teimava em permanecer. No entanto, por mais crua que fosse a situação, o ideal ainda continua sedutor e a representação da República como mãe dos povos inspira o poeta, levando-o a reiterar a sua profissão de fé na construção de um novo Portugal e nela depositando a esperança da redenção do regime:

“XXXIX

Tinhas palavras mágicas de encanto  
Nos lábios que um sorriso iluminava;  
Vinhas solícita enxugar o pranto  
Que os rostos oprimidos inundava;  
Carinhosa estendias o teu manto  
Sobre o triste país que agonizava;  
De bênçãos te cobria a Pátria inteira  
Que em ti punha a esp’rança derradeira.” (IV, XXXIX)<sup>172</sup>

Por todos estes motivos, a única alternativa viável, a solução para a situação concreta é a abordagem frontal e realista dos problemas. O apelo à razão, também de matriz camonianiana, surge como a via exclusiva de saída da crise reinante, para acabar com o desalento, as imprecações, os erros praticados, a miséria, o ócio e a violência:

“XLI

<sup>166</sup> *Idem, ibidem*, p. 78.

<sup>167</sup> *Idem, ibidem*, p. 78.

<sup>168</sup> *Idem, ibidem*, p. 78.

<sup>169</sup> *Idem, ibidem*, p. 78.

<sup>170</sup> *Idem, ibidem*, p. 78.

<sup>171</sup> *Idem, ibidem*, p. 79.

<sup>172</sup> *Idem, ibidem*, p. 78.

<sup>164</sup> *Idem, ibidem*, pp. 76-77.

<sup>165</sup> *Idem, ibidem*, p. 77.

Escuta agora: o que ouves tu em volta?  
Vozes amigas reprovando o mal,  
Que deixaste medrar como erva solta;  
Um grito, um lamentar universal,  
Como que um eco surdo de revolta,  
Que fermenta de novo em Portugal;  
Brados de desalento, e maldições,  
Que te chegam do fundo das prisões.

#### XLII

Põe ponto nos teus erros: põe de parte  
Os processos erróneos, que seguiste;  
Governa com mais tacto e com mais arte;  
De sobre nós afasta a nuvem triste  
E verás que ainda há-de abençoar-te  
O povo português, que redimiste.  
Que o teu reinado seja de clemência,  
Não um reinado d'ódio e de violência.” (IV, XLI-XLII)<sup>173</sup>

Perante os problemas enumerados, o mundo não se contempla com poesia. Era tempo de se realizar, pois, a verdadeira revolução das mentalidades para mudar o mundo e resolver de vez as necessidades primárias do povo, a miséria da maioria da população. Ou, então, o processo de consolidação da República corria sérios riscos face ao desagrado geral, com o rumo que a orientação política do país levava e que provocava contínuas dissensões e dissidências. Mais do que uma visão crítica da situação, eram necessários trabalho e confiança... e, sobretudo, que o peso morto dos parasitas fosse eliminado. Só desse modo se vislumbrava a possibilidade de a República poder acolher sob o seu manto protector “a grande família portuguesa”:

#### “XLIII

Abandona essa ilha dos Amores,  
As delícias de Cápua deleitosa,  
Cujos prazeres vão e enganadores  
Podem fazer-te a vida tormentosa.  
Não tens sofrido poucos dissabores  
Na tua vida airada e descuidosa,  
E deves já saber quanta amargura  
Uma hora de prazer e de loucura.

#### XLIV

E sobretudo varre do teu seio  
Os espíritos vis e aventureiros  
Que se servem de ti como de um meio  
Para o alcance de fins interesseiros.  
Varre esses parasitas, que no anseio  
De saciar apetites carniceiros  
Se agarraram a ti, só tendo o intento

De governar a vida a seu contento.

#### XLV

E no grémio acolhe complacente  
Toda a grande família portuguesa,  
Não sejas um partido simplesmente,  
Rodeado de dúvida e incerteza:  
Sê de todo o país a mãe clemente;  
Que às vezes o que muito se despreza,  
O que se põe de lado e se dispensa,  
Vem mais tarde a fazer-nos diferença.” (IV, XLIII-XLV)<sup>174</sup>

Deste modo, perante uma conseguida paródia do poema considerado a máxima expressão dos valores do povo português, Marco António consegue, de forma jocosa, mostrar como não é propriamente a epopeia que melhor se adapta nem ao gosto, nem ao contexto da época. Recorrendo ao paradigma do poema herói-cómico, não só se apontam os erros e as fraquezas do breve período republicano em causa, como se legitima a necessidade de moralizar a classe política, para que ela reconduza a nação à recta condução do país para prosseguir na senda da Ordem e do Progresso. O lema da comédia - *Ridendo castigat mores* - associa-se assim ao tom épico do discurso e, como resultado dessa contaminação, resulta um poema que acaba por exaltar uma refundação da pátria com a instauração do regime republicano. Marco António mostra, deste modo, que não é preciso deixar de ser crítico para demonstrar que o ideário republicano continua a ter validade, nele continuando a insistir e a professar a sua fé.

Assim, se a epopeia — modelo de referência, mesmo quando se pretende desconstruir — deixou de ser um género da preferência dos leitores, o poema herói-cómico parece ter mantido a vitalidade e o impacto não só junto dos poetas, como também entre o público leitor, quando o objectivo é parodiar uma situação caricata. Na actualidade, é indiscutível que a presença dos seus códigos continua ainda a fazer sentir a sua eficácia, transpostos e aplicados em formas poéticas mais populares, mas em que as estratégias anteriormente seguidas são rentabilizadas a ponto de proporcionarem efeitos análogos. Por isso, *Republicaniadas* pode ser lido e apreciado, até porque a sua actualidade não se desgastou. Os portugueses são sempre iguais a si próprios... desde Clenardo, a Bocage ou a Marco António. E os republicanos estão longe de ser perfeitos... até porque não são deuses, como bem poderia dizer o Príncipe de Salina em *Il gattopardo*, de Tomasi de Lampedura! Nem heróis de envergadura homérica, mas, pura e simplesmente, como os governantes das florescentes democracias de todos os tempos, também possuem as suas debilidades e defeitos...

Marco António conhecia-os bem de mais e, talvez por isso, não foi capaz de os transfigurar em seres superiores, como, aliás, acabaria por acontecer com o enaltecimento operado pelo discurso historiográfico. Afinal, os republicanos eram homens políticos e os políticos partilham das fragilidades de cada ser humano, como os mais comuns dos mortais.

<sup>173</sup> *Idem, ibidem*, p. 79.

<sup>174</sup> *Idem, ibidem*, pp. 79-80.



Será porventura a sina dos poetas verem aspectos da sua biografia envoltos num halo de mistério. Segundo a tradição, sete cidades da Grécia Antiga reivindicam a honra de ser o berço de Homero, entre elas, Esmirna, Atenas, Rodes, Ítaca e Argos. De maneira não muito diversa, pode afirmar-se que as origens de António Correia Pinto de Almeida levantam problemas semelhantes. Normalmente é a cidade da Figueira da Foz que disputa o direito de ser o local onde o escritor primeiro viu a luz do dia, pelas fortes afinidades que sempre revelou ao longo da vida com a urbe e a região em que surge inserida, por aí exercer parte do seu labor, pelo modo como se dedicou à realidade envolvente, pelo empenhamento cultural que o ligou a aspectos da realidade circundante, constituindo tudo isso argumentos que levam os figueirenses a defenderem sem contestação a naturalidade deste insigne autor da primeira metade do século XX. É nessa linha que José M. Martins<sup>1</sup> defende que António Correia Pinto de Almeida seria natural da Figueira da Foz, cidade onde vem a desenvolver parte da sua actividade de jornalista. No entanto, também é certo que Adriano da Guerra Andrade<sup>2</sup> levanta a hipótese de ele ter nascido em Lisboa, em data incerta, e no verbete que lhe é dedicado no *Dicionário Cronológico de Autores Portugueses*<sup>3</sup> aponta-se a cidade do Rio de Janeiro como o seu local de origem, no ano de 1886 – proposta que se assemelha altamente improvável.

António Correia Pinto de Almeida desenvolveu, pois, uma intensa actividade enquanto jornalista, tendo ocupado o cargo de director da *Gazeta da Figueira*, do n.º 2348, de 24/10/1914 ao n.º 2356, de 21/11/1914, bem como dramaturgo e poeta, cultivando géneros de diversa índole. Empenhado politicamente, professa o ideário republicano, não deixando de ter uma atitude crítica perante a situação do País e intervir nas páginas dos jornais a denunciar os aspectos que mais se revelam merecedores de reprovação, mormente os que se relacionam com a actuação da classe política. É nesse sentido que intervém na polémica que o opõe a 'Crispim', pseudónimo de Eugénio Severim Azevedo, escritor e jornalista monárquico, que foi redactor da *Nação* e director do jornal de caricaturas *O Talassa*, que redigiu provocatoriamente, na altura, o opúsculo *O Sr. Bernardino Machado nunca existiu*<sup>4</sup>, que veio incendiar as hostes republicanas e ao qual António Correia Pinto de Almeida respondeu com outro intitulado *O Sr. Bernardino Machado existiu e existe (refutação científica das erróneas doutrinas expendidas pelo ímpio Crispim no seu folheto «O Sr. Bernardino Machado nunca existiu»*<sup>5</sup>. Esse mesmo espírito anima-o a compor o poema herói-cómico *Republicaniadas*<sup>6</sup>, que surgiu inicialmente nas páginas do jornal *Os Ridículos*, a partir do n.º 729, de 18 de Setembro de 1912, ostentando o subtítulo de *Paródia, sem pretensões aos «Luziadas», do nosso fallecido collega e illustre thalassa, cidadão Luiz de Camões*, e assinado com o pseudónimo de Marco António, sendo depois publicado em volume. Por isso, no seu tempo, foi apreciado pela sua verve satírica e notabiliza-se pelo humor que ostenta nas suas composições, bem como pela imitação de modelos consagrados que tomava como referência. Além do pseudónimo de 'Marco António', usa também o de 'António Amargo', deste modo dando aos prelos composições como *Pingometreida : poemeto herói-cómico de actualidade na Figueira da Foz*<sup>7</sup> e *O nariz: poemeto em um prefácio e um canto*<sup>8</sup>, composição que mereceu a sua atenção anos mais tarde<sup>9</sup>.

Atento ao contexto literário e cultural do seu tempo, não fica imune aos ventos do Futurismo que sopram da Europa e redige os *Sonetos mínero-metálicos*<sup>10</sup>. Enquanto

poeta, publica ainda dois volumes intitulados *Alcofinhas. Cantares*<sup>11</sup>, de 1922, e *Vozes do Silêncio*<sup>12</sup>.

Enquanto dramaturgo é responsável por um conjunto de peças de teatro, que inclui títulos como *O Degredado*<sup>13</sup>, *Polícia Amador*<sup>14</sup>, *Os Conspiradores*<sup>15</sup>, ou mesmo de revista, como é o caso de *Feira de fantoches: coplas da revista em 3 actos e 9 quadros*<sup>16</sup>.

No que toca às suas intervenções na imprensa diária e periódica, tanto aborda matérias relacionadas com a realidade social e institucional local<sup>17</sup>, como disserta sobre os costumes<sup>18</sup> e o turismo local<sup>19</sup>, a paisagem<sup>20</sup> e figuras notáveis<sup>21</sup>, ou ainda acerca do contexto económico da região<sup>22</sup>. Não poderia deixar de tratar igualmente temas de natureza literária, numa perspectiva crítica<sup>23</sup>, ou até de reflectir sobre a escrita jornalística<sup>24</sup>. O amor que dedica à escrita e à cultura popular, manifesto nas peças de teatro de compõe, leva-o igualmente a interessar-se por iniciativas que estimulem o público leitor a cultivar-se e a escrever, numa atitude mais dinâmica<sup>25</sup>.

Depois de uma vida plenamente preenchida, dedicada à imprensa e ao público que o admirou, António Correia Pinto de Almeida vem a falecer em Lisboa, a 13.05.1933.

#### Notas

<sup>1</sup> Cf. <http://100anosrepublicaff.blogspot.com/2009/10/o-sr-bernardino-machado.html>

<sup>2</sup> Cf. *Dicionário de Pseudónimos e Iniciais de Escritores Portugueses*, Lisboa, Biblioteca Nacional, 1999, p. 294.

<sup>3</sup> Eugénio Lisboa (Coord.), *Dicionário Cronológico de Autores Portugueses*, Vol. III, Mem Martins, Publicações Europa-América / Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, 1994, pp. 325-326.

<sup>4</sup> Crispim [Pseud. de Eugénio Severim Azevedo], *O Sr. Bernardino Machado nunca existiu*, Lisboa, Tip. da Modesta, 1914.

<sup>5</sup> Marco António, *O Sr. Bernardino Machado existiu e existe[...]*, Figueira da Foz, Imprensa Lusitana, 1914.

<sup>6</sup> Marco António, *Republicaníadas*, Lisboa, Editado por Jayme Marques, Composto e Impresso na C. do Cabra, 7, 1913.

<sup>7</sup> António Amargo, *Pingometreida: poemeto herói-cómico de actualidade na Figueira da Foz*, Figueira da Foz, Moreira Junior, 1928.

<sup>8</sup> António Amargo, *O nariz: poemeto em um prefácio e um canto*, Arcos de Valdevez, Escola Gráfica, 1928-1929.

<sup>9</sup> António Amargo, *O nariz: 15 anos depois*, Figueira da Foz, Tip. e Casa de Carimbos, 1929.

<sup>10</sup> António Amargo; António Doce, *Sonetos mínero-metálicos*, Coimbra, Typ. França Amado, 1917.

<sup>11</sup> Marco António, *Alcofinhas. Cantares*, Figueira da Foz, 1922.

<sup>12</sup> António Correia Pinto de Almeida, *Vozes do Silêncio: Sonetos*, Figueira da Foz, [190-?].

<sup>13</sup> António Amargo, *O Degredado: Grand-Guignol em 1 acto [...]*, Figueira da Foz, Arnaldo Sobral e José Gaspar, [1925?].

<sup>14</sup> António Amargo, *Polícia Amador*, Figueira da Foz, s. d..

<sup>15</sup> António Amargo, *Os Conspiradores*, Figueira da Foz, s. d..

<sup>16</sup> António Amargo, *Feira de fantoches: coplas da revista em 3 actos e 9 quadros*. Figueira [da Foz], A. Amargo, 1927.

<sup>17</sup> António Amargo, "O Tennis Club: de como um terreno arido e inestético se transformou na grande maravilha d'um club chic", in: *Gazeta da Figueira*, Figueira da Foz, Ano 32, n.º 3247 (21 Jul. 1923), p. 5; António Amargo, "Um lyceu municipal", in: *Idem, ibidem*, Ano 32, n.º 3245 (14 Jul. 1923), p. 4.

<sup>18</sup> António Amargo, "Manhã na praia", in: *Europa*, Figueira da Foz, Ano 1, n.º 11 (Set. 1925), p. [4]

<sup>19</sup> Marco António, "A Figueira - terra de turismo", in: *Boletim da Comissão de Iniciativa da Figueira da Foz*, Figueira da Foz, 1927, Ano 1, n.º 1 (Jun. 1927), p. 5.

<sup>20</sup> António Amargo, "Baldios de Quiaios", in: *O Figueirense*, Ano 7, n.º 590 (8 Out. 1925), p. 1.

<sup>21</sup> António Amargo, "Três pessoas distintas e uma só coisa verdadeira: o talento: Pedro Fernandes Thomaz, João Passos, Dr. João Antunes", in: *Gazeta da Figueira*, Ano 32, n.º 3284 (28 Nov. 1923), pp. 4-5.

<sup>22</sup> António Amargo, "A indústria metalúrgica na Figueira", in: *Gazeta da Figueira*, Ano 25, n.º 2517 (14 Jun. 1916), p. [1]; António Amargo, "A Figueira industrial: uma visita à Fábrica de Vidros da Fontela e uma entrevista com o sr. Mário Barraca, um dos seus gerentes", in: *Boletim da Comissão de Iniciativa da Figueira da Foz*, Figueira da Foz, Ano 1, n.º 1 (Jun. 1927), p. 3; António Amargo, "Cabo Mondego: a mina de carvão e as indústrias exploradoras pela Companhia Industrial e Mineira de Portugal", in: *Idem, ibidem*, Ano 1, n.º 2 (Jul. 1927), pp. 3-5.

<sup>23</sup> António Correia Pinto d' Almeida, "Livros", in: *Gazeta da Figueira*, Figueira da Foz, Ano 32, n.º 3246 (18 Jul. 1923), p. 2; António Correia Pinto d' Almeida, "VIII Olimpíada: pela pena dos seus poetas e prosadores. A Figueira deve fazer-se representar no Concurso d'Arte dos próximos Jogos Olympicos", in: *Idem, ibidem*, Ano 32, n.º 3249 (28 Jul. 1923), p. 8; António Correia Pinto de Almeida, "Cartas de Camillo Castello Branco: coligidas, prefaciadas e anotadas por M. Cardoso Marta", in: *Idem, ibidem*, Ano 13, n.º 3261 (8 Set. 1923), p. 3; António Amargo, "Livros: canções populares da Beira de Pedro Fernandes Tomás", in: *Idem, ibidem*, Ano 32, n.º 3256 (22 Ago. 1923), pp. 4-5.

<sup>24</sup> António Correia Pinto d' Almeida, "Como se escreve a historia...: isto é, como um enviado especial ou amator, contou aos Sports o que foram as regatas de Domingo", in: *Gazeta da Figueira*, Ano 32, n.º 3263 (15 Set. 1923), p. 3.

<sup>25</sup> António Amargo, *Concurso das terras de Portugal* [texto manuscrito]. Figueira da Foz, [s.n.], 1925; António Amargo, "Autopsia das quadras premiadas no concurso de quadras populares do "Diário de Lisboa". [S.l. : s.n., 1935?].







PREÇO 300 RÉIS

IMP. LIBANIO DA SILVA LISBOA

MARCO ANTONIO



# Republicaniadas

Cantando espalharei por toda a parte,  
Se a tanto me ajudar o engenho e arte

(CAMÕES, CANTO I — II)



\*\*\*\*\* LISBOA \*\*\*\*\*  
\*\*\* EDITADO POR \*\*\*  
\*\* JAYME MARQUES \*\*  
COMPOSTO E IMPRESSO  
\*\* NA C. DO CABRA, 7 \*\*  
\*\*\*\*\* 1913 \*\*\*\*\*

---

*Reservados todos os direitos*

---



## Aos criticos

Agora que a poesia tende a tornar-se n'um género tão delgado, subtil e simples, que ás vezes mal se comprehende atravez da diaphaneidade da sua contextura, estas macissas oitavas à moda dos tempos do pai Adão devem ferir bem rudemente os delicadissimos tympanos modernos.

Esta deve ser a opinião pelo menos de todos os artistas da actualidade, que não podem aturar aediças velharias.

Esta deve tambem ser a opinião dos senhores criticos, se elles se derem ao trabalho de me ligar importancia.

No entanto, aos artistas como aos criticos, eu direi simplesmente que, apesar de tudo, me deu na veneta versejar á antiga, salvas, é claro, as devidas proporções e distancias; e que, pois são em geral permittidas todas as liberdades poéticas, eu tomei por minha conta e risco a liberdade de versejar como melhor me pareceu.

Apeteceu-me parodiar Camões, como me poderia ter dado para parodiar Guerra Junqueiro ou Afonso Lopes Vieira.

E visto que todas as liberdades são agora moeda corrente n'este liberalissimo paiz, livre fica a critica de me zurzir á vontadinha. Não tenho as costas muito largas, mas em compensação tenho-as á prova de... bengaladas litterárias.

E disse.

## Aos politicos

Aqui se dá a cada um conforme a sua precisão: menos aos monarchicos — que é cobardia malhar em quem está por baixo —, mais aos republicanos, que bem precisam para vêr se entram no bom caminho.

Todos os que tem a sua politicinha (e quem ha que a não tenha?) ficarão contentes, e nenhum ficará satisfeito.

Rirão ás escancaras quando fôr ridicularizado o adversário; e chamar-me-ão estúpido, quando lhes tocar pela porta, sem já se lembrarem do que gosaram á custa dos inimigos.

E' assim ou não é?

Pois tenham todos muita paciencia, que não pouca é precisa para nos aturarmos uns aos outros.

E querem um conselho? Enquanto se tratar dos adversários, leiam, riam, commentem, saboreiem; quando porem lhes começar a doer, passem as folhas sem as ler.

E' uma maneira de conseguir que todos fiquem contentes e satisfeitos.

Ou, por outra, é uma maneira de conseguir que ninguem fique contente nem satisfeito, o que vem a dar quasi na mesma.

Que, valha a verdade, eu não fiz estas grosas de versos heroicos para contentar e satisfazer os politicos, nem as suas igrejas.

Ficamos entendidos?

### Ao público

Uma só explicação, para satisfazer e livrar d'escrupulos os mais delicados de alma e coração:

Ha no Canto III d'esta obra um episódio parodiado do *Adamastor*, em que figura Canalejas. Haverá por certo quem julgue descabido e de máu gosto troçar d'um homem ainda ha pouco morto e de maneira bem trágica e repugnante.

A esses direi que o episódio já estava composto quando o facto se deu e que o não suprimi por dois motivos: por não me ser facil substitui-lo por outro, e porque a tróça é benévola e inofensiva.

Creio que esta explicação bastará para me justificar perante aquelles que sejam demasiadamente escrupulosos e delicados.

Sel-o-ão muito, mas não mais do que eu.

*Marco António.*

Lisbôa, Janeiro de 1913.

## Argumento do Canto I

Invoca-se das musas o favôr  
P'ra inspirar este canto sublimado.  
Reúne-se o conselho superior  
Dos deuses, que decorre algo agitado.  
Couceiro arma dos lusos em terror,  
Mas é ingloriamente destroçado.  
Chega a Lisboa um pandego qualquer  
Que as glórias lusitanas saber quer.



## CANTO I

### I

As armas e os varões verde-encarnados,  
Que em certa noite fôram p'ra a Rotunda  
E combateram como endiabrados  
P'ra implantar a Republica fecunda,  
E que foram depois recompensados  
No parlamento «Hotel da barafunda»  
Com chorudas pensões e gordas postas,  
Entre foguetes bons de tres respostas;

### II

E tambem os terriveis carbonarios  
Que se entretinham bombas fabricando  
Para na hora final dos sustos varios  
As irem pelas ruas atirando;  
E os caudilhos audazes, temerarios,  
Que trataram de se ir mas foi raspando,  
Cantando espalharei por toda a parte,  
Se a tanto me ajudar pachôrra e arte.

### III

Cesse d'antigos lusos a bravura,  
Quando em frageis bateis, audaciosos  
Iam por esses mares á ventura;  
Callem-se os velhos feitos gloriosos,  
Rasgue-se a nossa Historia pobre e escura,  
Abram d'espanto a boca os mais famosos,  
Que eu canto modernissimas façanhas  
Que farão ficar todos ás aranhas.

## IV

E vós, oh musas minhas, se me achais  
Com piada bastante p'ra o poema  
Em que se hão-de narrar proezas tais,  
Dai-me dez reis d'inspiração suprema,  
Derramai sobre mim rios caudais  
D'espírito e valor, que eu nada tema,  
E se mordam d'inveja os mais pintados  
Ao lerem versos tão bem acabados.

## V

Dai-me uma rima facil e fluente,  
Um estilo humoristico e feliz,  
E um dictionario bom, constantemente  
Por debaixo da ponta do nariz;  
Um estro á Tolentino, irreverente,  
Para realçar dos feitos o matiz,  
Que eu prometto fazer um canto bello  
Que metta o de Camões em um chinélo.

## VI

E vós, oh bem nascido Presidente  
Da lusitana, sã democracia,  
E não menos certissimo parente  
Da mais antiga e boa fidalguia,  
Vós, vélhinho bondoso e complacente,  
Mettido não sei como na folia,  
Entrando da Republica nos actos  
Como no Crédo tem d'entrar Pilatos;

## VII

Vós, ramo que já fôstes vicejante  
D'esta arvore do démo mais querida  
Que as outras d'este mundo petulante,  
Inglaterra ou Germania tão temida,  
(Reparae na bandeira fluctuante  
E dizei-me se ha coisa mais lambida  
Do que o vermelho e verde combinados  
Tendo no meio uns circulos pintados!);

## VIII

Vós, cujo poderio indiscutivel  
Vai da cozinha á casa de jantar,  
Que tendes ordenado desprezivel  
Que nem p'ra um *five-o-clok* pode dar,  
E para quem seria preferivel  
A vida socegada em vosso lar,  
Do que aturar os zêlos democraticos  
D'almeidistas, britistas ou dramaticos;

## IX

Inclinaí por um pouco a fronte augusta,  
Ouvide este meu canto desprendido;  
Emquanto esta gentinha barafusta  
N'uma ambição de mando desmedido,  
E o D. Paiva Couceiro tudo assusta  
A' frente d'um exercito *aguerrido*,  
Ouvi benevolente estas cantigas,  
Que o tempo não vae bom só para espigas.

## X

Vereis piada grossa, mas não feita  
Por thalassice ou coisa semelhante,  
Mas para vêr se a Patria se endireita  
Ou se me dão emprego puchavante  
De que possa auferir boa receita;  
E dir-me-heis no final d'este descante  
Qual vale mais a pena realmente  
Se termos cá um rei se um presidente.

## XI

E não cuideis que vou forjar patranhas  
Para espantar as gerações futuras;  
Contarei só authenticas façanhas  
Que deixam as antigas ás escuras;  
As actuaes, verdadeiras, são tamanhas  
Que excedem as que vêmos em pinturas,  
Que excedem João Franco e Zé Luciano  
No pequenino espaço d'um só anno.



## XII

Por estes vos darei o féro Affonso,  
 Que fez cá na Republica um sarilho;  
 Um Tonio Zé, que dizem é palonso,  
 E um Camacho que, se não érro o trilho,  
 E' d'elles o mais fino ou mais sonso,  
 E que tem partidarios como milho;  
 Dou-vos tambem do Parlamento a lista  
 Que deixa os cutros a perder de vista.

## XIII

Se a troco do Espregueira das finanças  
 Quereis alguém, lá tendes o Sidonio  
 Com os seus orçamentos-contradanças  
 Que são mesmo levados do demonio;  
 E outras muitas risonhas esperanças  
 Hei-de mostrar-vos n'este pandemonio,  
 Que a Republica, fértil e fecunda,  
 Em homens de valor superabunda.

## XIV

Nem deixarão meus versos esquecidos  
 Aquelles que, em paizes estrangeiros,  
 Se vão tornando agora conhecidos  
 Por serem diplomatas muito arteiros:  
 Um Relvas e um Junqueiro tão luzidos,  
 Um Chagas e um Leão, finos, matreiros,  
 E tantos para quem sorri a gloria  
 De figurar nas paginas da Historia.

## XV

Estes canta o poema; se no emtanto  
 A' presidencia fôr o Bernardino,  
 Aqui prometto já um novo canto  
 Muito mais cordial e superfino;  
 Comecem a sentir algum quebranto  
 Os que inda querem sceptro brigantino,  
 Que, se elle fôr eleito presidente,  
 Entra no bom caminho a lusa gente.

## XVI

N'elle os olhos tem fitos todo o *Mundo*  
 Em quem vê boas postas a brilhar;  
 Só com pensal-o, Affonso tremebundo  
 Começa novas leis a fabricar;  
 O povo, n'esse dia tão jucundo,  
 D'alegria e contento ha-de pular,  
 Que afeiçoado á sua complacencia,  
 Deseja de o montar na presidencia.

## XVII

N'elle se englobam, como é bem notorio,  
 Uma pasta dos tempos da ominosa  
 E uma outra do Governo Provisorio;  
 Com toda a equidade a fama gosa  
 De ser o diplomata mais finorio  
 A dentro da falange luminosa;  
 E emfim terá lá para o fim da vida,  
 Uma estatua no cimo da Avenida.

## XVIII

Mas emquanto este tempo vai passando  
 A' espera d'esses dias de ventura,  
 Por cá lhe irei piadas arrumando  
 A ver se, por acaso, inda tem cura,  
 E para o ir tambem habituando  
 A's honrarias da missão futura:  
 Não basta cumprimentos só fazer,  
 E' preciso sabel-os receber...

## XIX

Ha muito que em republica já estavam  
 Deslisando os destinos d'esta gente;  
 As coisas lindamente caminhavam,  
 Dirigidas por elles sabiamente;  
 Leis umas após outras despontavam  
 Trazendo o povo lépido e contente  
 Em continuos foguetes e vivorio  
 Aos membros do *Governo Provisorio*.

## XX

Quando estes um bom dia, lá na Arcada,  
Onde o governo está de Portugal,  
Convocaram a gente auctorisada  
A ver se isto ia bem ou se ia mal.  
Acorreu toda a tropa convidada  
Nas columnas d'O *Mundo*, que é jornal  
Onde a má lingua entorna os seus alforges  
Pela prosa *gentil* do França Borges.

## XXI

Cada qual abandona o seu emprego,  
Que do poder mais alto lhe foi dado;  
Alto poder que, em casa, com socêgo,  
Governa Portugal de lado a lado;  
Alli foram cair mesmo no rêgo  
Os que habitam a Graça e o Chiado,  
Os que habitam Bemfica ou Lumiar,  
Ou moram para a Estrella ou Ribamar.

## XXII

Estava Affonso alli, pequeno e têsso,  
Que preside aos destinos da Nação,  
N'um velho cadeirão de grande pêso,  
Com gesto alto, severo e fanfarrão;  
Seu rosto respirava um ar surprêso  
Por ver essa constante adoração  
De todo o Zé-Povinho de Lisboa  
A' sua rija e válida pessoa.

## XXIII

Em cadeiras vulgares de palhinha  
Mais abaixo a assembleia se assentava,  
Conforme a cada qual mais lhe convinha,  
Ou como a sympathia aconselhava;  
Primeiro os da affonsista panelinha,  
Depois a outra gente se arrumava;  
Quando elle, erguendo a vóz forte e vibrante,  
Principia o discurso retumbante:

## XXIV

«Historicos amigos, camaradas:  
«Marcou-nos o destino glorioso  
«Para sermos as guardas avançadas  
«Do progresso do mundo luminoso!  
«Deveis de saber bem que as meigas fadas  
«Teem por nós um fraco carinhoso,  
«E querem que, por nós, se perca a fama  
«De todas as nações que a Historia aclama.

## XXV

«Já nos foi, bem o vistes, concedido,  
«C'um poder tão singelo e tão pequeno,  
«Implantar o regimen preferido  
«N'esta Lisbia que rêga o Tejo ameno;  
«Pois contra o tal Couceiro tão temido  
«Alcançámos favor do céu sereno;  
«E cada novo dia é nova gloria,  
«De braço dado sempre co'a victoria.

## XXVI

«Já se vê, deixo atraz a fama antiga,  
«Alcançada nos tempos da ominosa,  
«Quando esses thalassorios d'uma figa  
«Nos arrumavam cada *pavorosa!*...  
«Nem lembrar vos quero a dura espiga  
«Por que passou a nossa grei famosa,  
«Quando da presidencia no alto banco  
«Esteve repimpado o João Franco.

## XXVII

«Agora vêdes bem que, arremessados  
«De repente ao fastigio do poder,  
«Não nos mostrámos nada atrapalhados  
«E fizemos reformas a valer;  
«Mas ha inda negocios descuurados  
«Que é forçoso de prompto resolver:  
«Por isso convoquei esta sessão  
«Para ouvir vossa douta opinião.

## XXVIII

«Confessou-nos o caro amigo Cristo,  
 «Quando veio falar co'o Bernardino,  
 «Que havíamos de ter na mão tudo isto  
 «Por mandado suprêmo do destino,  
 «Que se quiz para nós mostrar bemquisto;  
 «Toca, pois, a gosar e do mais fino,  
 «Que ás vezes a fortuna é inconstante  
 «E muda, como o vento, a cada instante.

## XXIX

«E pois, como sabeis, temos passado  
 «Tantos dias de fome e privação,  
 «Tanta noite de sonho esperançado,  
 «Tanto impeto d'inveja e tentação  
 «A olhar para algum rijo e bom bocado,  
 «Acho que é justa e sã compensação  
 «Dividirmos a torto e a direito  
 «As postas que tiverem algum geito.»

## XXX

Disse Affonso e sentou-se; os partidarios  
 Abundaram no mesmo parecer;  
 Outros tiveram pareceres varios,  
 Julgando que ficavam sem comer.  
 Machado Santos e outros carbonarios  
 Declaram qu'isso assim não pode ser:  
 Terem posto o corpinho ao manifesto,  
 Para no fim lhes darem algum resto.

## XXXI

Já lhe tinha constado essa piada:  
 Que os que haviam fugido no perigo  
 Andavam de bocarra escancarada  
 A ver se lá cabia algum bom figo...  
 Sempre era gente muito deslavada!  
 Mas que haviam de o ter por inimigo,  
 A elle, Machadinho e a toda a tropa  
 Que da Rotunda embasbacara a Europa.

## XXXII

Nunca ninguém pensara em duvidar  
 Que, na distribuição das honrarias,  
 Lhe coubesse o mais commodo logar;  
 Foi para isso que expoz os caros dias,  
 Teme agora que o vão p'ra alli deixar  
 Do esquecimento nas masmorras frias  
 Se a repartir as postas se começa  
 Por qualquer adhesivo que appareça.

## XXXIII

Levanta-se contra elle o astuto Palla,  
 Que foi dos que no p'rgo se rasparam,  
 Porquanto logo cuida que é cabala  
 Contra elle e contra os mais que o secundaram.  
 Sua voz forte ecchôa pela sala,  
 Dizendo que, se muitos se pigaram,  
 Não foi por terem medo: foi sómente  
 Para irem á procura de mais gente.

## XXXIV

Não percebe porque é que aos da Rotunda  
 Ha quem teime em chamar *Heroes do mar...*  
 E' preciso que a gente não confunda:  
 «Quem fez com que aos Braganças desse um ar  
 «E fez cahir a monarchia immunda,  
 «Consequindo a Republica implantar,  
 «Foram todos aquelles que comigo  
 «Fugiram no momento do perigo.»

## XXXV

Qual em Madrid, em celebre tourada,  
 Se o *diestro*, consagrado pela fama,  
 Faz uma sorte chôcha e desgraçada,  
 O povo vocifêra, grita, brama,  
 Desata em berraria endiabrada  
 E os cognomes mais tetricos lhe chama,  
 Tal andava a procella tormentosa  
 Entre aquella assembleia poderosa.

## XXXVI

Mas França, que do Palla sustentava  
 Nas columnas do *Mundo* a valentia,  
 Porque razão secreta o obrigava,  
 Ou por questão de mera simpatia,  
 Sua, *nobre* estatura levantava;  
 A barba negra com furor cofia,  
 E fazendo em redor tres piruetas,  
 Afinea no nariz bem as lunetas.

## XXXVII

A viscera carrega em ar sombrio;  
 E um pouco alevantando a mão callosa,  
 Para o excelso Affonso dirigiu  
 A vista um pouco dura e portentosa;  
 Depois, tão forte murro despediu  
 Sobre a meza innocente que medrosa,  
 Toda a sala tremeu e até o Machado  
 Piscou os olhos de pavôr tomado.

## XXXVIII

E disse assim: «Affonso, a cujo imperio  
 «Toda a gente obedece, portugêsa,  
 «Quer viva n'este, quer no outro hemispherio,  
 «Se não queres dar prova de fraqueza  
 «Do alto poder no egrégio magistério,  
 «Não ouças d'essa gente a madureza,  
 «A quem a torpe inveja só atija:  
 «Faz o que te par'cer de mór justiça.

## XXXIX

«Pois chega mesmo a ser uma vergonha  
 «O Machado dizer que se bateu  
 «Para apanhar a posta com que sonha;  
 «Se na lusa chefia estivesse eu,  
 «Acabava de vez com tanta ronha;  
 «Quem na Rotunda esteve já comeu:  
 «E' necessaria a recompensa agora  
 »Aos que andaram luctando cá por fóra.

## XL

«Não tremas de pavor; mostra-te teso  
 «Como sempre ante o p'riço te mostraste;  
 «Dou-te toda a razão; e o meu desprezo  
 «Vae todo para aquelle astuto traste;  
 «Forja um decreto já de grande peso  
 «E, antes que a paciencia se te gaste,  
 «Publica-o no *Diario do Governo*  
 «Que é já do teu saber padrão eterno.»

## XLI

Affonso concordou com muito tino,  
 E a cabeça abaixando fez signal  
 Ao vizinho compadre Bernardino,  
 Que a todos deitou benção paternal  
 Com um sorriso angelico e divino.  
 Acabára a sessão e cada qual  
 Tratou d'ir dirigindo a aguda prôa  
 Para as diversas ruas de Lisboa...

## XLII

Emquanto isto se passa em Lisbia amada,  
 Onde é tudo festança e brincadeira  
 A' provisoria gente consagrada,  
 Paiva Couceiro gira na fronteira  
 Querendo restaurar á força armada  
 Da monarchia a infrene pagodeira,  
 E collocar no trono o rei Manoel  
 Ou, quando mais não seja o D. Miguel.

## XLIII

Chovem de lá continuas ameaças  
 D'incursão sob as ordens de Couceiro.  
 Quem aguenta as despezas e dá massas  
 P'ra sustentar o exercito ronceiro,  
 São os ricos e lidimos thalassas  
 Que moram para o Rio de Janeiro  
 E que contam n'um proximo futuro,  
 Rehaver capital e mais o juro.

## XLIV

Paiva Couceiro, antigo capitão,  
Que a tamanhas empresas se abalança,  
Não passa d'um valente charlatão  
Em quem a monarchia pôz a esp'rança  
De proxima e feliz restauração;  
E por lá vae andando em contradança  
Co'as boas graças da visinha Espanha,]  
A ver se leva a cabo essa façanha.

## XLV

Já formou corriqueira companhia  
Co'os descontentes, que se vão raspando  
Por sentirem a pança já vazia,  
E com aquelles qu'inda estão sonhando  
Que, uma vez restaurada a monarchia  
No regimen do *posso, quero e mando*,  
Tornaremos á pandega rasgada  
Dos temos da *ominosa* celebrada.

## XLVI

Os paivantes são gente divertida  
Que, ao ser-lhes retirada a mangedoura,  
Ficaram sem poder ganhar a vida,  
Sem ter para o jantar uma cenoura;  
Por isso decidiram a partida  
P'ra a terra da Galliza acolhedora,  
Fiados no bom cheiro e no engodo  
Das libras que por lá andam a rôdo.

## XLVII

De bello fardamento andam fardados  
— Azul e branco, cores dominantes —;  
No cinturão vistoso, pendurados,  
De papelão terríficos montantes;  
Ao hombro bacamartes empalmados  
N'algun muzeu antigo; e por penantes,  
Barretes de papel, tendo na frente  
A imagem de Maria omnipotente.

## XLVIII

E assim andam de lá, fazendo acênos  
Co'a mão fechada aos féros carbonarios  
Que, sem se perturbar, sempre serenos,  
Os convidam á valsa, temerarios;  
Mas elles, que são homens de somenos,  
No valor e coragem muito vários,  
Contentam-se em brincar aos soldadinhos,  
Emquanto andarem nédios e gordinhos.

## XLIX

Aos que chegam de novo, alliciados,  
Para darem amostra de grandeza,  
Logo servem manjares delicados  
N'uma profusa e bem provida meza;  
Nos copos deitam vinhos desusados  
E emquanto os outros comem com viveza,  
Perguntando lhes vão por Portugal,  
Se os negocios vão bem ou se vão mal.

## I

Vão sempre mal, é claro; e por seu turno,  
Interrogam a gente mais antiga:  
«O Paiva inda se mostra taciturno?  
«Acha facil a empreza, ou acha espiga?  
«E os chefes da comedia alto-cothurno  
«Acham-se bem dispostos para a briga?  
Os paivantes, fazendo a continencia,  
Respondem como manda a sã prudencia:

## II

«São ao todo cem mil conspiradores,  
«Fina flor da nobreza e bem armados;  
«O Coutinho commanda os cruzadores,  
«E o Sepulveda quatro couraçados;  
«Almeida é coronel de caçadores;  
«Homem Cristo e Camacho combinados  
«Mandam a artilharia e os infantes;  
«O Paiva os cavalleiros triumphantes.

## LII

«Co'a ajuda das potencias estrangeiras  
 «Tentamos restaurar a monarchia;  
 «Temos tambem promessas lisongeiras  
 «Do santissimo nome de Maria;  
 «Tambem tem seu logar n'estas fileiras  
 «Dos jesuitas toda a companhia.  
 «O exito é seguro, com certeza:  
 «Aceitam tomar parte n'esta empreza? »

## LIII

Quasi todos aceitam; sendo uns párias  
 Que pouco ou nada temem de perder,  
 Não podem recusar por razões várias,  
 Negocio tão da China; receber  
 Cinco *pesetas* solidas diarias,  
 Além do fardamento e do comer,  
 E' coisa que aparece lá uma vez,  
 Não anda por ahí aos pontapés...

## LIV

Acceites, são levados n'um momento  
 A' presença do Paiva, que os conjura  
 A prestarem solemne juramento  
 D'eterna lealdade e de bravura.  
 Recebem ao depois o fardamento,  
 Confessam-se e comungam com ternura,  
 E põem no peito o tal escapulario  
 Que os livra do punhal do carbonario.

## LV

Ficam morando alli n'aquella terra,  
 Pelas diversas partes espalhados  
 Conforme manda a táctica de guerra;  
 Uns, habitando pelos povoados,  
 Os outros, em guerrilhas pela serra,  
 Fazendo os exercicios costumados,  
 Até que chegue a noite suspirada  
 D'entrar em Portugal á força armada.

## LVI

E, como do paiz vivem distantes,  
 Guerreando um regimem odiado  
 Da Espanha pelos altos governantes,  
 Acharam estes que era bem pensado  
 Deixar em liberdade os conspirantes,  
 Prestar-lhes todo o apoio reclamado,  
 Certos de que em Lisboa, por prudencia,  
 Se havia de engulir tanta insolencia.

## LVII

D. Manoel passeia no entretanto,  
 Gosando os rendimentos de Bragança,  
 Todo entregue ás bellezas e ao encanto  
 Da formosa Gaby, exímia em dansa.  
 Em Dover faz um pacto sacrosanto  
 C'o o primo D. Miguel, ambos na esp'rança  
 D'hastear o pendão branco e azul  
 De novo em Portugal de norte a sul.

## LVIII

La a serena noite em mais de meio...  
 O Tejo parecia um mar de prata,  
 A lua reflectindo no seu seio...  
 Em Lisboa ninguem já se precata,  
 Tudo dorme em socego, sem receio  
 De que haja sarrafusca ou zaragata...  
 Tudo confia na esperteza certa  
 Da Carbonária, que anda sempre álerata.

## LIX

Mas, logo que a manhã veio furando  
 Da escuridão o denso véu pesado,  
 O boato começou se propalando  
 De que o Couceiro havia emfim entrado  
 A' frente do seu forte e grande bando  
 E já Vinhaes havia conquistado.  
 E monarchicos houve n'esse dia  
 Que creram triumphante a monarchia.

## LX

Partiram logo forças para o Norte,  
A castigar o tolo atrevimento,  
E, ao passo que por lá semeia a morte  
Todo o moderno, ignobil armamento,  
Em *batalhas campais* de vária sorte,  
O jornalismo exgotta o seu talento  
A proclamar que *aquillo* não é nada,  
Que reina Portugal a paz doirada.

## LXI

Entretanto mais forças vão partindo,  
Esvaziando os cofres da nação;  
E as gazetas vão sempre repetindo  
Que *aquillo* é brincadeira, é reinação,  
Que é Couceiro que se anda livertindo,  
Que em toda a parte ha santa quietação.  
E o Governo, coitado, anda ás aranhas,  
Impingindo ao povinho essas patranhas.

## LXII

Até que a tropa, emfim, com pouco custo  
Empurra para Espanha os conspirantes,  
Que só quizeram pespegar um susto  
Da Republica aos altos governantes,  
E atarantar o bom doutor Augusto,  
A flôr dos diplomatas elegantes.  
E, acabada esta scena d'entremez,  
Ao pagóde voltámos outra vez.

## LXIII

Seguia tudo o curso costumado,  
Quando chega a Lisboa um emissário.  
Diz que vem das potencias por mandado  
E quer que um portuguez de saber vário  
Lhe conte as nossas glorias do passado,  
Que Camões esqueceu. E' necessario  
Que pelo mundo todo andem cantadas  
Da Republica as glorias ignoradas.

## LXIV

O Governo encarrega o *pai* Faustino,  
Das nossas bibliotecas director,  
Homem de muita lábria e muito tino,  
De narrar ao extranho embaixador  
Tudo o que de saber-se seja dino.  
Faustino acceita logo e diz: «Senhor,  
«Aplaudo o mundo todo e mais o resto  
«Por esse alevantado e nobre *gesto*.

## LXV

«Os povos que vos mandam são amigos;  
«Pelo menos eu tenho-os como tal.  
«Mas ai d'elles, se fossem inimigos!  
«Sabei que este pequeno Portugal  
«Não teme de se vêr ante os perigos.  
«Somos um povo grande e sem rival,  
«Que, em tempos idos, devassou os mares,  
«E pensa agora em conquistar os ares.

## LXVI

«O meu collega Nunes que vos conte:  
«Temos aeroplanos com fartura,  
«Embora o mundo todo nos aponte  
«Como um paiz que está á dependura.  
«Mas vamos devagar... vamos á fonte  
«D'esta minha memoria forte e pura:  
«Lá ireis encontrar catalogadas  
«Da Republica as glorias não sonhadas.

FIM DO CANTO I

## Argumento do Canto II

Começa o *pai* Faustino a narração:  
Do Antonio Zé d'Almeida e Afonso Costa  
Conta a já muito antiga escamação,  
Narra o 5 d'outubro e a meza posta  
Onde vai saciar-se o tubarão.  
De novo mata Ignez, de quem não gosta.  
De varios vultos traça a fiel imagem,  
E outros successos conta em chã linguagem



## CANTO II

### I

Fazei agora, oh musas, o favôr  
De descerdes do Olympo consagrado  
P'ra virdes inspirar com novo ardôr  
O meu engenho pobre e já cansado.  
Infundi me mais bellico vigôr  
Para que eu cante o nunca assáz cantado  
Valor da forte gente lusitana  
Filiada na grei republicana.

### II

Baixai todas do céu, trazei nas mãos  
De vossos dons a farta cornucópia.  
A' larga os entornai; não serão vãos  
Se em riqueza tornarem minha inópia.  
Eu quero, p'ra cantar tais cidadãos,  
Que me deis de talento magna cópia;  
Senão direi que tendes certo mêdo  
Que eu projecte Camões para o degrêdo.

### III

Era o nosso emissario todo attento  
Para ouvir do Faustino o relatório;  
Quando este, após o clássico momento  
De reflexão, começa peremptório:  
«Deseja então você (honroso intento!)  
«Que eu lhe torne patente e bem notório  
«O que a nova republica tem feito?  
»Como eu ninguem p'ra tal tem tanto geito.



## IV

«Se fôsse consultar algum thalassa  
 «Sobre as coisas de cá de Portugal,  
 «Ou algum adhesivo de má raça,  
 «Certo diriam d'isto todo o mal.  
 «Nem é para estranhar... Mas teve graça:  
 «Vocé deu cu' um sujeito imparcial,  
 «Que é acima de tudo portuguez,  
 «E que nunca mentiu uma só vez.

## V

«Mas antes da questão tratar ao vivo  
 «Vou descrever-vos, se me dais licença,  
 «O que é *thalassa*, o que é um *adhesivo*,  
 «Pragas que esta republica á nascença  
 «Encontrou por desgraça e sem motivo;  
 «Os primeiros, fieis a velha crença,  
 «E os outros uns sinceros camaleões,  
 «Que andam sempre ao sabor das mutações.

## VI

«*Thalassa* é todo aquelle que ficou  
 «Fiel á crença antiga, á velha lei;  
 «E' todo o que no peito conservou  
 «Amizade leal ao joven rei;  
 «É aquelle que não se filiou  
 «Logo a correr na triumphante grei,  
 «Fazendo d'inimiga gente amiga,  
 «Pensando só na bolsa e na barriga.

## VII

«D'estes ha poucos dignos de respeito,  
 «(Sempre admirei firmeza e lealdade  
 «Mesmo que as veja em inimigo peito!)  
 «Nas horas do perigo é bem verdade  
 «Que não tiveram braço ás armas feito;  
 «Mas tiveram ao menos a hombridade  
 «De não mudarem logo alli d'ideias  
 «Como quem muda um simples par de meias.

## VIII

«Co' os adhesivos foi outro cantar:  
 «Qual nuvem de vorazes gafanhotos  
 «Que um campo inteiro acabam d'assolar  
 «Roendo até os mais pequenos côtos,  
 «E que, ao verem a meza a levantar,  
 «Levantam vôo pelos ar's ignotos  
 «Para irem abater em outra estancia  
 «Onde haja de comer em abundancia;

## IX

«Tal foi dos *adhesivos* o papel.  
 «Depois de haverem 'stado repimpados,  
 «Na lauta meza do seu rei Manoel,  
 «Ao verem os seus calculos fallados  
 «Acorreram velozes em tropel  
 «A' meza da Republica, esfaimados,  
 «Não lhes fôsse minguar a gorda pança  
 «Cu' uns dias de jejum e temperança.

## X

«Muitos viram depois recompensada  
 «A falta de carácter que mostraram,  
 «E hoje andam de viseira alevantada,  
 «Rindo dos que fieis se conservaram,  
 «Rindo até dos que a vida atribulada  
 «Sempre ao novo regimen devotaram.  
 «Que é bem certo que o mundo desgraçado,  
 «Pertence sempre ao mais desvergonhado!

## XI

«Contar-vos quero agora a zanga eterna  
 «Do Afonso Costa contra o Tónio Zé.  
 «Qualquer d'elles está peor da perna  
 «Julgando que isto tudo d'elles é.  
 «O Antonio Zé diz que elle é quem governa  
 «Do Estado a arrombadissima galé;  
 «Ao passo que o Afonso diz com gana  
 «Que elle é quem manda n'esta traquitana.

## XII

«Já lá vem desde os tempos da *ominosa*  
 «E tem causado já graves sarilhos  
 «Esta zanga medonha, pavorosa,  
 «Entre estes dois altíssimos caudilhos.  
 «E' tão grande, entranhada e biliosa  
 «Que promete passar de pais a filhos.  
 «Se os deixassem aos dois, sós e tranquillos,  
 «Comiam-se um ao outro como os grilos.

## XIII

«Cada um d'elles tem o seu partido ;  
 «O Antonio Zé d'Almeida evoluciona ;  
 «O Afonso Costa, fêro e destemido,  
 «Impera dos dramaticos na zona ;  
 «Emquanto o Brito, fino e mais sabido,  
 «E os unionistas andam n'uma fona,  
 «Ora apoiando os *loiros* almeidistas,  
 «Ora a *nervosa* grei dos afonsistas.

## XIV

«Cada qual tem tambem sua gazêta,  
 «Seu órgão de combate e propaganda ;  
 «Do Afonso o *Mundo* e toda a sua trêta,  
 «Do outro lado a *Republica*, mais branda  
 «Nos seus meios d'ataque e mais correcta.  
 «E assim toda a gentinha ás turras anda  
 «Girando entre estes polos d'attracção  
 «Conforme as sympathias e a razão.

## XV

«Teem tambem seus *Centros* p'ra o cavaco,  
 «Onde se joga a bisca, ou o bilhar,  
 «Para onde os orador's de pouco caco  
 «Os discursos subtis vão ensaiar  
 «Em fraternal convívio eo' o deus Bacco,  
 «Discursos que hão de a patria vir salvar.  
 «Alli se junta a fina flôr politica  
 «P'ra um pouco de má lingua e boa critica.

## XVI

«Em uns se juntam França e Macieira,  
 «Do forte Afonso Costa certo esteio ;  
 «Lá vão parar o Lemos e o Cerveira,  
 «Padua, Alexandre, enfim todo o recheio  
 «Da rija democratica, fileira.  
 «E o Bernardino, bem que em sólo alheio  
 «P'ra o *treino* não perder de presidente,  
 «Preside sempre em 'spirito, contente.

## XVII

«No Centro Antonio Zé só abrem bico  
 «Vasconcellos e Sá, Egas Moniz,  
 «O risonho compadre Celorico,  
 «O Pimenta e mais outros de raiz ;  
 «E eu tambem, se calado me não fico,  
 «A's vezes por lá metto o meu nariz.  
 «Temos um chefe que é muito simpático.  
 «E só tem um defeito : — ser lunático.

## XVIII

«Ambos foram ministros provisorios :  
 «Afonso na *Justiça* fêra e têsá  
 «Desfez-se em leis, decretos, relatorios,  
 «P'ra do vasto saber nos dar certeza.  
 «Para evitar futuros peditorios  
 «Assentou do orçamento logo á meza  
 «Tios, tias, cunhados e cunhadas,  
 «Os manos, as irmãs... mesmo as criadas.

## XIX

«Tendo assim garantido o mantimento  
 «De toda a comilona parentella,  
 «Deitou-se a legislar como um portento.  
 «Lei da familia — dos menor's tutella —  
 «Divorcio, inquilinato, enfim um cento  
 «De geniaes decretos. Mas a estrella,  
 «A coroa de toda a sua vida,  
 «Foi a separação. Quem o dúvida?!

## XX

«Por ella a igreja fica separada,  
 «Ou quer dizer: sujeita ás ordens d'elle;  
 «Tira-se tudo, tudo, á padralhada,  
 «E, se refilam muito, até a pelle;  
 «E, para que essa seita negregada  
 «De novo em Portugal não surja e gréle,  
 «Jura Afonso extinguir a religião  
 «Antes que chegue a quarta geração.

## XXI

«Antonio Zé mostrou ser estadista  
 «Forjando nova lei eleitoral,  
 «Que deixa as outras a perder de vista,  
 «Decretando o descanso semanal,  
 «Dando mais *massa* ao professor *flautista*  
 «Que morria de fome em Portugal,  
 «E publicando, enfim, com valentia  
 «Uma lei fulminando a rataria.

## XXII

«Este decreto torna o quasi heroe  
 «E os cofres da nação recheiar vem!  
 «Sabe você o que um ratinho roe  
 «Cada dia? Um real! Calcule bem.  
 «Se um milhão d'esses ratos se destroe,  
 «No fim do anno o thesouro a mais contém  
 «Tresentos e tal contos! Que ratões!  
 «Comem que até parecem tubarões!

## XXIII

«Parece que estadistas tão completos  
 «Deviam de se dar ás maravilhas  
 «E, em sociedade feita só d'affectos,  
 «Reformar continentes, mares, ilhas,  
 «De leis á força, á força de decretos.  
 «Mas não. Um contra o outro jogam pilhas  
 «De piadas, remoques, frioleiras,  
 «Quais duas diplomadas regateiras.

## XXIV

«E assim passam a vida alegremente  
 «Em olympicos jogos nos jornais;  
 «O povo que os ature, que os aguente,  
 «E o paiz que se afunde mais e mais.  
 «Que lhes importa a elles? Docemente  
 «Vão cevando seus odios pessoais:  
 «O povinho que compre uma geral  
 «E que assista ao torneio nacional!»

## XXV

Aqui Faustino um pouco mudo fica,  
 Recolhe ao bucho o membro fallador.  
 Escorre-lhe da testa o suor em bica;  
 Do bolso puxa um lenço multicolor  
 E a limpar o suor se promptifica.  
 Depois, pede um refresco ao servidor,  
 Leva-o á bóca, bebe-o d'um só hausto,  
 Dá um 'stalo co' a lingua e quèda exhausto.

## XXVI

Porém, nem um minuto era passado,  
 E já de novo a força lhe voltava;  
 De senador n'um gesto ponderado.  
 (A quanto obriga a natureza brava!)  
 Desdobra um outro lenço variegado  
 E as profundezas do nariz excava.  
 Depois sacode o pó, cospe p'ra a rua,  
 Ageita-se no banco e continúa:

## XXVII

«Meu prezado emissário, acho que é logico  
 «Antes de proseguir o arrazoado,  
 «Contar-vos o momento psicologico  
 «Em que o novo regimen foi gerado.  
 «E' um bonito estudo sociologico!  
 «Já muito se tem dito e commentado  
 «Sobre o 5 d'outubro Em todo o caso  
 «De o recontar não quero perder o aso. 3

## XXVIII

«Deu signal o canhão no Tejo amado  
 «Quando a noite ia já em mais de meio.  
 «Ouviu-o Portugal de lado a lado,  
 «Pintando em muitos rostos o receio ;  
 «Ouviu-o D. Manoel e, de assustado,  
 «A carinha escondeu da mãe no seio ;  
 «E as thalassas, que o som aperceberam,  
 «Bem debaixo das camas se metteram.

## XXIX

«Então é que se viu a valentia  
 «De todos os monarchicos fieis !  
 «Então é que se viu quanto valia,  
 «Em meio d'esses transes tão crucis,  
 «A quadrilha esfaimada, que vivia,  
 «Envolta em pechisbeques e ouropeis,  
 «A' custa do seu rei e seu patrão,  
 «Sempre prompta á fraqueza e á traição !

## XXX

«Começa-se a travar a incerta briga,  
 «Que era mais do que certa n'esse caso.  
 «Uns tratam da defeza da barriga,  
 «E os outros, que se achavam em atrazo,  
 «Luctam p'ra encher tambem a pança amiga.  
 «Logo o grande Machado, por acaso,  
 «Entre aquella tremenda barafunda  
 «Fica chefe das tropas da Rotunda.

## XXXI

«Já pelo espesso ar, desarvoradas,  
 «Sibilam balas, a metralha vòa.  
 «Morrem sete cavallos; e as granadas  
 «Cruzam-se sobre a tímida Lisboa.  
 «As janellas conservam-se fechadas;  
 «A artilharia grossa tudo atròa;  
 «Mas a respeito d'inimigas tropas  
 «Não ha meio de as vêr, mettem-se em copas.

## XXXII

«A tão temida guarda *municipal*,  
 «Tão prompta em dar no povo desarmado,  
 «Fugindo nem de si deixa signal.  
 «Muitos esquecem glorias do passado,  
 «Juramentos, a crença n'um Ideal  
 «Que para elles devia ser sagrado.  
 «A maior parte foge ingloriamente,  
 «Abandonando o rei cobardemente.

## XXXIII

«Vós, perjuros traidores, que no Averno  
 «— Triste mansão de soffrimento vivo —  
 «Do vosso erro soffreis castigo eterno,  
 «Tende um pouco d'allivio e lenitivo ;  
 «Pois, se gemeis p'ra sempre n'esse inferno,  
 «D'alegria vou dar-vos um motivo :  
 «— Sabei que entre o povinho portuguez  
 «Muitos traidores houve d'essa vez !

## XXXIV

«Começam de altear-se as barricadas  
 «Com valente denodo e féro brio ;  
 «N'um prompto são tres peças apontadas  
 «Em direcção ás tropas do Rocio ;  
 «Machado, de dragonas emplumadas,  
 «Alento a todos dá e sangue-frio ;  
 «E, se ás vezes enruga a vasta frente,  
 «E' por ver pouco e não que se amedronte.

## XXXV

«Enruga a frente á pesca d'inimigos  
 «E não lhes volta costas; que o valor  
 «Nem tempo tem para pensar nos p'rigos  
 «A que se expõe qualquer batalhador.  
 «Cercado d'uma duzia só d'amigos  
 «Não lhe fallecem animo e vigor  
 «E decide ou morrer com honra e gloria  
 «Ou alcançar os louros da victória.

## XXXVI

«Sentiu Gorjão que o pobre do Machado  
 «Não podia deixar de se encontrar  
 «No cimo da Avenida atrapalhado  
 «Sobre se isto era a sério ou a brincar.  
 «Não queria vêr sangue derramado  
 «Que o costumava muito agoniar;  
 «E por isso, chamando o Carvalhal,  
 «Fel-o chefe das tropas em geral.

## XXXVII

«O Carvalhal não 'stava p'ra maçadas,  
 «Chamou as tropas todas ao quartel  
 «E propoz entre duas baforadas:  
 «— E' melhor não fazermos aranzel.  
 «— Não gosto de metter-me em embrulhadas.  
 «— Que nos importa a nós o D. Manuel?  
 «— E' melhor observar, sem se metter,  
 «— O que o Machado Santos quer fazer.

## XXXVIII

«— Vêdes aqui o vosso commandante,  
 «— Que em todo este medonho sarrabulho  
 «— Não anda p'ra traz nem p'ra diante.  
 «— Façam como eu e nada de barulho! —  
 «Mas o Paiva Couceiro petulante  
 «E' que não foi assim n'aquelle embrulho;  
 «Co'as as baterias surge de repente  
 «E ataca os da Rotunda ousadamente.

## XXXIX

«Esteve quasi a ir-se n'um momento  
 «Tudo o que Martha havia já fiado:  
 «Pois se fôra até alli divertimento  
 «Para as tropas ás ordens do Machado,  
 «Estas, vendo um tão rude acolhimento,  
 «O caldo imaginaram entornado  
 «E pensaram: ninguem á morte escapa,  
 «Nem o cura, nem nós, nem mesmo o papa!

## XL

«Paiva Couceiro manda uma granada  
 «Que causa na Rotunda reboliço.  
 «O Machado co'a calça arregaçada,  
 «Manda ao demo o ter sido atrevidiço  
 «E vê a morte alli, em pé, alçada.  
 «Prompta a cumprir o seu fatal serviço.  
 «Mas avança com mente decidida  
 «Como quem pouco apreço liga á vida.

## XLI

«Dos seus soldados o arrojado troço,  
 «Que cuidam vêr do inferno a porta aberta,  
 «Rezam por despedida um padre-nosso  
 «Vendo dos de Queluz a mão tão certa  
 «Que entre elles vem fazer grande destroço.  
 «Do tiroteio nada os acoberta:  
 «E se o Couceiro traz mais munições  
 «Dava um ar da Rotunda aos figurões.

## XLII

«Mas tal não succedeu, e mestre Paiva,  
 «Depois d'arremessar o ultimo tiro  
 «Que na Rotunda cai como saraiva,  
 «Qual vencido leão volta ao retiro  
 «Cheio de dôr cruel, cheio de raiva.  
 «Olhando em volta dá fundo suspiro  
 «Não por se vêr vencido, mas por ver  
 «Que só elle cumprira o seu dever.

## XLIII

«O campo deixa, e logo n'esse instante  
 «Proclama-se o Machado vencedor  
 «E a Republica implanta triumphante.  
 «Sòa alegre o clarim, rufa o tambor  
 «Celebrando á victoria retumbante;  
 «E na *Camara* um digno vereador  
 «Entre as acclamações, entre o vivorio.  
 «Nomeia os do Governo Provisorio.

## XLIV

«Este foi da Rotunda o grande feito,  
 «Que rendeu promoções por distincção  
 «Feitas um pouco a torto e a direito,  
 «E que trouxe ao Machado uma pensão  
 «Que para mim calhava agora a geito.  
 «D'onde se vê que a mais formosa acção  
 «N'este seculo vil, interesseiro,  
 «Tem como prémio um pouco de dinheiro!

## XLV

«Machado esteve uns dias amuado  
 «No campo, um bocadinho descontente  
 «Por vêr que o Provisorio nomeado  
 «Não era o combinado préviamente;  
 «Mas o governo, já bem assentado  
 «E que n'elle um perigo vê presente,  
 «Manda-lhe que abandone logo a praça,  
 «De Santarem co'as forças o ameaça.

## XLVI

«Machado vem-se embora. Foi então  
 «Que se deu uma scena divertida:  
 «Da Rotunda o pequeno pelotão  
 «Quando chegou a meio da Avenida  
 «Formava já compacta multidão.  
 «A gente que até alli fôra escondida  
 «Apparecia agora por milhares,  
 «Com vivas atroando os claros ares.

## XLVII

«Todos vinham alli cumprimentar  
 «O vencedor valente que descia.  
 «Contentes se elle dardejava o olhar  
 «P'ra elles com lhaneza e cortezia.  
 «Mal podia o Machado imaginar  
 «Que em breve surgiria um novo dia  
 «Em que todo esse povo entusiasmado  
 «Viria mendigar-lhe um atestado.

## XLVIII

«Pois succedeu que os poucos da Rotunda,  
 «Que lá ficaram firmes e teimosos,  
 «Cabiram n'uma terra tão fecunda  
 «Que em breve se tornaram numerosos  
 «Como os peixes da Biblia. E hoje abunda  
 «Tanto heroe, todos nédios e garbosos,  
 «Como d'arcias ha no mar ingente,  
 «Como estrellas no céu resplandecente.

## XLIX

«Implantado o regimen suspirado  
 «Logo começa a vêr-se no horizonte  
 «De tubarões um bando encarniçado,  
 «Que quer vir saciar á nova fonte  
 «O appetite voraz, desordenado,  
 «Andavam esquecidos, quasi a monte;  
 «Justo é que, vendo a coisa ora mudada,  
 «Acudam de guêla escancarada.

## L

«E não em vão; que, posta logo a meza  
 «Co'os restos que deixara a monarchia,  
 «Começa a repartir-se com presteza  
 «A magra e pouca febra qu'inda havia.  
 «Os abutres abatem sobre a presa  
 «Com tal voracidade que fazia  
 «Pena vêr Portugal já tão magrinho  
 «Ser inda até aos ossos chuchadinho.

## LI

«Oh tu, gordo Innocencio, que abichaste  
 «Do Banco essa fatia gordurosa!  
 «Tu, Alto Commissario, que apanhaste  
 «Uma posta taluda e magestosa,  
 «Que co' a minha penuria faz contraste.  
 «Oh Fiscalisação escandalosa  
 «Que rendes ao teu chefe a ninharia  
 «D'uns tristes mil centavos cada dia!

## LII

«Oh todos vós que nomear não posso  
 «Pois gastaria mais de dez volumes  
 «De tipo miúdo e de formato grosso!  
 «Vós, tubarões gulosos, que aos cardumes  
 «Chegastes mesmo ás horas do almoço,  
 «Eu vos imploro pelos santos nunes:  
 «Já que tendes nas unbas faca e queijo  
 «Dai-me d'esses pitéus algum sobejo!

## LIII

«Dizem que eu tambem sou um tubarão!  
 «Mentem; não passo apenas de fanéca  
 «Aqui preso á perpetua escravidão  
 «De reles Director das Bibliotheca.  
 «Mais ganho trez escudos por sessão  
 «Como alto senador. Infima téca,  
 «Que não chega sequer para pagar  
 «O que ha n'esta cabeça a borbulhar!

## LIV

«Eu, que já reformei o Nacional  
 «De sociedade co' o Affonso Gaio;  
 «Que escrevi já romances sem rival,  
 «Que no Senado sou um papagaio  
 «Mais palrador que o Matta original;  
 «Que compuz dramas em que brilha o raio  
 «Do genio de Rostand; e que outra vez  
 «Matei de nova morte a morta Ignez...

## LV

«Estava a pobre Ignez, a Ignez tão linda  
 «Dormindo no convento d'Alcobaça  
 «O eterno somno com que a morte brinda  
 «Os que Caronte em sua barca passa;  
 «Dos seus olhos azues corria ainda  
 «Por sobre a lividez marmórea e baça  
 «Do rosto, aquelle pranto que em socêgo  
 «D'antes vertia junto do Mondego.

## LVI

«Do seu Principe, alli, em doces sonhos  
 «Revia a esbelta imagem de seu porte;  
 «E, relembrando os dias tão tristonhos  
 «A que havia votado a negra sorte,  
 «Agora tinha os labios sorrisonhos  
 «D'esse claro sorriso que na morte  
 «Traduz com expressão indefinida  
 «O allivio dos tormentos d'esta vida.

## LVII

«Mas cá mestre Faustino, que engallinha  
 «Com tudo o que cheirar a realéza,  
 «Quando soube que Ignez fôra rainha  
 «Mesmo depois de a morte a levar presa,  
 «Forjou logo a tenção crua e damninha  
 «De se portar com ella muito á teza,  
 «De ir buscal-a outra vez á sepultura  
 «E matal-a de novo com tortura.

## LVIII

«Fui lá; ergui a tampa do caixão  
 «E puxei-a p'ra fóra por um braço.  
 «Ela a feril-a alli, sem compaixão,  
 «Quando ella pondo as mãos sobre o regaço,  
 «Co' os olhos macerados de afflicção  
 «Me diz n'um tom maguado de cansaço:  
 «— Porque vens acordar-me, ferrabraz,  
 «— Do somno eterno em que minh'alma jaz?

## LIX

«— Se tens d'humano ser o gesto e o peito  
 «— E não de bruta fêra ou d'animal,  
 «— Trata com mais cautella e com mais geito  
 «— A pobre Ignez, que nunca te fez mal.  
 «— Sou digna de piedade e de respeito;  
 «— Pois não achas bastantes afinal  
 «— As vezes que me teem assassinado  
 «— Na Historia, nos theatros e no fado?

## LX

«— Torna a atirar-me para a campa fria,  
 «— Deixa em socego a triste Ignez chorosa.  
 «— Pois queres tua penna luzidia  
 «— Macular n'uma vil, indigna prosa  
 «— Contra uma mulher fraca e sem valia?  
 «— Parece-me uma acção indecorosa.  
 «— Deixa-te d'isso, sim, meu bom careca,  
 «— Meu querido Faustino da Fonseca?! —

## LXI

«Assim falou Ignez, banhada em pranto...  
 «Qual jornalista audaz e furibundo,  
 «Da redacção mettido lá n'um canto,  
 «Inspirado rabisca um tezo fundo  
 «Que aos inimigos vá levar quebranto  
 «E os deixe sem concerto n'este mundo,  
 «Com bombasticos termos, frases cheias  
 «De palavras subtis, mas sem ideias;

## LXII

«Tal eu, Faustino, fero matador,  
 «Pegando no papel e na caneta,  
 «Comecei a escrever, e com vigor  
 «Sentindo em mim a veia de poeta,  
 «De novo a triste Ignez matei sem dór!  
 «Depois fiz publicar toda essa trêta,  
 «Sem já temer que o *crú* Pedro primeiro  
 «Quizesse outra vez ser o justiceiro.

## LXIII

«Sou eu esse Faustino glorioso  
 «A quem d'esta Republica os mandões  
 «Atiraram um osso vergonhoso,  
 «Emquanto elles, os grandes figurões,  
 «Vão comendo o que inda ha de saboroso  
 «N'este paiz de sol e de melões.  
 «D'esses vou nomear os principaes  
 «Para que de ginjeira os conheçais.

## LXIV

«Bernardino festivo e sorridente,  
 «Geitoso, maneirinho, pequenino,  
 «De bigodões, de barba alvincente,  
 «Sempre um janota, sempre um figurino.  
 «Queria ser á força presidente;  
 «Mas contra isso opoz-se-lhe o destino,  
 «Que o mandou, sem pagar nova franquia,  
 «P'ra a terra onde elle vira a luz do dia.

## LXV

«Alfonso, d'estes reinos luminar,  
 «Novo Pombal de verde e de encarnado;  
 «O génio em borbotões a fervilhar  
 «N'um craneo, ao que se diz bem mobilado;  
 «O mais bello talento sub-lunar  
 «N'este pobre paiz mal-empregado;  
 «Pois se fôra nascido no estrangeiro  
 «Assombraria agora o mundo inteiro.

## LXVI

«Brito Camacho, egrégio jornalista,  
 «O mais fino *blagueur* de Portugal  
 «(Mas no conceito d'elle!), excursionista,  
 «E muitas outras coisas em geral.  
 «E' chefe do partido unionista,  
 «*Rendez vous* da *élite* nacional.  
 «Ha muito que esperar do seu talento  
 «Se antes d'isso não fôr para um convento.

## LXVII

«Antonio Zé d'Almeida, visionário  
 «Que um bello dia por desgraça sua  
 «Nomearam ministro. Partidario  
 «De que se funde um *Centro* em plena Lua.  
 «Das fêras violencias adversário,  
 «Apóstolo da paz aberta e nua.  
 «Se um dia cá voltar a monarchia,  
 «E' o unico que escapa da *razzia*.



## LXVIII

«Euzébio foi governador civil  
 «É é agora ministro português  
 «Da bella Italia sob o céu d'anil.  
 «Foi elle o chanceller que certa vez  
 «No Directório chancellou aos mil  
 «Os deputados que eram de jaez.  
 «Deve haver-se por lá bem á altura,  
 «Que um Leão nunca faz reles figura.

## LXIX

«Aqui abro um parentese e dirijo  
 «Ao Silva, dos correios director,  
 «Uma supplica:— oh Silva forte e rijo,  
 «Patrono das epistolas de amôr,  
 «Das cartas amorosas que redijo  
 «É das que veem em troca protector,  
 «Faze ccm que o serviço em que governas  
 «Dê um bocado mais ás tardas pernas.

## LXX

«Tens uns carrinhos verdes e encarnados,  
 «Com guizinhos alegres, que chocalham  
 «Por essas ruas fóra. Resultados?  
 «Nenhuns que mencionar a pena valham.  
 «As cartas dormem somnos socegados  
 «Pelas repartições onde as espalham.  
 «Oh Silva, dá mais corda aos teus carteiros  
 «Para vêr se elles andam mais ligeiros!

## LXXI

«A Republica após um anno e tal  
 «Entrou no seu estado interessante:  
 «É logo p'ra atalhar tão grande mal  
 «Foi-se chamar o médico elegante  
 «E que não tem, como parteiro, igual.  
 «Mas em breve houve a prova bem frisante  
 «De que um *forceps* mesmo em habil mão  
 «Não basta p'ra salvar uma nação.

## LXXII

«Este é Augusto, Augusto sublimado,  
 «Que foi primeiro eleito presidente;  
 «Mas que, achando o logar muito pesado,  
 «Ficou depois ministro simplesmente.  
 «Diplomata *accompli*, bem acabado,  
 «Do Bernardino alumno intelligente,  
 «Tornou-se da Republica infallível  
 «O menino bonito, o imprescindível.

## LXXIII

«Segue Sidónio Paes que na finança  
 «Deu sota e az aos mestres do orçamento;  
 «Outra risonha, célebre esperança,  
 «D'este paiz gentil novo portento.  
 «Talento que morreu inda eriança  
 «Por causa d'um precoce esgotamento.  
 «Mas das cinzas do morto financeiro  
 «Nasceu o diplomata verdadeiro.

## LXXIV

«Depois Duarte Leite, homem certoiro,  
 «Grão-vizir do sultão do Calhariz,  
 «Que faz *pendant* co'o medico parteiro;  
 «Emquanto o bom doutor tão infeliz  
 «Da presidencia desce ao estrangeiro,  
 «Duarte sobe sempre e, mais feliz,  
 «Chamado a presidente em dias tétricos  
 «Resolve logo a grève dos eléctricos.

## LXXV

«Agora p'ra final d'esta cantata  
 «Não posso pôr de parte o meu collega,  
 «O excelso senadôr Nunes da Matta,  
 «Do Senado continua cegarréga.  
 «Nunes é, como ahí qualquer constata,  
 «O craneo portuguez que mais segrega  
 «Ideias, planos, leis, enfim reformas  
 «Que a Patria hão de fazer entrar nas nórmas.

## LXXVI

«Depois de nos provar que era guloso  
 «E conhecia a fundo a amiga abelha,  
 «Após mostrar que era orador fogoso  
 «Em assomos de génio e vasta telha,  
 «Inda se faz por cima audacioso  
 «E, farto já d'andar na terra velha,  
 «Foi no balão dar uma voltasinha  
 «Pelo paiz do mocho e da andorinha.

## LXXVII

«Mil outros poderia nomear  
 «De engenho luminoso e fulgurante.  
 «Mas para que vos hei de massacrar?  
 «Quem não conhece a pleiade brilhante  
 «Que a Republica foi desenterrar  
 «Do esquecimento indigno e humilhante?  
 «Quem não conhece as glórias do regimen  
 «De que eu sou razoavel especimen?

## LXXVIII

«Quem não conhece o Relvas, Zé Barbosa,  
 «Nunes da Ponte, coronel Silveira,  
 «Abel Botelho, mente poderosa,  
 «Jacintho Nunes, Chagas, o Cerveira,  
 «Do grão Barreto a polvora famosa,  
 «O Menezes que em tudo tóca e cheira  
 «Mas que inda não achou um bom momento  
 «De largar rédea solta ao seu talento?

## LXXIX

«Quem não conhece as barbas do Junqueiro,  
 «Do Estevam a vastissima gordura,  
 «França, Alexandre, Quim Freitas Ribeiro,  
 «Do Celestino a magna envergadura,  
 «Magalhães, génio augusto e lisongeiro,  
 «E mil outros que esquece a mente escura,  
 «E mil outros que deixo no segredo  
 «Senão não acabava isto tão cedo?»

## LXXX

Faustino interrompeu a narração.  
 Consultando o relógio da barriga,  
 Viu que eram horas de ir á refeição.  
 E por isso, n'um gesto á moda antiga,  
 Tomou o emissário pela mão,  
 Levou-o ao Martinho — casa amiga —  
 Subiu com elle acima ao outro andar  
 E em tom grave off'receu-lhe de jantar.

## FIM DO CANTO II

## Argumento do Canto III

Prece a Baccho. De novo o pai Faustino  
Segue a palestra em tom mais caloroso.  
Christo apparece ao velho Bernardino  
E prediz-lhe um futuro glorioso.  
Conta o feito de Chaves peregrino  
E do clarim-Magriço portentoso,  
Até que um novo Adamastor-papão  
Põe termo do Faustino á narração.



## CANTO III

### I

Bacco amigo! Se os deuses sempiternos  
Ligam dez reis d'estima e d'amizade  
Aos homens que os veneram sempre ternos  
E lhes tributam preito e lealdade;  
Se, mesmo n'estes séculos modernos,  
Em que é *chic* o atheísmo, a impiedade,  
Vocês ainda olham cá p'ra o fundo  
A vêr o que se passa n'este mundo:

### II

Se vocês inda attendem como d'antes  
A invocação d'um mísero mortal,  
Que vem a vós com gestos suplicantes  
Mendigar um favor especial,  
Lança Bacco os teus olhos chammejantes  
Sobre o teu predilecto Portugal,  
E escuta lá da olympica morada  
A minha voz sumida e fatigada.

### III

Tu sabes que esta terra, oh Bacco amigo,  
Te prestou sempre um culto dedicado;  
Que nenhum portuguez é inimigo  
Do teu licôr bendito e delicado;  
Que tens, e desde o tempo mais antigo,  
Em cada portuguez um advogado  
Que apregôa no mundo as tuas prendas  
Nos jantares, nas ceias, nas merendas;

## IV

Tu bem sabes que, em noites de pagode,  
Quando no Olympo tudo é já sereno,  
Desces a terra cavalgando um bode  
Acompanhado só do teu Silêno.  
E por mais que este globo gire e rode  
Preferes sempre este torrão pequeno,  
Preferes sempre o Porto ou o Madeira  
A's mixordias que vem d'além-fronteira.

## V

Vi-te uma vez na Várzea de Collares;  
Vinhas com Venus... vinham vocês ambos  
De braço dado, ella fitando os ares  
E tu monologando uns dithyrambos;  
Silêno mais atraz, fazendo esgares,  
Bêbedo como um cacho, co'os pés cambos.  
E tu enaltecias mais e mais  
A excellencia dos vinhos nacionaes.

## VI

Pois bem, amigo Bacco! Se o encanto  
D'este torrão vinícola te prende,  
Sobre mim do teu amplo e doce manto  
Algumas dobras com amôr estende;  
Dá nova inspiração ao pobre canto  
D'um portuguez que te ama e te comprehende.  
Que o Faustino, depois d'um bom jantar,  
Tem sempre outra maneira de fallar.

## VII

Acabado o repasto apimentado  
Faustino cruza a perna e lentamente  
Pede a conta ao criado encasacado,  
Manda vir o café. E, brandamente  
Na cadeira de couro recostado,  
Com toda precaução palita um dente  
Depois arrota e mais sereno então  
Prosegue a interrompida narração:

## VIII

«Morto enfim de trabalho e de fadiga  
«Pensou o Bernardino finalmente  
«Em ir pedir à meiga cama amiga  
«Um pouco de repouso emolliente.  
«O dia fôra duro, só d'espiga,  
«A tirar o chapéu a toda a gente.  
«Era d'um Bernardino ficar farto!  
«Pegou na vela e foi para o seu quarto.

## IX

«Mas mal tinha chegado satisfeito,  
«Eis de repente a casa se illumina,  
«Rasga-se o tecto e sobre o áureo leito  
«Ouve-se um canto, música divina  
«Feita toda d'amôr e de respeito.  
«Depois do céu se rompe uma cortina,  
«E ao pobre Bernardino, que estremece,  
«O Christo em roupas brancas aparece!

## X

«Traz apenas vestido um penteador,  
«Feito d'uma só peça, sem costura;  
«Na cabeça um visível resplandor;  
«E a loura cabelleira com fartura  
«Cai-lhe em anéis; respira dôce amôr  
«A sua nobre, cândida figura,  
«E chegando-se ao pé do Bernardino  
«Pousa-lhe no hombro a mão e diz ladino:

## XI

«—Será possível, velho camarada  
«—De cheviote tão gentil farpela  
«—Por tres mil e quinhentos? Mas é dada...  
«==E' dada, tem razão; só no Grandella  
«==Ha tais pechinchas. E ainda não viu nada:  
«==Temos tambem uns côrtes de flanela  
«==Que são detraz da orelha, e as afonsinas  
«==Para vestir meninos e meninas.

## XII

«—Muito me conta! — atalha rindo o Christo.  
 «E logo o Bernardino: == Mas perdão,  
 «==Quem é você!? Desculpe insistir n'isto  
 «==Mas á pergunta deve dar razão.  
 «==Quem é você que me entra sem ser visto  
 «==Do meu quarto na augusta solidão? =  
 «O Christo d'um signal a orchestra cala,  
 «Pensa um bocado e d'este modo falla:

## XIII

«—Eu sou Christo, o primeiro socialista  
 «—Que Deus deitou ao mundo em seus destinos;  
 «—Que fiz milagres (coisa nunca vista!)  
 «—E acariciava sempre aos pequeninos.  
 «—Fui sempre um bom, foi sempre um altruista,  
 «—E por isso os espiritos malinos,  
 «—Cuja careca á mostra sempre puz,  
 «—Pregáram-me nos braços d'uma cruz.

## XIV

«—Mas deixemos a história complicada  
 «—Dos sofrimentos meus que bem conheces.  
 «—Se ora deixei a célica morada  
 «—E' que lá me chegaram tuas preces  
 «—N'uma risonha, alegre revoada;  
 «—E' que a ti, que bom homem me pareces,  
 «—Resolvi revelar o que o destino  
 «—Reserva á tua glória, Bernardino.

## XV

«—Bernardino, vem perto já o dia  
 «—Em que uma duzia d'homens esforçados  
 «—Hão de empurrar de todo a monarchia  
 «—P'ra fóra do seu reiuro e seus estados.  
 «—E n'essa hora de vívida alegria  
 «—Os povos n'um momento convocados  
 «—Hão de aclamar-te em brados lisongeiros  
 «—Ministro dos Negócios Estrangeiros.

## XVI

«—Serás ministro; e o mundo ha de pasmar  
 «—Do teu génio subtil de diplomata!  
 «—Toda a Europa suspensa ha de ficar  
 «—Do teu fino sorrir de aristocrata;  
 «—O mundo inteiro te ha de bajular  
 «—E te ha de vir fazer *bichinha gata*.  
 «—Serás enfim maior que Metternich  
 «—E Bismarck, cujas famas vão a pique.

## XVII

«—Virá um italiano de má morte  
 «—E chamar-te-á ridículo, pimpão;  
 «—Tu has de dar com isso alguma sorte,  
 «—Has de zangar-te no que tens razão;  
 «—Mas que esta ideia ao menos te conforte:  
 «—E' que vozes de burro ao céu não vão.  
 «—E tu continuarás, sem contratemplos  
 «—A sêr o mór 'stadista d'estes tempos.

## XVIII

«—Nomearás ministros para a estranja;  
 «—Mas as potencias hão de refilar,  
 «—Dizendo que não bebem d'essa canja.  
 «—E tanta carrapata has de tramar  
 «—Com sorte tão mofina e tão macanja,  
 «—Que a História um dia te ha de lembrar  
 «—Não como um diplomata superfino,  
 «—Mas como um La Palisse ou um Calino.

## XIX

«—N'isto o governo acaba e tu então  
 «—Passarás de ministro provisório  
 «—A simples deputado da nação.  
 «—Acabam-se os foguetes, o vivório,  
 «—Voltas a ser apenas cidadão  
 «—N'este curto momento transitório;  
 «—E digo curto, porque brevemente  
 «—Se pensa na eleição d'um presidente.

## XX

- «—Divide-se em facções o Parlamento ;  
 «—Referve accessa a lucta e assim se anima  
 «—Um pouco do paiz o esfriamento.  
 «—Uns querem Arriaga, outros o Lima,  
 «—Alguns vão arrancar do esquecimento  
 «—O Bonança e empurram-o para cima,  
 «—Outros querem Braamcamp, e os affonsistas  
 «—Querem-te a ti do alto poder nas cristas.

## XXI

- «—Andarás esfusiante e luminoso  
 «—Uma quinzena quasi; e toda a gente  
 «—Dirá, ao vêr-te esperto e gracioso:  
 «—Ali vai o futuro presidente!  
 «—E tu, ardendo em desusado gôso,  
 «—Repetirás, baixinho, alegremente:  
 «—E's minha, és minha, és minha, oh presidencia  
 «—Doce filha da minha complacência!

## XXII

- «—Mas no dia fatal, assignalado  
 «—Para a eleição que havia d'escoller-te,  
 «—Ruirá por terra o sonho teu doirado  
 «—Que o destino não quiz satisfazer-te,  
 «—Qual castelo de cartas fabricado  
 «—Ao sopro do bébé que se diverte.  
 «—E tu verás com lagrimas no rosto  
 «—O Arriaga empalmar-te o excelso pôsto.

## XXIII

- «—Mas não percas de tedo a doce esp'rança;  
 «—Fia-te no dictado que te diz  
 «—Que por fim quem espera sempre alcança.  
 «—O livro dos destinos me prediz  
 «—Que o teu nome faz peso na balança  
 «—Do futuro loução do teu paiz.  
 «—Após este ligeiro quadriênio  
 «—Sóbes tu da República ao proscénio.

## XXIV

- «—Certo é que has de ir viver como ignorado  
 «—Na terra em que Pedro Alvares Cabral  
 «—Primeiro pôz o pé ligeiro e ousado.  
 «—Mas é para teu bem, não p'ra teu mal.  
 «—Fica por lá quietinho e socegado;  
 «—Apparece sómente em Portugal  
 «—Nas horas da eleição, Verás contente  
 «—Que d'essa feita vais a presidente.

## XXV

- «—Só te peço uma coisa: não te esqueças  
 «—N'essas horas de glória e de ventura  
 «—Do Christo amigo teu. Não te envaideças!  
 «—E manda-me p'ra o ceu, mas com fartura,  
 «—D'esse bom chéviote algumas peças;  
 «—Co'um *frack* assim hei de fazer figura!  
 «—E só trez e quinhentos!... Por favôr,  
 «—Um abraço ao Grandella... Adeus, amôr!...—

## XXVI

- «—Não disse mais o Christo illustre e santo,  
 «—Mas o tecto rasgou-se novamente,  
 «—E a apparição desfêz-se por encanto.  
 «—Ficou o Bernardino simplesmente  
 «—E mais o seu temôr e o seu espanto.  
 «—Vinha rompendo a aurora brandamente...  
 «—Notando então que o somno já perdera  
 «—Sahiu de casa cofiando a pera.

## XXVII

- «—Logo chama os amigos a conclave.  
 «—Amigos, veiu vêr-me o caro Christo  
 «—Que me disse n'um tom áspero e grãve  
 «—Que do poder geral sobre tudo isto  
 «—Hei de um dia empunhar a rija trave.  
 «—Não digo mais, nem mesmo mais insisto.  
 «—Amigos, inda um dia finalmente  
 «—Me haveis de vêr eleito presidente!

## XXVIII

«—E n'esse dia, oh n'esse dia então,  
 «—Teremos a Republica ideal.  
 «—Teremos a Republica união  
 «—Suspensa do meu riso angelical!  
 «—Para os da grei, que grande reinação!  
 «—Mas para os inimigos, por seu mal,  
 «—A fôrca, a costa d'África, o diacho!  
 «—Ai pobre Antonio Zé! Pobre Camacho!!—

## XXIX

Faustino suspendeu um leve instante;  
 Mas depois de com força respirar  
 Como quem toma alento, foi por diante:  
 «Resta apenas agora por contar  
 «O combate de Chaves retumbante  
 «Que pelos tempos fóra ha de ecchoar,  
 «E fazer esquecer, por apoucados,  
 «Os dois círcos de Diu tão cantados.

## XXX

«Quando d'este pais a rédea dura  
 «Duarte segurava com mão tesa,  
 «Couceiro resolveu na conjuntura  
 «Tentar de vez a tão famosa empreza  
 «De restaurar a monarchia impura.  
 «Divide as tropas logo com presteza  
 «E, para não achar á marcha entaves,  
 «Decide conquistar a forte Chaves.

## XXXI

«Mas vendo Chaves que era defendida  
 «Por vastas fôrças, que vencer não póde  
 «Co'a sua exigua tropa mal munida,  
 «Logo á mente guerreira ali lhe accode  
 «Fazer a nossa força dividida  
 «Para tornar mais facil o pagode.  
 «Prepara em Villa Verde uma marosca  
 «A vêr se os nossos cahem na arriosca.

## XXXII

«Logo da praça o commandante envia  
 «Reforço ás nossas tropas atacadas,  
 «De medo d'um desastre que faria  
 «Crescer o animo ás hostes rebelladas.  
 «Era isto o que Couceiro já previa;  
 «E, vendo as nossas forças dispersadas,  
 «Reune um troço forte e de repente  
 «Das muralhas de Chaves surge em frente.

## XXXIII

«Coça a cabeça afflicto o commandante  
 «Ao perceber o ardil dos inimigos;  
 «Mas não hesita mais do que um instante  
 «Como quem não se teme dos perigos;  
 «Bradando ás armas, marcha, corre ávante,  
 «E, reunindo em volta os seus amigos,  
 «Dispõe-se a pôr os bandos em fugida  
 «Ou a vender bem caro a cara vida.

## XXXIV

«Trava-se fera a lucta. Da muralha  
 «Os nossos fazem fogo mui certo;  
 «Cai sobre a villa chuva de metralha;  
 «Co'um relógio na mão, Paiva Couceiro  
 «Com animo e valor rege a batalha.  
 «Quantos tiros ali vão sem leteiro!  
 «Quanta bala perdida, que vai alta!  
 «Quanta, dando no chão, bate e resalta!

## XXXV

«Dos canhões o barulho até parece  
 «Uma trovoada mesmo sobre nós;  
 «O coração nos peitos arrefece,  
 «Turva-se a vista, até se perde a voz.  
 «Qual da muralha vôa, que não dece!  
 «Qual arrebenta dos calções o cóis!  
 «Qual, apanhando um tiro, estica a perna!  
 «Qual esta vida troca pela eterna!

## XXXVI

«Muitos ali deixaram esta albarda  
 «Que chamam vida. Ali ao abandono  
 «Ha muitos donos já sem espingarda,  
 «E muitas espingardas já sem dono.  
 «Ha por ali tambem alguma farda  
 «Cobrindo quem já dorme o eterno somno.  
 «Aquece a lucta mais; mas de repente  
 «Começa a alvoroçar-se toda a gente.

## XXXVII

«Tudo se volta para vêr se via  
 «A causa principal d'esse motim:  
 «Eis sae da praça um homem, que trazia  
 «A tiracollo um mágico clarim.  
 «Julgaram todos que talvez iria  
 «Tocar guerreira marcha. Não assim;  
 «Antes logo apontando a Kropatcheck  
 «Uns poucos d'inimigos põe em cheque.

## XXXVIII

«A batalha suspende-se um momento.  
 «Pára o furor guerreiro, que se acalma  
 «Diante d'um maior commettimento.  
 «Já ninguém pensa em conquistar a palma  
 «Dourada da victória, em louco intento.  
 «Todos sentem suspensa a vida, a alma;  
 «A uns prende o espanto, n'outros reina o medo,  
 «Que quem assim avança é o Azevedo.

## XXXIX

«Azevedo não treme; dá um passo,  
 «Dá mais um tiro, e reconhece logo  
 «Não ter mais munições. Erguendo o braço  
 «(Emquanto dez paivantes fazem fogo!)  
 «Começa intrépido a bater compasso  
 «Nas costas dos inficis com desafogo,  
 «Qual se fôra regendo orquestra bruta,  
 «Fazendo da espingarda uma batuta.

## XL

«Quatro paivantes bebem logo o pó  
 «Da furia do compasso ante as pancadas;  
 «Azevedo no meio d'elles, só,  
 «Muitas vidas em flôr deixa ceifadas;  
 «E assobiando em surdina o *ripopó*  
 «Deixa as hostes inimigas dizimadas;  
 «Tanto assim, que depois de taes destroços  
 «A victoria se inclina para os nossos.

## XLI

«Gastar oitavas em contar façanhas,  
 «Que ali se praticaram, é ocioso;  
 «Demais, você tomava-as por patranhas  
 «Urdidas p'ra tornar mais glorioso  
 «O luso nome entre as nações extranhas.  
 «Por isso dou por findo este lustroso  
 «Discurso meu, que a noite vai baixando  
 «E o plácido Morfeu me está chamando.»

## XLII

Mas não fica o emissário satisfeito:  
 Quer que o Faustino ali lhe conte tudo  
 O que a nova Republica tem feito;  
 Quer que o Faustino narre por miudo  
 Qual seja sobre a Espanha o seu conceito  
 E sobre o Canalejas abelhudo,  
 Faustino vai fallar, mas estremece  
 Vendo uma nuvem negra que apparece.

## XLIII

Tão temerosa vista e carrancuda,  
 Que os dois ficaram mudos de terror;  
 Ouvia-se no espaço a voz aguda  
 Dos ventos açulados com furor.  
 Faustino diz: «O que ha que assim se muda  
 «A calma em temporal aterrador?  
 «Que quer dizer em plena quietação  
 «D'esta nuvem a negra apparição?»



## XLIV

Não acabava, quando uma figura  
Se lhe mostra no ar, alta e farfante,  
De grande, esquisitissima estatura,  
Calva a cabeça, a vista vacillante,  
Ameaçadora e fêra a catadura,  
A *pose* enfatuada e petulante,  
Rapada a barba, o queixo saliente,  
Nos lábios um sorriso impertinente.

## XLV

Tão grande parecia, que o Faustino  
Julgou que era algum novo Adamastor,  
Alli vindo da parte do destino  
Para que elle tremesse de pavor.  
Mas era o Canalejas superfino,  
Que rompe n'uma voz em que o rancor  
Pelo novo regimen implantado  
Se adivinha no tom precipitado.

## XLVI

E disse: — Oh meu Faustino tagarella  
— Mais que quantos existem entre a gente:  
— Fecha a veloz torneira da loquela!  
— Certo é que da victória, antigamente,  
— Sempre vos deu a mão propicia a estrella,  
— E que em vocês arreganhando o dente  
— Tremia a Espanha toda do perigo.  
— Mas hoje a coisa é outra, meu amigo!

## XLVII

— Por isso, meu Faustino, cala o bico  
— E não digas da Espanha coisa alguma.  
— A Espanha é um paiz grande, um paiz rico,  
— De que a minha pessoa é gloria summa.  
— Ai de vocês! Eu faço-os n'um fanico,  
— Penetro em Portugal como a verruma  
— Entra em madeira fragil, se vocês  
— Refilarem comigo alguma vez!

## XLVIII

— Sabe, que quantos vierem conspirar  
— Contra o novo regimen com coragem,  
— Na acolhedora Espanha hão de encontrar  
— Auxilio valioso e hospedagem;  
— Poderão na Galliza ir preparar  
— Exércitos e armadas com vantagem,  
— E vocês com vontade ou sem vontade,  
— Hão de sentir a minha auctoridade,

## XLIX

— Esta é a vingança crua da derrota,  
— Que no tempo do rei João primeiro  
— Nós sofremos ao pé d'Aljubarrota.  
— Diz no D. Jaime um tal Tomaz Ribeiro,  
— Que p'ra vencer da Espanha a força ignota  
— Vocês chegam e sobram. Lisongeiro!  
— Pois não vêem que eu sou sufficiente  
— P'ra conquistar, sósinho, a lusa gente?

## L

— Se eu passasse a fronteira portugueza  
— Montado n'um grossissimo barrote  
— Para tentar sósinho a grande empreza  
— Em que nunca pensou o D. Quichote;  
— Se eu chegasse a Lisboa de surpresa  
— Levando só por armas um chicote,  
— Dizei-me: havia alguém em Portugal  
— P'ra impedir esta marcha triumphal?—

## LI

Mais ia por diante a fanfarrice,  
Quando o Faustino a vista arregalando  
E cu'um tremôr na voz, medroso disse:  
«Mas quem és tu, que estás p'ra abi prégando  
«Tanta bazófia e tanta parvoíce?»  
A visão, mais o rosto carregando.  
Lhe retrucou com voz pesada e fêra,  
Como a pergunta não espera:

## LII

- Eu sou aquelle esplendido ministro
- A quem chamais vós outros D. Pepito;
- Que sempre tem p'ra vós o olhar sinistro
- De inimigo mortal firme e convicto.
- Aqui, da Espanha toda eu administro
- O dominio vastissimo e infinito,
- E inda espero mudar, se a ideia é boa,
- A minha capital para Lisboa.

## LIII

- Sou filho d'esta Espanha luminosa,
- Maior que Salmeron, que Castellar;
- Minha pessoa a fama justa gosa
- De não ter n'este palco sub-lunar
- Rival em génio, em mente poderosa.
- Fui liberal; mas puz-me a matutar
- E decidi-me, vendo que era asneira,
- A desertar da liberal fileira.

## LIV

- O sonho acariciei de vêr um dia
- Portugal dominado pela Espanha;
- Usando de subtil diplomacia
- Deixava á Inglaterra e á Allemanha
- Para ellas não fazerem gritaria
- Vossas vastas colonias; certa manha
- Para que me deixassem socegado
- Conquistar Portugal de lado a lado.

## LV

- Como fosse impossivel realisar
- Este plano grandioso, por vocês
- Mandarem os Braganças bugiar
- Implantando a Republica de vez,
- Pensei d'outra maneira em me vingar
- Assoalhando o nome portuguez,
- E dando o apoio ao Paiva revoltado,
- Contra todo o direito consignado.

## LVI

- Oh! que não sei de nojo como o diga!
- Que, crendo que Couceiro venceria,
- Tive uma dôr enorme de barriga
- Ao vêr que elle, vencido, se fugia!
- Adeus! P'ra sempre adeus, visão amiga,
- Que, em sonhos lédos, leda me surgia!
- Já não sou Canalejas, o Terrivel,
- Sou um vime portatil e flexivel!!—

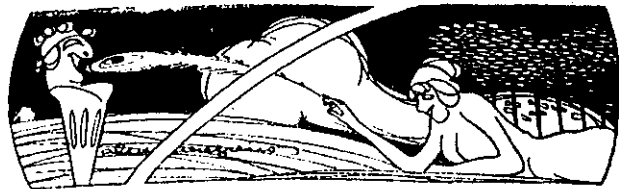
## LVII

Ouviu-se um chôro grosso e magoado,  
 Um soluçar plangente e lamentoso.  
 Faustino alçou a vista, inda assustado:  
 Nada viu! O colosso portentoso  
 Já no ether se tinha evaporado.  
 E Faustino só viu, já não medroso,  
 No céu remoto as pállidas estrellas,  
 Da casta Lua eternas sentinellas.

FIM DO CANTO III

## Argumento do Canto IV

Bacco ós republicanos aconselha  
A que esqueçam promessas, que fizeram,  
E a que tratem mas é com segurelha  
De pagar-se do muito, que sofreram.  
Um sermão de quaresma á moda velha  
Sobre o rumo, que as coisas escolheram.  
E ao Teófilo se pede por favor  
Que abençoê do poema o pobre auctor.



## CANTO IV

### I

Descoberto o caminho luminoso  
Para esta Patria entrar em nova fase  
De progresso e de luz, paz e repouso,  
Bem firmado o regime em forte base,  
Removido o obstáculo teimoso  
D'esse Couceiro, hoje lendario quasi,  
Tudo pensou que se ia finalmente  
Entrar na boa estrada ousadamente.

### II

Tudo o indicava: a lésta actividade  
Dos sãos propagandistas d'outros tempos;  
A lucta accesa em prol da liberdade,  
Com desprezo por duros contratempos;  
A guerra sem quartel, sem piedade,  
Contra o que a vida leva em passatempos,  
De victualhas enchendo a lauta meza  
A' custa do povinho sem defeza.

### III

Tudo o indicava: a voz, que nos comicios  
Mostrava ao povo em verbo eloquente  
Portugal a cair nos precipicios  
Para onde o arrastavam, inconsciente;  
A voz, que lhe apontava os beneficios  
Que traria a Republica fulgente;  
A voz, que erguia o brado de revolta  
Contra a oppressão, que andava ahi á solta.

## IV

Tudo o indicava: a firme decisão,  
Que se lia nos rostos inflammados  
Dos oradores d'alma e coração,  
De remover escândalos passados.  
De trazer ao paiz a quietação,  
De o erguer por processos não usados  
Ao nível das nações, onde se cria  
Que isto estava peor, que na Turquia!

## V

Faziam tão gentis promettimentos,  
Que tu, maravilhado, pobre Zé,  
Estavas prompto a todos os momentos  
P'ra refilar, para fazer banzé  
Contra os que te oprimiam, odientos.  
Tu tinhas esperança, tinhas fé  
Em que elles te abririam afinal  
As portas do Paraiso terreal.

## VI

Esmagava-se a pérfida cabeça  
Dos filhos de Loyola, a negra seita,  
Em que o progresso são sempre tropeça!  
Portugal ia ávante d'essa feita  
Eram promessas tais, tanta promessa,  
Que a mente humana facilmente acceita,  
Que depois do seu sonho realisar  
Se pense em trabalhar, não em folgar.

## VII

Assim devia ser. Emfim bannidos  
Os infaustos reinantes brigantinos,  
Aos apóstolos foram commettidos  
Da nascente República os destinos,  
Para darem vasão aos promettidos  
Elixires miríficos, divinos,  
Apregoados durante a opposição  
Como único remédio p'ra a Nação.

## VIII

Porém o amigo Bacco, que inclinado  
Fora sempre aos gentis republicanos,  
Achou ser merecido e bem pensado  
Que após o trabalhar de tantos annos  
Elles se divertissem um bocado;  
E resolveu da mente nos arcanos  
Dar-lhes inteira e plena liberdade  
Para que elles gosassem à vontade.

## IX

Depois de ter um pouco compulsado  
Na mente as trabalheiras, que passaram,  
Os desgostos, que haviam suportado  
Nos tempos, que ominosos se chamaram,  
E os dias em que tinham jejuado  
E as maçadas enormes, que aturaram,  
Decidiu como prémio e recompensa  
Dar-lhes um certo tempo de licença.

## X

Algum repouso, emfim, com alegrias,  
Que os pudessem um pouco compensar;  
Pois que afinal a vida são dois dias,  
Que é preciso saber aproveitar,  
E o tempo não vai bom para arrelias.  
Isto posto, dá voz de destroçar  
E aponta da República aos senhores  
Os encantos da Ilha dos Amôres.

## XI

Iam os fortes nautas navegando  
Pelas tranquillias ondas sabiamente,  
Quando viram para elles vir andando  
Uma ilha formosa e resplandente  
Tocado pelo Zéfiro mais brando,  
E estacar quando esteve bem de frente.  
Mudam logo de rumo, amainam vélas  
E aproam para a ilha as caravellas.

## XII

A ilha era um conjuncto de bellezas  
 Capazes de tentarem mesmo um santo!  
 Sobre a praia estão postas várias mezas  
 Repletas d'acepipes—um encanto!—,  
 Com licores subtis, com sobremezas  
 Convidando ao repasto sacrosanto.  
 E mais além, dos bosques nas clareiras,  
 Fugiam sombras rápidas, ligeiras.

## XIII

Logo ha ordem geral de desembarque  
 Aos sãoos republicanos, e tambem  
 Ordem para que a gente toda marque  
 O logar, que na meza mais convem.  
 Muitos se espalham léstos pelo parque  
 E sem dizerem nada a mais ninguem:  
 Viram correr uns vultos na floresta,  
 Querem saber que estranha coisa é esta.

## XIV

Alguns abancam logo; que a natura  
 Esfaimada e voraz lhes não consente  
 Irem d'outros manjares á procura  
 Quando já teem que comer na frente.  
 Mas outros acham que é pouca a fartura  
 E lançam-se a correr ousadamente  
 Em busca d'outra caça, que mais grossa  
 Enfartar mais o estomago lhes possa.

## XV

Andavam pelos bosques espalhadas  
 Conforme do Deus Bacco as ordens claras  
 As ninfas mais formosas e prendadas  
 E que eram de seus dons menos avaras.  
 Bacco as tinha tambem industriadas  
 Para aos lusos fazerem boas caras  
 Se alguns d'elles, afoitos com mulheres,  
 Lhes tentassem fazer seu pé d'alferes.

## XVI

Algumas pelos lagos se banhavam  
 Nuas em pello e sem nenhum disfarce,  
 E alli aos quatro ventos patenteavam  
 O que a natura deu para mostrar-se.  
 Outras com véus de gaze entreoccultavam  
 O que nunca devêra sonegar-se  
 A' vista dos mortais, que o Deus Cupido  
 Co'as venenosas settas ha ferido.

## XVII

Umás á fresca sombra preguiçando  
 Deitadas nos tapetes de verdura;  
 Outras passeando, rindo e conversando  
 Descuidosas dos bosques na espessura,  
 Qual de gazellas timidas um bando,  
 Que o caçador não sentem, que as procura.  
 Tais andavam as ninfas sublimadas  
 Pelas diversas partes espalhadas

## XVIII

Avançavam os lusos audazmente  
 Quando, por entre a verde ramaria,  
 Começam de enxergar subitamente  
 As ninfas que o bom Bacco offerecia  
 Aos seus queridos nautas de presente.  
 E logo se levanta a gritaria:  
 «Sigamos estas deusas lisongeiras  
 «A vêr se falsas são, se verdadeiras!...

## XIX

Isto dito, desatam a correr  
 Após as ninfas, que, por velha manha,  
 Assustadas, começam-se a esconder;  
 Mas os lusos, ardendo em féra sanha,  
 Não perdem a esperanza de as vencer,  
 E cada qual se esforça em vêr se apanha  
 Aquella que Cupido brincalhão  
 Primeiro dardejou com certa mão.

## XX

Algumas já cançadas e vencidas  
 Se deixam ir dos lusos alcançando;  
 Outras jogam ainda as escondidas  
 Mais os desejos sevos atijando;  
 Mas pouco a pouco todas derretidas,  
 A dura crueldade abandonando,  
 Vão cahindo nas mãos dos luzitanos  
 Dispostas a pagar perdas e damnos.

## XXI

Oh que pagode immenso na floresta!  
 Que bacchanal, que orgia, que prazer!  
 Que afagos tão suaves! E que festa,  
 Que a pena se recusa a descrever,  
 Porque, afinal, contado isto não presta!  
 Como Camões, limito-me a dizer:  
 —Melhor é experimental-o que julgal-o,  
 —Mas julgue-o quem não pôde esp'riminal-o.

## XXII

Tendo assim mitigado a sêde ardente  
 De quem já não bebia ha muitos annos,  
 Vieram para a meza finalmente  
 Tomar logar os bons republicanos  
 P'ra acalmarem o estomago exigente.  
 A' noite houve balões venezianos,  
 Foguetes, sol e dó, *marche aux flambeaux*  
 E o mais que o deus das bórgas inventou.

## XXIII

Dest'arte se passaram largos dias,  
 Em que as antigas mágoas se olvidaram  
 No tumultuar continuo das folias.  
 Assim os altos deuses compensaram  
 Toda a casta de dôres e arrelias,  
 De que os republicanos se fartaram  
 Antes que enfim tivessem realiado  
 A aspiração do sonho seu doirado.

## XXIV

Mas não julgueis que esta ilha dos Amores  
 Tal como a apresentei é verdadeira;  
 Que as ninfas que pintei com debeis côres,  
 Como premio de lucta e de canseira,  
 E que a mesa repleta de licôres,  
 Convidando ao festim, á bebedeira,  
 Foram coisa real. Calculo errado:  
 Que eu fallei em sentido figurado.

## XXV

A ilha tão cantada é Portugal,  
 As ninfas os empregos mais chorudos,  
 A mesa o orçamento nacional,  
 Os nautas os mandantes mais graúdos;  
 E toda aquella infrene bacchanal,  
 Os gritos satisfeitos dos ventrudos,  
 O clamor dos que ainda não jantaram,  
 Os risos dos que já se saciaram.

## XXVI

Cada qual n'essas horas de ventura  
 P'lo fumo da victória embriagado  
 Tratou de contentar a gula impura  
 Esquecendo o que havia reprovado  
 Na imprensa e nos comícios com voz dura.  
 Restauraram-se os tempos do passado;  
 Não se mudou de nórma; simplesmente  
 Se variou de rótulo e de gente.

## XXVII

Já não é o pachá dos navegantes  
 Quem governa os destinos da nação;  
 Mas lá temos ao leme trez mandantes,  
 Cujá rija, pesada, inhabil mão  
 Faz com que isto prosiga como d'antes.  
 Melhoramentos sérios onde estão?  
 Onde existe obra d'esses estadistas  
 Que seja boa e não fogo de vistas?

## XXVIII

Elle era o bacalhau quasi de graça,  
Os impostos bannidos totalmente,  
Os cofres da nação cheios de massa,  
O povo administrado sabiamente,  
Não havia mais fome, nem desgraça,  
O *deficit* coberto finalmente,  
As dividas saldadas n'um momento,  
Medidas de riqueza e de fomento ;

## XXIX

O povo disfructando a *Liberdade*  
De opiniões, d'imprensa e religião ;  
O paiz mergulhado na *Igualdade*  
Que nivela o ricaço e o pobretão ;  
O reino da ideal *Fraternidade*  
Implantado de vez n'este torrão ;  
O inculto Portugal tornado emfim  
No mais risonho e flórido jardim.

## XXX

E tudo isto ás mancheias entornado  
Com tal profusão e tanto brilho,  
Que em pouco nós veríamos mudado  
N'um Portugal janota e peralvilho  
O velho Portugal esfarrapado.  
E destruído emfim todo o empecilho  
Entrávamos n'outra epoca melhor  
Toda feita de paz, trabalho e amor !

## XXXI

Mas com que topa a vista curiosa  
Se se espraia por essas terras fóra ?  
O cáos, a ruina pavorosa,  
O ódio, a confusão perturbadora,  
A vil perseguição religiosa,  
A emigração em massa assustadora,  
O paiz todo immerso em convulsões,  
Atulhadas de presos as prisões ;

## XXXII

Os tubarões comendo á regalada,  
Os impostos terriveis augmentando,  
A vida cada vez mais carregada,  
O Parlamento inutil parolando,  
A divida a subir á descarada,  
O paiz descontente murmurando  
(Mas em surdina, pois se a voz levanta  
O peixe-espada tapa-lhe a garganta) !

## XXXIII

Eis o que a vista vê de mais real  
Se não 'stiver turvada de poeira :  
Vê o sr. Ferreira do Amaral,  
Jungido á democratica fileira,  
Fallar sobre a defesa nacional  
Sentindo agora em si veia guerreira,  
E a cédula impingir a toda a gente  
Para o paiz se armar bélicamente.

## XXXIV

Vê o povo já quasi sem vintem,  
Dos mandões acudindo aos altos brados,  
Largar os magros cobres que inda tem  
Para comprar rebustos couraçados,  
Dirigiveis e o mais que lhe convem  
Para os curtos trazerem enganados.  
Não pensando que o menos é compral-os,  
O que custa depois é sustental-os !

## XXXV

Vê que por toda a parte a doce esp'rança  
De ver de novo a Patria resurgir  
Para o progresso são, para a bonança,  
Para um risonho e mais feliz porvir.  
Se vai tornando em triste desesperança.  
Vê pouco a pouco o lento derruir  
De tantas esp'ranças bem fundadas  
Mas tão inglóriamente caducadas.

## XXXVI

E no emtanto, República querida,  
 Se tens seguido ávante e sem tibieza  
 O teu programma, de cabeça erguida,  
 Pensando só da Patria na grandeza,  
 Eras hoje estimada, estremecida  
 Pela grande familia portugueza!  
 Eras mais que uma ideia, que um regimen,  
 Eras o paiz todo sem discrimen!

## XXXVII

Porque não foi a vil cumplicidade  
 Do Teixeira de Souza e companhia,  
 Nem a franca e teimosa heroicidade  
 D'um punhado de bravos de valia  
 Que te implantou n'esta gentil cidade.  
 Foi sim a vaga esp'rança e sympathia  
 Que te acolheu n'essa difficil hora  
 Como uma deusa nova e redemptora.

## XXXVIII

A monarchia torpe e escandalosa  
 A todos repugnava co'os seus erros,  
 Dominada pela horda vergonhosa  
 De comilões famintos e de perros.  
 E tu surgias digna e magestosa  
 Para a Pátria livrar dos duros ferros;  
 Surgias como após a noite escura  
 Se mostra a luz do sol radiante e pura.

## XXXIX

Tinhas palavras mágicas de encanto  
 Nos lábios que um sorriso illuminava;  
 Vinhas solicita enchugar o pranto  
 Que os rostos opprimidos mundava;  
 Carinhosa estendias o teu manto  
 Sobre o triste paiz que agonisava;  
 De bençans te cobria a Patria inteira  
 Que em ti punha a esp'rança derradeira.

## XL

Mas olha em volta; o que descobre a vista  
 O povo retrahido, apavorado,  
 Ao vêr dos erros teus a fertil lista;  
 Um gesto de desanimo cansado  
 Por vêr, que em vez da promettida pista  
 O caminho seguido foi errado.  
 E mudados os rostos dos amigos  
 Em rostos d'odientos inimigos.

## XLI

Escuta agora: o que ouves tu em volta?  
 Vozes amigas reprovando o mal,  
 Que deixaste medrar como herva solta;  
 Um grito, um lamentar universal,  
 Como que um ecco surdo de revolta,  
 Que fermenta de novo em Portugal;  
 Brados de desalento, e maldições,  
 Que te chegam do fundo das prisões.

## XLII

Põe ponto nos teus erros: põe de parte  
 Os processos errónios, que seguiste;  
 Governa com mais tacto e com mais arte;  
 De sobre nós afasta a nuvem triste  
 E verás que ainda ha de abençoar-te  
 O povo portuguez, que redimiste.  
 Que o teu reinado seja de clemencia,  
 Não um reinado d'odio e de violencia.

## XLIII

Abandona essa ilha dos Amores.  
 As delicias de Capua deleitosa,  
 Cujos prazeres vão e enganadores  
 Podem fazer-te a vida tormentosa.  
 Não tens sofrido poucos dissabores  
 Na tua vida airada e descuidosa,  
 E deves já saber quanto amargura  
 Uma hora de prazer e de loucura.



## XLIV

E sobretudo varre do teu seio  
Os espiritos vis e aventureiros,  
Que se servem de ti como de um meio  
Para o alcance de fins interesseiros.  
Varre esses parasitas, que no aneio  
De saciar apetites carneiros  
Se agarraram a ti, só tendo o intento  
De governar a vida a seu contento.

## XLV

E no teu grémio acolhe complacente  
Toda a grande familia portugueza.  
Não sejas um partido simplesmente,  
Rodeado de duvida e incerteza:  
Sê de todo o paiz a mãe elemente;  
Que ás vezes o que muito se despreza,  
O que se põe de lado e se dispensa,  
Vem mais tarde a fazer-nos differença.

## XLVI

Mas basta de sermão e de conselhos,  
Que eu cá nem padre sou, nem conselheiro  
E' mania que vem dos tempos velhos  
Toda a gente palrar do seu poleiro  
Homens, mulheres, velhos e fedelhos;  
Que não ha portuguez bem verdadeiro  
Que não julgue que tem dentro do peito  
O germen d'um talento de respeito.

## XLVII

Mas já me vai cansando a inspiração  
Do vôo tão seguido e demorado;  
Só me resta pedir a protecção  
Do patriarcha das letras encartado:  
—Oh Teofilo Braga, oh sabichão.  
—Abre o teu guarda-chuva celebrado  
—Sobre a minha cabeça e, complacente,  
—Deita a benção ao pobre irreverente!

## XLVIII

—Tu, que já és das musas conhecido  
—E do cantante Apollo commensal,  
—Tu, que és tão respeitado e tão querido  
—Por todo o florecente Portugal,  
—Conduze-me ao olympto esclarecido  
—No teu *Carro do Povo* triumphal,  
—E diz ao mundo em epico arremesso  
—Que eu sou novo Camões... feito de gesso.

DICCIONARIO MYTHOLÓGICO  
DOS  
VOCABULOS INSERTOS NO POEMA

**A****Abel Botelho**

Semi deus litterário, afilhado de Marte e de Minerva  
*Vid. adhesivo.*

**Adamastor**

Espécie d'espírito malfazejo invocado pelo *medium*  
Camões como pretexto para mais umas oitavas.

**Adhesivo**

Animal de côr incerta, provido d'uma glândula de  
colla tudo, que adhere pela barriga a qualquer coisa  
que possa alimentar.

**Afonsinas**

Género de fazenda da lavra Grandella, que serve  
para vestir os filhos dos deuses e dos semi-deuses.

*Vid. Grandella.*

**Afonso Costa**

Nova encarnação do Hércules antigo. Os seus traba-  
lhos não são inferiores aos do outro. Não separou os  
montes Calpe e Abyla porque já estavam separados;  
mas separou a Igreja do Estado, coisa muito mais gran-  
diosa. Tornou a matar a hydra de Lerna, que havia re-  
suscitado e passado a chamar-se Companhia de Jesus.  
Destruiu ás fréchadas os pássaros de bico amarello que  
viviam no lago estagnado da Monarchia. Foi proclama-  
do rei das Feministas, uma especie de Amazonas moder-  
nas, mas sensivelmente menos fornecidas dos dons de  
graça e formosura. Derribou vários gigantes. Limpou  
Portugal á força de leis e de decretos. Venceu dois con-  
correntes no concurso de Economia politica.

E ainda a procissão vai no adro...

**Afonso Gaio**

Dramaturgo infeliz. Reformou o theatro Nacional.

**Alexandre**

Deus da oratória. Tambem é conhecido pelo nome  
de Braga.

**Aljubarrota**

Villória onde, no tempo de João I, os hespanhoes apa-  
nharam para seu tabaco. Pátria da padeira, que reduziu  
a pão sete espanhoes, que se haviam escondido dentro  
do forno, talvez com frio.

**Almeida**

Este é D. João d'Almeida, um dos que se revoltaram  
contra os deuses do olympo. Foi agarrado em Chaves e  
mettido na Penitenciária. Para outro Almeida, *vid. Anto-  
nio Zé.*

**Almeidista**

Os *evolucionistas* sacerdotes do deus António Zé.

**Altruista**

O que é capaz de tirar a camisa e dal-a aos pobres.  
*Avis rara...*

**Alto Commissário**

Mortal feliz, favorecido dos deuses.

**Antonio Zé**

Deus da brandura e da bondade. Anda em lucta greco romana com Hércules. Crê-se que é o mesmo que a Lura. Representa-se com a cabelleirã solta ao vento e o coração nas mãos. Patrono dos professores primarios. Terror dos ratos.

**Arcada**

Grande templo consagrado á deusa Politica.

**Arriaga**

Pai putativo dos deuses. Jupiter não tunante nem tonante.

**Atestado**

Papelinhos com a assignatura de Machado Santos que elle distribuiu com fatura, como réclame á Fabrica d'Herois da Rotunda.

**Augusto**

Deus que preside aos partos... diplomáticos.

**Avenida**

Artéria principal do olympo, onde toca a música aos domingos.

**Averno**

O antigo Inferno, destruido agora por Hercules.

**Azevedo**

E' o Azevedo Gomes, deus da Preguiça.

**B****Bacalhau**

Tambem conhecido por *fiel amigo*. Alimento preferido pelos mortais.

**Bacco**

Deus antigo, mas ainda adorado por todo o portuguez: que se préza.

**Barreto**

Tambem conhecido por Xavier e por Correia. E' o velho Marte, inventor da pólvora sem fumo.

**Bemfica**

Villa Olympica.

**Bernardino**

Mãe dos deuses. Deusa do sorriso, da cordialidade e da diplomacia. Representa-se de *frack* e barba branca, tendo ao lado o Christo que lhe pouza a mão no hombro. (Ideia do célebre Apelles lusitano Baeta Dias).

**Bismarck**

Bisbórria allemão, com pretensões e estadista.

**Bonança**

Patriarcha da democracia, que alguém quer tirar da bonança para o atirar ás tempestades da vida politica.

**Braamcamp**

Presidente da Assembleia dos deuses. Um infiel convertido á nova crença.

**Britista**

Por outros nomes, *camachista* ou *unionista*: sacerdote do deus Brito Camacho.

**Brito Camacho**

Deus do Talento, do Journalismos e da Higiene. O que com as suas piadas diverte os outros deuses, quando estes estão atacados de melancolia. Representa-se com a farda de capitão-médico sobre a nudez angulosa do corpo cabelludo.

**C****Calino**

Tipo de pateta alegre, de que se faz menção nas folhinhas e nos almanagues.

**Calhariz**

Palácio do deus Brito Camacho.

**Camacho**

Ha trez: o Brito (*vid. Brito Camacho*), o Innocéncio (*vid. Innocéncio*) e o Jorge, um dos revoltados contra os deuses. Residente em parte incerta.

**Câmara**

Trata-se da Câmara Municipal, uma velha avarenta e rica, que é capaz d'emprestar dinheiro a juros e morrêr de fome... para poupar.

**Camões**

Infeliz e desconhecido poeta portuguez, de que só resta a quadra seguinte.

Camões, poeta zarolho,  
Assim me chamam vocês;  
Mas vejo mais por um olho  
Do que vocês pelos tres.

**Carbonário**

Guerreiros ás ordens dos deuses. Elevados á categoria de semi-deuses depois da reforma do Olympo. Gente arisca e mal encarada, que se entretem a brincar o S. João com bombas fortes de mais.

**Caronte**

Cidadão barqueiro, encarregado de levar no seu bote

as almas dos mortos para o Inferno. Está hoje aposentado.

### Carvalho

General precioso, passado depois á galeria dos jarrões velhos e inúteis.

### Canalejas

Ministro espanhol pouco amigo dos nossos deuses. Como já morreu, cobardemente assassinado, não se diz aqui mais nada.

### Castellar

Semi-deus espanhol destronado.

### Caudillo

Os deuses, antes de serem deuses. Denominação genérica de todos os deuses d'importancia. Uma coisa que tende a desaparecer.

### Cédula

Papelinho inventado pelo Ferreira do Amaral para esmifrar mais duas coroas a cada mísero mortal.

### Celestino

Deus dotado de muitas aptidões. Especie de recheio para toda e qualquer pasta ministerial.

### Celórico

Semi-deus meio calino, celebre pelo discurso feito no Algarve: *oh Carlos! Carlos! Quando as ondas... oh Carlos! Carlos!* etc...

### Centro

São designados pelo nome geral de *Centro* os templos dedicados a qualquer dos deuses maiores e onde os respectivos sacerdotes exercem o seu culto. Praga muito espalhada não só no olympo, como ainda por todo o Paraíso terreal.

### Cerveira

Rival de Ganymedes. Mortal raptado pelos deuses democráticos e levado em triumpho para o olympo, onde está sentado á mão esquerda de Hercules.

### Chagas

Deus fulminado pelo António Zé, e desterrado para o sertão parisiense.

### Cheviote

Fazenda de que são feitos no Grandella os célebres fatos por 3. 500 reis. O *frack* da mãe dos deuses é feito d'esta fazenda.

### Chiado

Artéria importante do olympo.

### China

Paiz onde os negócios são de x. p. t. o. Terra d'onde vem o chá, bebida reprovada pelos deuses, com excção do Bernardino.

### Christo

Cidadão que viveu ha 1913 annos. Morreu aos 33 annos, espetado n'uma cruz, por ter a mania de andar sempre a fazêr comicios por toda a parte.

### Coutinho

Um dos revoltados contra o poder dos deuses.

### Credo

Oração resada pelos mortaes e de que os deuses não gostam lá muito.

### Crítica

Deusa para uso externo.

### Cupido

Um bréjeirão de um deus, que patrocina as maroteiras amorosas.

## D

### Democracia

Regimen em que vivem os deuses.

### Deputado

Mortais elevados á categoria de semi-deuses, cuja missão é reunir-se n'uma sala muito bonita, em amphiteatro, para discutirem o que mais convem ao mundo. Tudo gente escolhida. Ganham cem mil reis por mês.

### Diario do Governo

Jornal onde os deuses expõem as suas vontades, e onde dão conta aos míseros mortais das leis que houveram por bem decretar para seu bem e prosperidade.

### Diestro

Mortal que, armado d'uma capa e d'uma espada, mata toiros para divertir os outros mortais.

### Directório

Uma coisa, que depois de não ser, ainda é e continuará sendo. E' a fábrica encarregada pelos deuses de fabricar os deputados.

### D. Manoel

Antigo pai dos deuses, desthronado por ser criança e mandado em degredo para o sertão.

### D. Miguel

Nova edição de D. Sebastião, correcta, augmentada e com gravuras.

### D. Pepito

O mesmo que Canalejas. *Vid este nome.*

### D. Quichote

Valentão que batia nos moinhos de vento. Foi inventado por Cervantes.

**Dramatico**

Sobrenome dos afonsistas, devido a elles andarem sempre a representar.

**Duarte Leite**

Summo sacerdote do deus Brito Camacho.

**E****Egas Moniz**

Um dos mortais escolhidos para deputado, que fez melhor figura no Parlamento.

**Espregueira**

Semi-deus financeiro do tempo da outra senhora, notavel pelas suas falcatrúas.

**Estevam**

Tambem dá pelo nome de Vasconcellos. E' o deus da gordura.

**Estrella**

Bairro do olympto.

**Euzêbio**

Cognominado o Leão. Foi director da Fabrica do deputados (*vid. Directorio*), e depois exilado para a cidade dos papas.

**F****Faustino**

Um dos três sábios do olympto. (Os outros dois são Nunes e Menezes; *vid. estes nomes*), Matador d'Ignês de Castro (*vid. Ignês*); inimigo de tudo quanto cheirar a realza e preconceito.

**Ferreira do Amaral**

Almirante da esquadra democratica. Papa-jantares famoso. Dá tambem pela alcunha de *makavenco*.

**Fraternidade**

Uma das 3 pessoas da Santissima Trindade democratica. E' a que preside á cacetada.

**Freitas Ribeiro**

Semi-deus de 4.<sup>a</sup> ordem, sem importancia.

**Forceps**

Ferrinhos para uso occulto, muito empregados pelo dr. Augusto (*vid. Augusto*).

**França Borges**

O mesmo que Atlas, que sustenta as columnas do *Mundo*. Deus da má-língua.

**Fiscalisação**

E' a Fiscalisação das sociedades anonymas, criada para dar de comêr aos que tinham fome. O Director d'isso ganha trez contos e seiscentos por anno. Dahi a allusão do poeta...

**Flanella**

Fazenda bôa e quentinha.

**G****Gaby**

Dansarina, que se apaixonou pelas libras do antigo pai dos deuses. Segundo alguns cronistas é careca, usa cabelleira postiça. Em todo o caso... *tomáral-a tu p'ra mim...*

**Grandella**

Fornecedôr e alfaiate dos deuses.

**Graça**

Bairro do olympto.

**Guarda muncipal**

Corrupção de *Guarda Municipal*, guarda d'honra dos antigos deuses, agora mudada em *Guarda Republicana*. O seu papel—d'uma como d'outra—é dar p'ra baixo nos mortais retilões.

**H****Heróis do mar**

Todos aquelles que se tornaram notaveis pelos seus feitos em terra.

**Homem Christo**

Gigante vencido por Hércules e depois rebellado contra os deuses.

**I****Ignês**

Uma senhora, que depois de morta foi rainha, e que, depois de morta e rainha, foi barbaramente assassinada por Faustino. (*vid. este nome*).

**Innocencio**

Deus arrancado dos bancos da Escola Politécnica, onde morria ignorado o seu talento, e sentado no Banco... de Portugal. (*vid. Tubarão*).

**J****João 1.<sup>o</sup>**

Um sujeito que, ha muitos annos já, tambem foi deus mas que teve o desfastio de se deixar morrer.

**Jesuita**

Bicho de 7 cabeças que Hércules matou com uma pennada.

**João Franco**

Ferrabraz do tempo da outra senhora, que ia deixan do os actuais deuses a pão e água.

**Jornalismo**

Valla commum onde vai parar quem não tem geito para mais nada. (Ha excepções). Porta-voz da critica e da má-língua.

**Junqueiro**

E' Apollo barbilongo, com incrustações diplomaticas. E' o complicado autôr dos *Simples*.

**K****Kropatchek**

Engenho composto d'um pedaço de madeira de fôrma especial, terminado por boccados d'aço oco, onde se mette um pózinho chamado polvora e umas coisinhas compridas chamadas balas. Serve para matar.

**L****La Pallisse**

Calino traduzido para francês.

**Leão**

*Vide Euzebio.*

**Lemos**

Justiceiro braço esquerdo de Hercules.

**Liberdade**

E' a primeira pessoa da Santissima Trindade democratica.

**Lima**

Tambem chamado Magalhães. Caixeiro viajante dos deuses e deus elle mesmo. Grão-mestre tres pontinhos. Por um triz que não ficou sendo o pai dos deuses.

**Lumiar**

Arrabalde do olympo.

**M****Machado Santos**

Deus, a quem os outros deuses devem o bem-estar, mas a quem não ligam nenhuma. Representa-se; ou tendo na mão um machado com que derruba a arvore apodrecida da monarchia, ou tendo *n'uma mão sempre a espada e n'outra a penna.*

**Macieira**

Braço direito de Hercules. Menino e moço o foram buscar aos arraiais socialistas e o trouxeram para o campo olympico dos deuses omnipotentes.

**Magalhães**

E' o Alfredo. Deus que disse que era capaz de cortar a cabeça ao pai se este fosse conspirador. Já foi *Alto Commissario (vid. este nome).*

**Má-lingua**

Formosissima madama, por quem o deus França Borges se morre de amores.

**Marche aux flambeaux**

Festas nocturnas em honra dos deuses.

**Martinho**

Centro politico do cavaco entre deuses, semi-deuses e simples mortais. Quartel general da má-lingua.

**Metternich**

Misero mortal austriaco, com fumaças de grande estadista.

**Monarchia**

Sistema retrógrado por que os antigos deuses queriam reger a pobre humanidade.

**Mundo**

Porta-voz do grupo dos deuses dramaticos.

**Menezes**

Um dos tres sabios olympicos, de quem se pode dizer o mesmo que um poeta gracioso disse do semi-deus Carlos Amaro:

João de Menezes tem Génio,  
Tem Génio com grande G;  
Mas é como o oxygenio:  
Existe... mas não se vê.

**N****Nunes da Matta**

O terceiro sabião do olympo pela ordem alfabetica, mas o primeiro pela sabedoria. Os poetas costumam consagrar-lhe o mel e as abelhas. E' o deus da piada fallada. Tomou por trespasses a ideia de Icaro e subiu de aeroplano. Entre os deuses é considerado como uma especie d'avósinha, que conta historias da carochinha para adormecer os bebés. Representa-se dirigindo um aeroplano deslisando n'um ar de mel e puchado por duas abelhas. Inventou as horas.

**Nunes da Ponte**

Conhecido tambem pelo Zé da Opa. Deus meio posto de parte, por ser beato de mais.

**Nymphas**

Cidadãos pouco honestas de que fala o Camões.

**O****Ominosa**

Sobrenome da monarchia. (*Vid. este nome.*)

**P****Pádua**

O semi-deus deste nome, a que se allude no texto é Padua Correia, floridissimo deputado de cabelleira.

**Paiva Couceiro**

Chefe dos gigantes revoltados contra o poder dos novos deuses.

**Paivante**

Nome genérico por que são conhecidos todos os gigantes revoltados (*Vid. nome anterior.*)

**Palla**

Um dos rebellados contra os antigos deuses que, ao cheirar-lhe a esturro, teve o bom senso de pôr a pelle no seguro.

**Parlamento**

Alguns auctores chamam-lhe *Palramento*. Nome que

se dá simultaneamente á casa onde se reúnem os deputados e ao conjunto d'estes. A casa tem muitas cadeiras em semi-circulo, que teem a facultade de, quem n'ellas estiver sentado, ganhar 3 333 reis por dia.

### Pavorosa

Regabofe com sabrada e mólho de polvora com que os antigos deuses abatiam as fumaças dos míseros mortais.

### Pedr' Alvares Cabral

Um pateta dos tempos antigos, que teve a má-sorte de descobrir o Brasil. Amigo intimo e admirador do deus Faustino.

### Peixe-espada

Género d'alimento que os mortais comem pelas costas por mandado dos deuses. Manjar confeccionado pelas *Guardas*.

### Pilatós

Personagem lendario, que tinha a mania de lavar as mãos diante de toda a gente para provar que era limpo. O deus oposto ao deus Brito Camacho. Foi mettido á força no Crédo. (*Vid. Credo*).

### Politica

Senhora muito porca e de maus costumes, da grande privança dos deuses. Pomo da discórdia entre os deuses. E' cega e surda, mas tem uma lingua descommunal. E' venerada no altar-mór da Arcada. (*Vid. Arcada*).

### Pombal

Estatua bem vestida, que está sempre a apontar para o mar, e que serviu de modelo a Hercules e a Macieira.

### Povinho

A humanidade em geral. Bombo em que os deuses rufam nos dias de gáudio. Representa-se com cara de palerma, sendo muito bem levado nos contos do vigario que lhe queiram impingir.

### Pimenta

Sacerdote picante do deus António Zé.

### Presidente

Titulo do pai dos deuses.

### Provisório

O primeiro governo, que regeu os novos deuses após a victória sobre os velhos e que, depois de ser provisório, foi definitivo. Machina de fazer leis.

## Q

### Quim

E' o Quim Martins, semi-deus guloso de *Champagne*

## R

### República

Regimen avançado, por que se governam os deuses

actuais. Tem tres irmãs: Liberdade, Igualdade e Fraternidade.

E' tambem o nome do porta-voz dos almeidistas.

### Relvas

Semi-deus rico, remetido para Espanha como contrabando diplomatico.

### Ribamar

Arrabalde do olympo.

### Rocio

Praça central do olympo Sitio historico das pavorosas. Logar onde o Povinho gosta de comer de vez em quando a sua posta de peixe espada.

### Rostand

Petimetre francês imitador d'Afonso Gaio. (*Vid. Afonso Gaio*).

### Rotunda

Sitio historico, em que se feriu a batalha decisiva entre os antigos e os novos deuses. Fabrica d'heroes de via reduzida. Logar onde esteve toda a humanidade nos dias 3 e 4 d'outubro de 1910.

### Ripópó

Musica olympica muito em voga.

## S

### Salmeron

Republicano hespanhol, que não valia um centavo comparado com os nossos.

### Senado

Assembleia magna dos deuses. Agrupamento de homens célebres.

### Senador

Nome dado a todo o que faz parte do *Senado*. Os mais notaveis são: Faustino e Nunes. (*Vid. estes nomes*). Ganham 3. 333 reis por dia.

### Sepulveda

Revoltado contra os novos deuses.

### Sidónio

Financeiro do olympo, celebre pelos orçamentos que fez.

### Silêno

Gordo companheiro inseparavel do deus Baccho nas suas bórgas. Bêbedo incorrigivel.

### Silva

E' o Antonio Maria, conselheiro dos deuses e topa-a-tudo olympico. E' a nova encarnação do deus Mercurio, de pêra e sem azas nos pés.

### Silveira

Chefe da policia olympica.



**Sol-e-dó**

Musica muito em voga no olympo.

**T****Teixeira de Sousa**

Antigo deus, que atraioou os collegas e gosa agora fóros de semi-deus aposentado.

**Thalassa**

Herva má que cresce nos fertes campos do Paraiso terreal. Os deuses mandam arrancal-a frequentes vezes e recolhel-a a uns celleiros especiais, que teem o nome de prisões. O só respirar tais hervas produz sonhos maus aos novos deuses.

**Theofilo Braga**

Novo Confúcio da religião dos deuses. Representa-se sentado n'um *Carro do Povo*, tendo entre os joelhos a inseparavel *malva* sobre que apoia as mãos.

**Thomaz Ribeiro**

Pretencioso poeta, auctor do D. Jayme.

**Tolentino**

Outro poeta, que fazia versos para apanhar jantares aos ricos fidalgos.

**Tubarão**

Animal fabuloso. Ordinariamente teem a cabeça muito pequena e o estomago extraordinariamente desenvolvido. São tão vorazes, que alguns auctores dizem que elles teem o estomago sem fundo, como o tonel das Danaides. Vivem em rebanhos pelo olympo e são muito venerados pelos deuses.

**U****Unionista**

Nome dado aos sacerdotes de Brito Camacho. E' o mesmo que *camachista* ou *britista*.

**V****Vasconcellos e Sá**

Um dos summos sacerdotes do deus Antonio Zé.

**Venus**

Antiga deusa do amor.

**Z****Zé Barbosa**

Deus descobridor e colonizador da Guiné.

**Zé Luciano**

Antigo pachá dos Navegantes, hoje muito decahido. Favorito dos antigos deuses. Nas horas vagas cultiva o celebrado *Champagne* da Anadia.

**Zephyro**

Vento suave, que faz deslizar os navios em maré de rosas.